

2.º CICLO DE ESTUDOS
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

***NÃO É BOM VAREIRO QUEM NÃO É
TERCEIRO! - A Procissão dos Terceiros de Ovar***
**Relatório de Estágio na Casa-Museu de Arte Sacra da
Ordem Terceira de São Francisco de Ovar**

Ricardo Rodrigues Pinho

M

2022



Ricardo Rodrigues Pinho

***NÃO É BOM VAREIRO QUEM NÃO É
TERCEIRO!* - A Procissão dos Terceiros de Ovar**
**Relatório de Estágio na Casa-Museu de Arte Sacra da
Ordem Terceira de São Francisco de Ovar**

Volume Principal

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientado pelo Professor Doutor Nuno Resende.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Ricardo Rodrigues Pinho

***NÃO É BOM VAREIRO QUEM NÃO É
TERCEIRO! - A Procissão dos Terceiros de Ovar***
**Relatório de Estágio na Casa-Museu de Arte Sacra da
Ordem Terceira de São Francisco de Ovar**

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientado pelo Professor Doutor Nuno Resende.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

À Avó Zeza

Sumário

Declaração de honra.....	8
Agradecimentos.....	9
Resumo	10
Abstract.....	11
Índice de figuras.....	12
Lista de abreviaturas e siglas mais comuns	14
Lista de acrónimos.....	15
Introdução	16
Revisão da literatura	24
Problemáticas e Objetivos	29
Metodologia	31
Organização dos capítulos.....	32
Capítulo 1 – Relatório de Estágio	34
1.1 Atividades desenvolvidas.....	35
1.1.1 Contacto com a realidade	36
1.1.2 Inventariação.....	36
1.1.3 Visitas orientadas e exposições temporárias	40
1.1.4 <i>Devoção aos Sagrados Corações</i>	41
1.1.5 <i>Oragos Owarenses</i>	43
Considerações finais sobre o estágio.....	44
Capítulo 2 – De Cabanones a Obal - Síntese Histórica	46
2.1 Do Patrono de S. Cristóvão às devoções da comunidade: Paisagem Religiosa de Ovar ...	48
2.2 As Invocações Contemporâneas	52
2.2.1 Igreja Matriz.....	53
2.2.2 Capela De Nossa Senhora da Graça	57
2.2.3 Capela de Santo António.....	59
2.2.4 Capela de Santa Catarina	62
2.2.5 Capela de S. Pedro ou do Calvário	64
2.2.6 Capela de S. Miguel	65
2.2.7 Capela das Almas ou de Nossa Senhora do Parto	66
2.2.8 Capela da Misericórdia.....	68
Capítulo 3 – As Procissões	69
3.1 As Procissões na memória coletiva de Ovar	71

3.1.1 Procissões Ordinárias em Ovar	74
3.2 Os cerimoniais da Quaresma e Semana Santa	76
Capítulo 4 – Não é bom Vareiro quem não é Terceiro – A Procissão das Cinzas em Ovar	83
4.1 Um préstito com mais de três séculos	84
4.2 A Procissão no tempo – composição e estruturação	85
4.3 A atual imaginária processional dos Terceiros	109
4.4 Melhoramentos e aquisições através da análise dos livros de Atas	136
4.5 Os itinerários processionais – Permanências e alterações	145
Considerações Finais	148
Fontes e Referências.....	150
Fontes primárias	150
Bibliografia	151
Sítios em linha consultados	155
Anexos.....	156
Ficha de Inventário nº 1 – Nossa Senhora da Conceição	156
Ficha de Inventário nº 2 – Bem Casados – S. Francisco entregando a Regra a S. Lúcio e Santa Bona	164
Ficha de Inventário nº 3 – Santa Rosa de Viterbo	172
Ficha de Inventário nº 4 – S. Francisco lançado às silvas	181
Ficha de Inventário nº 5 – Santa Margarida de Cortona	188
Ficha de Inventário nº 6 – Santo Ivo da Bretanha	197
Ficha de Inventário nº 7 – S. Roque de Montpellier	207
Ficha de Inventário nº 8 – S. Luís Rei de França	215
Ficha de Inventário nº 9 – Santa Isabel da Hungria.....	225
Ficha de Inventário nº 10 – Santa Isabel de Portugal.....	235
Ficha de Inventário nº 11 – Santo António de Lisboa	245
Ficha de Inventário nº 12 – Santa Clara de Assis.....	253

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Ovar, 16 de setembro de 2022

Ricardo Rodrigues Pinho

Agradecimentos

Estou grato por todas as palavras, por todos os atos de amor, por tanta paciência demonstrada por aqueles que me acompanharam ao longo destes dois longos anos.

Antes de mais, uma palavra de agradecimento e reconhecimento ao Professor Doutor Nuno Resende, orientador deste estágio, não só pela disponibilidade imediatamente demonstrada no primeiro contacto, bem como pela sua paciência e apoio revelado no decurso de todo este processo. À Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar, que abriu as portas para me acolher de uma forma entusiasta e que nunca me negou nenhum pedido, mesmo quando a tarefa era complexa. De uma forma admirável, à Ministra da VOTSF, Vera Marques Cruz, que não apenas acompanhou o processo desde o primeiro dia como se revelou uma verdadeira amiga mesmo nas horas mais difíceis em que nada parecia fazer sentido, à Margarida Martins, por toda a ajuda com as fotografias, à Aida Coelho, por tantas vezes me ter ouvido, e ao Dr. António França por toda a disponibilidade demonstrada e por tantas portas me ter aberto.

Agradeço naturalmente, aos responsáveis por ter chegado até aqui, que sempre acreditaram que a educação e a formação seriam a maior riqueza de um ser humano, os meus pais, que tanto sofreram com o meu mau feitio, mas que no final serão sempre os primeiros a bater palmas.

Gratidão a todos os que de algum modo partilharam um pouco da sua vida comigo e que me moldaram ao que hoje sou.

Resumo

A Procissão dos Terceiros de Ovar, ou das Cinzas como foram vulgarmente conhecidas estas manifestações públicas da Ordem Terceira de S. Francisco, realizada a cada ano no segundo domingo do tempo quaresmal, é das únicas resistentes ao desígnio dos tempos, que outrora percorriam as ruas de algumas das principais cidades e vilas portuguesas.

Trata-se de uma procissão religiosa católica de grande aparato cénico como aliás sempre caracterizou as grandes procissões de penitência franciscana, porém com um envolvimento socio/cultural que ultrapassa largamente as ilhargas da religião, com uma profunda marca no seio da comunidade local.

O estágio na Casa-Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar, teve como finalidade pôr em prática uma série de conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso de formação, visando compreender o envolvimento da comunidade nos *Terceiros*.

Compreender que este acontecimento ultrapassa a esfera do sagrado é ainda uma miragem em Ovar, sendo um exemplo claro a cada vez maior dificuldade de concretizar as Procissões Quaresmais, bem como o cada vez menor envolvimento da comunidade.

Contudo, e sendo esta uma tradição cujo estado de transmissão ainda se mantém ativo, e sendo encontrada uma clara necessidade de registo, arquivo e criação de memória, sobre todo o processo de montagem da Procissão dos Terceiros, foi desenvolvido, no contexto de estágio, um projeto de registo e salvaguarda de todos estes bens, envolvendo toda a comunidade franciscana ovarense, bem como os zeladores dos andores.

Palavras-chave: Procissão, Património Religioso, Franciscanismo;

Abstract

The “*Procissão dos Terceiros de Ovar*”, or “*das Cinzas*” was known as the public manifestation of *Ordem Terceira de S. Francisco*. It was held each year on the second Sunday of Lent and is one of the few resistant to the design of the times, which once roamed the streets of some of the main Portuguese cities and towns.

It is a Catholic religious procession with a great scenic apparatus, like the great Franciscan penitence processions. However, it has a great socio/cultural involvement that goes far beyond religion, marking the heart of the local community.

The purpose of the internship, in the “Casa-Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar”, was to put into practice a series of knowledge acquired throughout the training course, to understand the involvement of the community in the “Terceiros”.

It is important to understand that this event goes beyond the sphere of the sacred, which is still a mirage in Ovar. One example is the great difficulty in carrying out the Lenten Processions, as well as the little involvement of the community.

Since this is a tradition whose state of transmission is still active, where was found a clear need for registration, archiving, and creation of memory, about the entire assembly process of the *Procissão dos Terceiros*, in the context of the internship, a project was developed for the registration and safeguarding of all these assets, involving the entire Franciscan community of Ovar, as well as the caretakers of the “*andores*”.

Key-words: Procession, Religious Heritage, Franciscanism;

Índice de figuras

Figura 1. Ato de "armar" as imagens - S. Roque.	37
Figura 2. Recolha de dados - Santa Margarida de Cortona.....	39
Figura 3. Visitas Guiadas.	40
Figura 4. Cartaz de Exposição "Devoção aos Sagrados Corações"	41
Figura 5. Cartaz da Exposição "Oragos Ovaenses"	43
Figura 6. S. Cristóvão	48
Figura 7. Interior da Igreja Matriz de Ovar (inícios do séc. XX)	54
Figura 8. Altar de Nossa Senhora da Ajuda (Capela de Santo António).....	60
Figura 9. Altar-mor (Capela de Santo António).....	61
Figura 10. Altar-mor (Capela de S. Miguel) - 1957	66
Figura 11. S. Francisco de Assis	86
Figura 12. S. Luís Rei de França	86
Figura 13. Procissão dos Terceiros - Encargos de S. Luís (1962).	107
Figura 14. Imaculada Conceição.....	110
Figura 15. Santa Margarida de Cortona	111
Figura 16. Santa Isabel de Portugal.....	111
Figura 17. Santa Isabel de Portugal.....	112
Figura 18. Santa Isabel de Portugal.....	112
Figura 19. Santa Margarida de Cortona	113
Figura 20. Santa Margarida de Cortona	114
Figura 21. Santa Clara de Assis.....	116
Figura 22. Santa Clara de Assis.....	119
Figura 23. Santa Clara de Assis.....	121
Figura 24. Santo António.....	124
Figura 25. Santo António.....	124
Figura 26. Santo António.....	124
Figura 27. S. Luís Rei de França	126
Figura 28. S. Luís Rei de França	126
Figura 29. S. Luís Rei de França	126
Figura 30. S. Luís Rei de França	127
Figura 31. Santo Ivo.....	128
Figura 32. Santa Isabel da Hungria.....	128
Figura 33. Santa Margarida de Cortona	128
Figura 34. Santa Margarida de Cortona	129
Figura 35. Santa Isabel da Hungria.....	129
Figura 36. Santo Ivo.....	130
Figura 37. Santo Ivo.....	130
Figura 38. Cabeça primitiva de Santo Ivo.....	130
Figura 39. Santo Ivo.....	131
Figura 40. Santa Isabel da Hungria.....	132
Figura 41. S. Francisco lançado às silvas	133
Figura 42. S. Francisco lançado às silvas	133
Figura 43. Santa Rosa de Viterbo	134
Figura 44. Santa Rosa de Viterbo	134

Figura 45. Santa Rosa de Viterbo	135
Figura 46. Trajeto da Procissão dos Terceiros na atualidade.....	145
Figura 47. Trajeto da Procissão dos Terceiros em 1962.....	146
Figura 48. Procissão dos Terceiros (década de 70 do séc. XX)	147

Lista de abreviaturas e siglas mais comuns

PE.	PADRE
CMO	CÂMARA MUNICIPAL DE OVAR
Nº	NÚMERO
s./d	SEM DATA
FIG.	FIGURA
DR.	DOUTOR
STº/a	SANTO (A)
SÉC.	SÉCULO
N. SR.ª	NOSSA SENHORA
S.	SÃO
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Cf.	CONFERIR OU CONFRONTAR

Lista de acrónimos

ACMAS ARQUIVO DA CASA MUSEU DE ARTE SACRA DE OVAR

ACMF ARQUIVO CONTEMPORÂNEO DO MINISTÉRIO DAS
FINANÇAS

ISP IRMANDADE DO SENHOR DOS PASSOS

VOTSF VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Introdução

Data de 1634 a disposição geral do Papa Urbano VIII que permitiu a instauração da Ordem Terceira de S. Francisco em vilas e pequenas povoações, contudo “(...) os estatutos geraes, que as regularam, fôram publicados sómente em 1689 (...)”¹ já no papado de Inocêncio V, e após a fundação da instituição na então *Villa de Ovar*.

A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco foi fundada em Ovar em 1660, possivelmente impulsionada por um sermão, realizado na Igreja Matriz, em 1959, pelo Frei Luís de São Francisco, dos frades menores do Porto².

A primeira mesa da instituição é eleita a 3 de dezembro desse ano, na capela-mor da Igreja Matriz de Ovar:

“Aos 3 dias do mês de desbro deste presente Anno [...] Villa de Ovar na ig^a matriz desta se achou presente o [...] s Sr. Procurador e Commissario visitador da venerável ordem [...] terceira de nosso s. P. S. Fr.co em todo o Bispado do porto ep[...] dito q suposto ate este tempo não aviaõ Irmãos professores [...] villa e agora professavaõ alguns de que era necess^o fazer termo [...] eleição de Ministro e maioffaes na forma da nova [...] charidade q os sumos pontificies lhe tinhaõ comittido, cu[...] notus e im potestatis, mandou a mi o Irmaõ Pe Joaõ dOliv^a [...]ve p e escrevesse os termos das entradas o professores q nos [...] dia se fiseraõ e da eleição tambem neste dia se há de [...] logoo, e eu como fallo da obediência logo acceitei o d cargo [...] o termo da eleição pellas man^a seguinte.

Em nome de Deos Ame. P. Fes pe[...] tres pessoas e hove so lhes seguisse a eleição q se fes nesta villa de [...]ar [...] de Misnistro e mais offaes q há se servir o Anno segte [...]ra os Irmãos professores por sedulos secretos seguindo. [...] da vera. P^a Ministro o P. Gabriel Roiz com nove v[...] p^a secretario o Pe. Joaõ dOliv^a com onse votos p^a di[...] o Irmão Chritovaõ Soares. com dose votos e o P. Si[...] Vte com sinco votos p^a sindico Mel Duarte com sete [...]tos Vig^o do culto devino o pe Fd^o de mges com outo votos pos zeladores os Irmãos estavã fr^o com de

¹ Lúrio, 1994: 87

² Costa, 1967: 21

votos e g^{ar} Roiz com cinco votos e p^a mestra das noviças a Irmã Beati da Fca e com isto ouve a eleição por feita a qual foi logo publicada na mesma capella maior da ig^a matrix e ditudo o sobe [...] comissário fazer este termo (...)”³

Através deste excerto, não só percebemos a composição e distribuição de cargos no primeiro ato capitular da VOTSF de Ovar, como é perceptível que até à data, não haviam irmãos professores.

Contudo, e dado o facto deste excerto contar do *1º Livro de actas desta Veneravel Ordem, 1660-1695*, à data desaparecido, cingimo-nos à análise de Sofia Vechina, que dá nota da sua consulta em 2011.

Segundo esta, assinaram a referida ata o Comissário Visitador, frei Luís de São Francisco, o Ministro, Pe. Gabriel Rodrigues, o Secretário, Pe. João de Oliveira, o Síndico, Manuel Duarte, o Vigário do Culto Divino, Pe. Fernando Magalhães de Azevedo, os zeladores, Estevão Fr. E Edgar (?) Rodrigues, o Discreto da Mesa, Cristóvão Soares Coelho e o Discreto da Ordem, Simão Valente de Almeida. Segundo Sofia Vechina, Beatriz Fonseca, eleita mestra das noviças, não terá assinado o documento.

Então instituída em Ovar, tomou como padroeiro S. Luís Rei de França⁴, e esteve inicialmente sob jurisdição direta do Convento de S. Francisco do Porto, ligação essa cortada, segundo Arada e Costa, em 1779⁵. A autonomia é concedida pelo bispo do Porto, a 14 de fevereiro de 1785, sendo essa mesma decisão corroborada pelo Papa Pio IV, a 6 de fevereiro de 1787, e concedido o beneplácito pela rainha D. Maria I, a 6 de março de 1787.⁶ Os primeiros estatutos da VOTSF de Ovar datarão de 1694, eram compostos por 36 capítulos por onde então se passaram a reger⁷.

O Pe. Manuel Lírio indica que “Foi tal o fervor que a nova devoção despertou entre os ovarenses, que toda a gente se inscreveu logo;”⁸, contudo, esta afirmação indica o célere sucesso e ascensão desta ordem mendicante na comunidade, abrindo caminho à

³ Vechina, 2011: 79 – Referente ao livro de Atas desaparecido

⁴ *Ibidem*.

⁵ Costa, 1967: 25

⁶ *Ibidem*, p. 37-46.

⁷ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

⁸ Lírio, 1994: 88

explicação para a primeira referência documental conhecida, relativa à Procissão dos Terceiros, realizada já em 1663, apenas três anos após a instauração da VOTSF em Ovar. Contudo, será o texto de J. Campos, que justifica as motivações para a adesão à VOTSF, e o rápido crescimento desta em Ovar:

“Devido ao espirito da época, profundamente religioso, e também ás indulgencias, prerogativas e vantagens, quer materiaes quer espirituais, concedidas a todos os irmãos professos que andassem em dia com os seus anuaes, via a Meza crescer semana a semana o numero dos seus confrades, vindos de todos os ofícios e camadas sociaes.

E tambem nessa época em que cada classe, as do sangue, as da inteligencia e as do trabalho, tão bravamente se isolava para defender vem com o orgulho dos seus maiores e com a força das suas regalias e privilegios, a Ordem, mercê das suas regras, atraía poderosamente os humildes. ”⁹

No entanto, outro motivo que pode explicar o rápido crescimento desta instituição em Ovar serão as fundamentais questões da morte e da *paz das almas*, nela tratadas de igual forma, fosse qual fosse a proveniência do extrato social:

“Dentro desta confraria e principalmente na morte, todos eram eguaes. O pobre como o rico, o fidalgo como o plebeu, vestido com habito destamenha que levára ás procissões, aos enterros e ás d’esobrigas, ía de casa para a sepultura que o esperava na capela da Graça, na Egreja, no adro ou depois no cemitério, com o mesmo cerimonial, acompanhado de todos os irmãos e da Meza.”

Cedo se revela a importância do acompanhamento dos irmãos à sepultura, prova disso são as determinações a este rito, de 14 de março de 1661, onde “(...) determinaraõ q por cada hu dos Irmaõs q facerere se dissesse sinco missas per cada Hum dos quaes se daria [...] esmola sinqta reis e dado caso queira altar privilegiado [...] alguã lg^a desta villa

⁹ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

nella se dirão as ditas missas (...) no dia do falecimento do Irmaão e não podendo ser se siraão logo no outro dia segte (...).”¹⁰

Contudo, outras irmandades já antes demonstraram a importância das preces aos mortos:

“ (...) foi esta [a Irmandade do Senhor dos Passos] a primeira corporação religiosa ovarense que começou a anunciar com sino próprio o falecimento de seus membros e a recomenda-los assim ás preces de toda a população. Um homem, envergando uma opa rôxa ou um capêlo de serafina entretelado de holandilha de retroz, saía tocando uma campainha por toda a freguesia, a notificar o nome do irmão falecido e a hora do funeral.”¹¹

A relevância do cerimonial fúnebre era de tal forma importante na vida da comunidade e destas agregações religiosas que são regidos por regras muito bem definidas.

Na Ordem Terceira de S. Francisco: “Só os professos deviam e podiam conduzir o esquife, igual ao que hoje vae na procissão do Enterro, e onde todos cabiam por maiores que fossem seus méritos e virtudes e dele o cadaver era depositado na terra sob o ultimo memento do padre comissário.”¹²

Na Irmandade do Senhor dos Passos: “De forma que havia o costume de, pouco antes do saimento se realizar, partirem da egreja o juiz de sôbre peliz e vara na mão, o secretário de opa roxa, hasteando a bandeira, ladeado por quatro irmãos com luzes e a tumba para transportar o cadaver. (...) O pároco ou seu representante não punha nunca o préstito em andamento, sem que chegassem em acto procissional a Irmandade e se incorporasse.”¹³

Em ambas as corporações religiosas eram inclusive aplicadas multas pela falta ao ato do enterro de qualquer irmão:

¹⁰ Vechina, 2011: 79 – Referente ao livro de Atas desaparecido

¹¹ Lório, 1922: 37

¹² Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

¹³ Lório, 1922: 37

Sobre a VOTSF diz-se: “E aí daquele que faltasse, estando na vila, sem motivo justificado, porque pagava com arreteis de cêra o descuido ou a rebeldia.”¹⁴

Já na ISP: “(...) é, a obrigação de todo o irmão resar por cada irmão falecido, dez padre-nossos e dez ave-marias. Além disso eram obrigados a assistir ao entêrro sob multa de 10 reis, aplicáveis em missas por alma do finado e que os doridos tinham o direito de cobrar, os confrades do logar. (...) Quem dêstes [Mesários], avisado, faltasse pagava cem reis para missas pelo defunto”¹⁵

Todavia, e apesar de todas as diferenças, conseguiremos traçar uma imagem da relação entre a VOTSF, a confraria recém-chegada, e a Irmandade do Senhor dos Passos, uma das mais antigas e implantadas devoções ovarenses?

A ausência de documentação torna difícil compreender com clareza de que modo interagiriam as duas associações religiosas, contudo, face aos dados recolhidos, podemos afirmar que foram, e são ainda, as mais importantes e influentes irmandades no território owarenses. Contudo, talvez face à inicial proteção da ISP pelos Condes da Feira, essa sempre gozou de um estatuto especial, em especial nas camadas mais elevadas da sociedade civil, sendo exemplo concreto a construção da capela própria, o Pretório, no interior da Igreja Matriz, ainda na primeira metade do séc. XVIII, localização por si só interessante dado que a Igreja Matriz se trata do mais antigo, maior e o verdadeiro centro religioso da comunidade, e, pouco tempo depois, em meados do século, o restante conjunto das seis Capelas dos Passos.

Contudo, e se inicialmente a VOTSF se sediou na Igreja Matriz, já em 1662 é referenciada a eleição “(...) logo publicada na Capella de N Snar da Graça”¹⁶, ou seja, pressupõe-se que já acontecera uma transferência para a Capela de Nossa Senhora da Graça, desconhecendo-se, porém, os motivos para tal mudança.

Contudo, e sendo esse o principal templo mariano owarenses, sede de outras irmandades, nomeadamente a da padroeira, Nossa Senhora da Graça, não seria intenção da VOTSF a

¹⁴.Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

¹⁵ Lúrio, 1922: 37

¹⁶ Vechina, 2011: 79 – Referente ao livro de Atas desaparecido

construção de uma capela própria, com implantação semelhante à que aconteceu com a ISP?

Esse pensamento de facto aconteceu e é descrito como “(...) preocupação dominante da ilustre Mesa, presidida por Salvador da Rocha Tavares Corte Real”¹⁷. Estaríamos em torno do ano de 1787¹⁸.

Esta mesma capela que nunca passou de uma miragem, “(...) deveria erguer-se no sitio do Cruzeiro, pouco mais ou menos aonde hoje é o jardim do chafariz principal.”¹⁹. Sendo que, para essa construção, “(...) seriam sacrificadas as casas do Dr. Oliveira Pinto e Luís Gomes Neves, de boa vontade cedidas por seus proprietários para o fim em causa.”²⁰

Contudo, “(...) á Ordem não foi possível suplantar a Irmandade dos Santos Passos, de quem continuava a ser rival, pela falta d’influencias locais, que não tinham voz na côrte.”²¹, sendo indicado por Arada e Costa, como principal responsável para a não construção do templo, o Vigário, que “(...) procurava tolher todos os passos da Ordem.”²²

Ainda assim, a VOTSF não poupou esforços afim de tornar possível a construção da capela, chegando mesmo a endereçar à rainha um pedido para a concessão de um benefício, semelhante ao que havia sido concedido à ISP e que possibilitou a construção das Capelas dos Passos, desta feita, sobre o *Rial de Água*.

Todavia, esse *Rial* nunca foi concedido, sendo concedido apenas por parte da monarca a quantia de dois contos e cem mil reis, valor semelhante igualmente dado à Confraria do Santíssimo Sacramento²³.

Ainda assim, a aquisição das imagens e alfaias da Procissão dos Terceiros obrigaria à obtenção de novas soluções para “(...) as guardar em logar proprio e decente”²⁴, surgindo então a Casa da Ordem.

¹⁷ Costa, 1967: 47

¹⁸ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Costa, 1967: 47

²¹ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

²² Costa, 1967: 47

²³ *Ibidem*, p. 49

²⁴ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

Inicialmente, esse espaço da VOTSF, localizar-se-ia no Cruzeiro da Graça, alugado a Nicolau Ferreira de Campos, pela quantia de 150 reis mensais, onde se manteve até à aquisição da casa atual, a meio caminho entre a Igreja Matriz e a Capela de Nossa Senhora da Graça, atual Rua Gomes Freire, em 1780²⁵.

Este novo espaço, inicialmente apenas composto pelo rés do chão, foi adquirido ao alfaiate Pedro Campos por *vinte seis mil e quinhentos reis livres e forros*²⁶, para os quais terá emprestado 2\$400 reis, o irmão João Caetano de Carvalho²⁷.

Ao longo do tempo, o edifício foi muito alterado, sendo alvo de constantes melhoramentos e aquisições, nomeadamente o revestimento da frontaria a azulejo e a construção dos nichos, em 1882, e a construção dos pisos superiores, em 1942²⁸. Contudo, também designada por Casa de Despacho, foi ponto de recolha de inúmeras peças da paróquia, irmandades e de particulares, sendo convertida em Casa-Museu em 1973.

Enquanto ordem religiosa, sempre seguiu estatutariamente as normas definidas, contudo, também elas alvo de constantes adaptações. No século XVIII, eram tidas em conta as seguintes:

“1.º - Em 25 de Agosto, era festejado o patrono da Ordem, S. Luís Rei de França.

A festa constava de missa solene, pregação e procissão, com a imagem do Santo.
(...)

2.º - Em 17 de Setembro, comemoravam festivamente as Chagas de S. Francisco.

3.º - Em 4 de Outubro, tinha lugar a festa patronal, precedida de tríduo de pregação e procissão.

4.º - Ao outro dia da festa de S. Francisco, se a liturgia o permitia, cantavam à tarde Vésperas e, na manhã seguinte, Matinas em sufrágio aos irmãos falecidos.
(...)

²⁵ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

²⁶ Costa, 1967: 64

²⁷ ACMA – Conjunto de dois documentos referentes a empréstimo e compra da casa.

²⁸ Costa, 1967: 64-68

5.º - Na segunda domingo do mês era celebrada a Missa da Rassoura – igual para todos, vivos e mortos.

6.º - Socorrer os irmãos peregrinos.

Eram muitos os peregrinos que por aqui passavam a caminho de S. Tiago de Compostela aproveitando o meio de transporte pela Ria para encurtar caminho.

7.º - No dia de Pentecostes, invocavam os sete dons do Espírito Santo e missa solene.

8.º - Às quartas e sextas-feiras, Penitência e Via Sacra.

9.º - Na Quaresma, à sexta-feira, rezavam a coroa seráfica, havia sermão e o cântico da Stabat Mater.”²⁹

Já no século XX, Arada e Costa dá-nos as *letras vigentes*:

“1.º - Festa patronal no dia 4 de outubro ou domingo seguinte.

2.º - Procissão das Cinzas, no 2.º domingo quaresmal.

3.º - Procissão do Ecce-Homo, em quinta-feira Santa, denominada o *Terro-terro*.

4.º - Via-Sacra em sexta-feira Santa.

5.º - Promover o mês de Maria.

6.º - Recitação do Rosário no mês de Outubro.

7.º - Preces e procissão de Penitência por ocasião de calamidades públicas.

8.º - Sufragar as almas dos irmãos falecidos com a celebração de uma missa em particular.

9.º - Acompanhar à sepultura os irmãos falecidos.

10.º - Mandar celebrar na primeira segunda-feira do mês uma missa pelas intenções dos irmãos vivos e falecidos e ainda pelos benfeitores da Ordem.

²⁹ Costa, 1967: 34-35

Esta missa era outrora chamada a Missa da *Rassoura*.”³⁰

Nos nossos dias, e tendo em conta a constante adaptação ao tempo que também estas instituições sofreram, a atividade da VOTSF cinge-se às reuniões mensais e encontros regionais e nacionais, sendo, ainda hoje, as Procissões Quaresmais, a mais notável marca religiosa no concelho de Ovar.

Revisão da literatura

A temática das Procissões de Cinza é automaticamente rotulada como um campo de estudo onde já se desenvolveu algum material académico e reflexão, bastando para isso lembrar Natália Marinho Ferreira-Alves e as suas inúmeras produções no campo do estudo da dita Venerável Ordem Terceira do Porto, destacando a arquitetura e das artes aplicadas, com especial ênfase à talha, mas também no sentido daquilo que é o nosso foco de investigação, o cerimonial público das cinzas.

Recorrer à obra *A Procissão de Cinza e a Ordem Terceira de São Francisco do Porto: análise de um esquema devocional*, onde é realizada uma análise detalhada da procissão de grande aparato de Quarta-Feira de Cinzas, e do papel da mesma na sociedade à época, enquadrando histórico/cronologicamente a origem da Ordem e da procissão no Porto, apresentado no V Seminário Internacional Luso-Brasileiro – *Os Franciscanos no Mundo Português II. As Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco*.

Também, e sendo a cidade invicta um campo de estudo específico, foi-nos possível identificar a obra *Elucidário do Viajante no Porto* (1864), de Francisco Ferreira Barbosa, onde é realizada uma jornada pela topografia e geografia do Porto, pelos Monumentos (entre os quais se inclui a Igreja de S. Francisco) e outros pontos de interesse, dos quais destacamos o do movimento religioso, nomeadamente, pelo registo pormenorizado da composição das quatro maiores procissões da cidade à época, uma das quais a das Cinzas.

³⁰ Costa, 1967: 33

Contudo, e porque o objetivo principal é estudar a procissão em Ovar, procurámos compreender em que ponto se situa de momento o conhecimento da História da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar, quer no domínio das fontes, sejam documentais (textuais), visuais ou outras. Uma entrevista inicial com a atual Ministra da Ordem, Vera Marques Cruz, permitiu traçar um cenário de escassa informação, inexistência e/ou desorganização do arquivo da Ordem. Assim, ficámos conscientes sobre a necessidade urgente da recolha, estudo e reflexão das fontes remanescentes, e não apenas sobre a história oral da procissão ou a sua dinâmica ao longo dos séculos na cidade, propondo um olhar congregante sobre a preparação e registo das formas, rituais e práticas de quem ainda hoje se move para perpetuar esta manifestação pública.

Atendendo ainda à dimensão da procissão com os seus catorze andores, mas também aos seus inúmeros intervenientes com uma idade cada vez mais avançada, tornou-se evidente a necessidade de uma imediata recolha de todo o tipo de dados para que, mesmo levando em consideração um eventual fim do acontecimento, fique assim documentado de modo a ser percecionada a importância que tal prática teve, não apenas para a cidade no sentido histórico-cultural, mas em especial na vida de determinadas pessoas que para a sua realização contribuíram.

Posto isto, obrigatoriamente devemos referir alguns recursos bibliográficos, utilizados, nomeadamente, *Ordem Terceira de São Francisco de Ovar Procissão das Cinzas. Uma procissão com três séculos*, de Sofia Nunes Vechina (2013), onde é realizado todo um enquadramento histórico da mesma, movendo-se em reflexões dadas à origem, configuração e reformas tidas no século XVII; a procissão e a autoridade paroquial no século XVIII, mas também um capítulo onde são investigadas as fontes documentais da Ordem existentes, intitulado: *Entre despesas e aquisições. Do século XVIII ao século XXI*; e da mesma autora, *Metodologias para uma inventariação contextualizada do património religioso: A Ordem Terceira de São Francisco de Ovar na comemoração dos 350 anos – Estudo de caso*, publicado na revista DUNAS, na edição XI da mesma (2011).

Outras referências foram identificadas no decurso da nossa investigação, nomeadamente as publicações que de alguma forma mencionam a VOTSF ou a Procissão dos Terceiros, sendo exemplo o *Saibam Quantos...*, de Zagalo dos Santos, editado em 2001 pela CMO, e que resulta na compilação de artigos da autoria do

mencionado, publicado no *Notícias de Ovar* entre 1948 e 1957, crónicas resultadas muitas delas colhidas vox populi ou até mesmo na observação direta do autor dada a ausência de menção de fontes, porém, muito interessante dada a versatilidade das temáticas abordadas, que não deixam de fora a VOTSF, mas também as Procissões Quaresmais e os cerimoniais da Semana Santa em Ovar.

Anterior a essa compilação é a obra *Memórias e Datas para a História da Vila de Ovar*, (1868) da autoria do médico e político Dr. João Frederico Teixeira de Pinho, um interessante exercício, e possivelmente o primeiro do qual temos conhecimento, sobre a afirmação da importância do conhecimento do passado ovarense. Contudo, resume a menção à VOTSF com a sua fundação e a ligação à Capela de Nossa Senhora da Graça, e apenas enumera dez andores então saídos na *Procissão de Penitência*³¹.

No mesmo sentido, surgem outras menções à VOTSF enquanto instituição, seja no *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Aveiro, Zona Norte* (1981)³², mas também noutras publicações de âmbito local e regional como *Monumentos e Instituições Religiosas – Subsídios para a História de Ovar* (1926)³³, do Pe. Manuel Lírio, onde é feita uma breve reflexão sobre a instalação da ordem na comunidade, bem como o relato da situação da mesma à época, resumindo-se igualmente à enumeração dos andores a menção à Procissão dos Terceiros.

Em *Poalhas da história da freguesia e Igreja de Ovar* (1952)³⁴, do Pe. José Ribeiro de Araújo, surgem semelhantes afirmações sobre a instalação da VOTSF, bem como da Casa da Ordem e as suas constantes alterações.

As descrições mais pormenorizadas sobre a história, o funcionamento e obrigações, bem como a descrição do ato processional, aparecem referidas em *História Religiosa de Ovar – Algumas Acheegas* (1967), de Arada e Costa, um ilustre ministro da VOTSF, a quem se deve a criação da CMAS, e cujos seus escritos serviram de base à nossa investigação, tendo ainda em conta que foram as primeiras formas escritas de compilação e registo de memória sobre a instituição e sobre a procissão em Ovar.

³¹ Costa, 1967: 184-185

³² *Ibidem*, p. 180

³³ *Ibidem*, p. 87-92

³⁴ *Ibidem*, p. 32-33

Também a consulta de *O Censual da Mitra do Porto – Subsídios para o estudo da Diocese nas Vésperas do Concílio de Trento* (1972), de Cândido Augusto Dias dos Santos, revelou-se fundamental para a compreensão das distintas organizações administrativas, quer a nível diocesano, quer a nível paroquial, a partir do século XVI, bem como o património sobre sua alçada, e que assim nos possibilitou uma visão alargada sobre o conhecimento e contextualização histórica no século anterior à instalação da VOTSF em Ovar.

Mesmo assim, e não pretendendo pôr em causa a metodologia utilizada em qualquer tipo de investigação até então tida, é comprovada a pertinência do objeto de estudo no sentido a que nos propusemos, dando para tal o exemplar trabalho desenvolvido na ilha de São Miguel, nos Açores, na Ribeira Grande, em prol da implantação franciscana no lugar. A consulta do programa científico da Igreja dos Franciscanos da Ribeira Grande, de Susana Goulart Costa (2013) que assim definiu as bases científicas da exposição de longa duração do chamado Museu Vivo do Franciscanismo foi de grande utilidade para o nosso trabalho.

Paralelamente, e enquadrando as nove ilhas do arquipélago açoriano como importantes centros da espiritualidade franciscana, Duarte Nuno Chaves tem desenvolvido um interessante conjunto de reflexões, destacando *A Venerável Ordem Terceira da Penitência, uma vivência na identidade franciscana no Arquipélago dos Açores* (2012), de pertinente análise face à organização estrutural e comparativa entre a prática Açoriana e a Continental, que da mesma maneira se notabiliza em *Os Terceiros e a sua Procissão de Penitência, Uma memória Franciscana em S. Miguel, Açores, Portugal, dos séculos XVII a XIX* (2018), dos quais se evidenciam as reflexões A memória das procissões de penitência em S. Miguel; Da origem ao apogeu; e Da decadência à extinção.

Ao falarmos das procissões penitenciais da Ordem Franciscana encontramos uma realidade visual idêntica entre todas, foi importante o conhecimento das imagens de vestir enquanto um legado destas manifestações. Para tal, utilizamos a análise de *As Ordens Terceiras no mundo ibérico da Idade Moderna*, sob coordenação de Maria Marta Lobo de Araújo (2019), que assim compilou uma série de estudos que revelam uma clara preocupação com o estudo da orgânica protocolar das procissões de penitência franciscanas, durante o período da Idade Moderna, salientando especificamente o pensamento em prol das imagens, tais como Os Terceiros Franciscanos mestres na arte

processional; A piedade popular no mundo insular e atlântico português; e As imagens processionais no processo de evangelização do Brasil. Desta forma abrimos caminho à realidade atlântica e colonial, em clara menção ao Brasil onde o franciscanismo e as procissões de Cinza refletiram uma interessante semelhança à realidade portuguesa.

Também a tese de doutoramento de Maria Regina Emery Quites (2006), apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas tornou-se uma importante fonte de reflexão pela organização estrutural que perfaz. Intitulada de *Imagem de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*, reflete acerca do conceito destas imagens processionais no seio das Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil, procurando conceitos, antecedentes históricos, classificação, mas também materiais e técnicas, refletindo assim um estudo comparativo das práticas das ordens do litoral (Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) e das ordens em Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, São João Del-Rei e Diamantina), convertendo-se portanto num ensaio que nos permite problematizar a hagiografia e programa iconográfico destas imagens processionais com um claro reflexo da realidade portuguesa.

Não obstante tais contribuições direcionadas para o estudo do mundo franciscano, o nosso pensamento entendeu que tais imagens de vestir e todo este conjunto artístico e devocional de grande aparato que resulta nas procissões de Cinza não constituiu, apenas, um reflexo desta ordem religiosa. Ou seja, entendemos alargar o nosso campo de ação e visão a outras ordens, instituições que, à semelhança das franciscanas também possuem ritos e legados vocacionais próprios, assim como manifestações públicas de aparato com semelhante articulação no sentido visual e da grandiosidade. Para tal, bastará pensar na Ordem Terceira do Carmo e nas suas Procissões do Triunfo, que curiosamente marcavam a entrada na Semana Santa e, portanto, o final do período quaresmal, contrapondo os Terceiros Franciscanos cujo seu desfile marcava o início do mesmo.

Fátima Justiniano, na sua tese em Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016), intitulada *As Imagens da Paixão de Cristo da Procissão do Triunfo, das Veneráveis Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo no Brasil e seus antecedentes portugueses*, baseia-se no estudo destas sete esculturas

devocionais dos diferentes momentos da Paixão de Cristo, que cumpriam uma dupla função, a exibição no programa iconográfico das igrejas brasileiras e na Procissão do Triunfo.

Outros exemplos poderíamos dar, porém achamos que estes seriam os mais significativos ligados à temática. Posto isto, arriscamos afirmar que muitas são as referências dedicadas ao tema de forma geral, e em particular a alguns exemplos, tais como o caso açoriano, mas também o Porto e Braga, tendo curiosamente esta última já sido alvo de uma tese de mestrado em Património Histórico e Turismo Cultural, apresentada por José Alberto Ribeiro ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho em 2016, intitulada *Procissão de Cinzas em Braga (como novo produto turístico) Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Braga*, e que na prática resulta num exercício de reflexão sobre a Procissão de Cinzas que desapareceu do quotidiano de Braga há mais de um século, e numa oportunidade de relançamento da mesma com uma nova dinâmica, aos olhos das necessidades e oportunidades que perfazem a Semana Santa de Braga.

Em suma, verificamos uma grave lacuna no que toca ao estudo de uma forma coesa, transcronológica e integrante sobre a realidade dos Terceiros de Ovar, lacuna essa que nos propomos colmatar.

Problemáticas e Objetivos

A busca pela compreensão da Procissão dos Terceiros em Ovar, leva-nos a interpretar um vasto conjunto de contextos, sejam eles políticos, económicos ou até mesmo sociais, por todo o país, dada a abrangência e importância da VOTSF enquanto instituição religiosa com basta implantação em Portugal, e em particular na *Villa* de Ovar, que desde a segunda metade do séc. XVII a recebeu, e a partir do qual se imprimiu uma importância na história religiosa da comunidade.

No decurso do primeiro ano letivo do Mestrado, foram desenvolvidas uma série de pesquisas e análises que resultaram em investigações que serviram de base à fundamentação teórica deste trabalho.

A problemática principal deste trabalho incide, pois, nas questões, já colocadas previamente em estudos sobre a mesma: *Como estudar nos nossos dias uma procissão originária no séc. XVII? Qual o papel desta manifestação na dimensão sociocultural e religiosa owarenses, na atualidade? De que forma a comunidade acompanha, vivência e olha este cerimonial? Comparativamente com outras manifestações homólogas, quais as semelhanças e diferenças no aspeto organizativo da procissão, na diacronia? Tendo em conta distintos conceitos como religião, religiosidade, será também uma manifestação atrativa para indivíduos sem qualquer crença ou prática regular? Qual a visão de quem contribui ativamente, e nas mais diversas formas, para a manutenção da manifestação ainda hoje? Quais as motivações, sugestões, receios/dificuldades e desafios a ter em conta, hoje e no futuro? As instituições e entidades municipais acompanham esta realização? No que toca não apenas a apoios prestados, quer a nível logístico como financeiros, mas também qual a contribuição das mesmas para ampliar a importância desta realização no seio da própria comunidade, com um especial enfoque nas novas gerações, sem esquecer também a divulgação fora de portas, olhando também como produto turístico? Em que circunstâncias poderemos enquadrar a transmissão desta tradição nos dias de hoje? Quais os graus, se aplicáveis, dos perigos de perda de identidade e/ou risco de extinção?*

Com o levantamento e conhecimento, não apenas do material fotográfico e bibliográfico publicado, como especialmente da documentação de arquivo da VOTSF de Ovar e das instituições públicas da cidade, surge uma outra problemática, entendida como o principal foco da nossa investigação, a necessidade de criação de formas de registo de memórias. Assim, e tomado pelas mais diversas formas, surgiu a necessidade de ouvir e registar em áudio todo o núcleo organizativo da procissão, não só focado na estrutura específica da VOTSF com mesários e irmãos, mas também os vários zeladores, maioritariamente externos à Ordem, e que se revelam peças fundamentais para a compreensão e realização desta manifestação.

Deste modo, a presente investigação delinea o percurso evolutivo da Procissão dos Terceiros em Ovar, ao longo dos seus mais de 350 anos de existência, tendo em conta o seu peso no entendimento da história e religiosidade locais propondo constituir-se um veículo de informação para o futuro, nomeadamente através da inventariação e registo das *vestes de festa* e das imagens da procissão, bem como da forma de vestir e armar os vários andores.

Metodologia

O presente trabalho, adota as normas definidas pelo CITCEM salvo em casos de exceção ou necessidade, dividindo-se em três fases distintas, a Investigação, a Intervenção e a Realização.

Na primeira fase dedicada à Investigação, levou-se a cabo um longo processo de apuração do espólio documental existente nas Reservas da CMAS, bem como uma busca exaustiva dos periódicos locais editados na primeira metade do século XX, procurando referências à VOTSF, às Solenidades Quaresmais e à Procissão dos Terceiros.

Na Intervenção, deu-se o contacto direto com os zeladores dos andores da Procissão dos Terceiros, Irmãos e Mesários da VOTSF, permitindo não só compreender o papel da ordem religiosa e da procissão em Ovar, mas também os anseios e expectativas em pleno século XXI. Durante esta fase, deu-se um longo processo de inventariação das imagens *dos Terceiros*, incluindo todo o enxoval de festa utilizado na atualidade, e o registo fílmico do processo de despir e vestir das imagens.

Na terceira e última fase do estágio, na Realização, foram efetivamente postos em prática todo um conjunto de conhecimentos e competências adquiridos com a licenciatura em História da Arte, bem como com o Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, através da preparação e comissariado do conteúdo artístico para duas exposições temporárias no espaço da CMAS, processo que compreendeu toda a investigação, análise e seleção de peças, bem como a preparação e montagem das

mesmas. Nesta fase, foram ainda desenvolvidas um vasto programa de visitas guiadas ao museu e às exposições, a particulares e a grupos, resultante de parcerias estabelecidas com algumas instituições, como a Paróquia de S. Cristóvão de Ovar, com vários grupos de catequese, mas também os escuteiros do Agrupamento 824 da Torreira (Murtosa), o Instituto Sénior da Santa Casa da Misericórdia de Ovar e o Centro Social Paroquial de S. Pedro de Maceda.

Organização dos capítulos

O presente trabalho é corporizado por um único volume. Neste, são apresentadas as bases ao estudo da Procissão dos Terceiros de Ovar, para o qual se desenvolveu uma ampla investigação sobre a totalidade da paisagem religiosa e devocional na comunidade, bem como os anexos, onde se reúnem todos os dados recolhidos e produzidos durante a realização do estágio.

É composto por quatro capítulos distintos, refletindo sobre o contexto religioso em Ovar, desde a existência de registos até à atualidade, fazendo um paralelo com a implementação de irmandades e ordens religiosas, das quais se destacam a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e a Irmandade do Senhor dos Passos, como as mais duradouras e importantes associações leigas ovarenses, face ao poderio não só material, espelhado nas Capelas dos Passos e bens materiais e imateriais de ambas, mas também na significativa prática religiosa de aparato, refletida nas denominadas Procissões Quaresmais, que não só são as mais antigas formas processionais resistentes na comunidade, como são ainda as mais importantes, face à dimensão sociocultural e religiosas que ainda hoje as sustentam.

No *Capítulo 1 – Relatório de Estágio*, são sistematizadas, no ponto 1.1, todas as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio na CMAS, considerando todo o processo de aprendizagem e de contacto com a realidade da VOTSF de Ovar, sendo o ponto 1.2 reservado ao balanço final e registo de conclusões de toda a experiência, aludindo aos prós e contras encontrados e às mudanças de rumo ocorridas durante a investigação.

O Capítulo 2, intitulado *De Cabanones a Obal – Síntese Histórica*, reflete sobre a fixação da comunidade owarenses, as primeiras formas devocionais e a transição do centro religioso de Cabanões para o de Ovar. São ainda sumarizados o surgimento de todos os oragos e padroados dos templos owarenses bem como a implementação de algumas invocações contemporâneas.

No *Capítulo 3 – As Procissões*, são analisados todos os exercícios processionais realizados em Ovar no período correspondente entre 1900-2020, divididos em Procissões Ordinárias e Extraordinárias, face à realização anual ou de carácter extraordinário da mesma. Neste, são ainda apresentadas as principais considerações acerca dos Cerimoniais da Quaresma e Semana Santa.

No Capítulo 4 – *Não é bom Vareiro quem não é Terceiro – A Procissão das Cinzas em Ovar*, são apresentadas as variadas formas de apresentação e estruturação do ato processional, ao longo dos séculos, com as suas constantes mutações, bem como um estudo sobre a atual imaginária utilizada na procissão. São ainda sistematizadas as melhorias e aquisições possíveis de datar através do levantamento nos livros de Atas da VOTSF e pelas menções encontradas nos periódicos locais.

Finalmente, em anexos, encontramos as doze fichas de inventário das imagens da Procissão dos Terceiros, tendo ficado excluídos dois andores, a Visão de S. Francisco e o Andor da Ordem, dada a impossibilidade de os montar.

Capítulo 1 – Relatório de Estágio

Com a planificação da proposta de estudo e com o aprofundamento das possibilidades de caminhos a desenvolver, percebemos que o desenvolvimento de um estágio permitiria, de uma forma plena e dinâmica, um contacto direto com a realidade local, com o meio e com os recursos disponíveis, concretizando assim a proposta mais adequada para a realização da investigação.

Assim, e tendo em conta que a Procissão dos Terceiros de Ovar é o objeto em estudo, e sendo essa procissão uma prática da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, a Casa-Museu de Arte Sacra de Ovar, tutelada e sede da mesma, assumiu-se, de uma forma natural, como instituição escolhida.

Desde o contacto preliminar com a Ministra local da VOTSF, Vera Marques Cruz, que logo existiu uma demonstração plena de abertura ao acolhimento da proposta na instituição, e que se repercutiu, de igual modo, na restante Mesa do Conselho, e que assim possibilitou a realização do estágio na CMAS, entre outubro de 2020 e maio de 2021.

A origem da CMAS deu-se em fevereiro de 1973, com a adaptação do espaço sede da VOTSF de Ovar, inicialmente destinado à acomodação das alfaias da instituição, concretizando, desde então, um espaço de eleição para a divulgação ao público de um diversificado espólio de arte sacra, datável entre os séculos XVI e XXI, proveniente não apenas da VOTSF, mas também de variadas instituições religiosas da cidade e de privados.

Integrante da rede museológica de Ovar, o espaço da CMAS é dividido em três partes distintas, identificadas pela divisão dos pisos do edifício. O rés do chão, composto pela exposição permanente de dezasseis imagens integrantes na Procissão dos Terceiros; o primeiro piso pelas duas salas de exposições temporárias; e o terceiro piso pelas Reservas e Arquivo, este de acesso condicionado.

1.1 Atividades desenvolvidas

Todo o acompanhamento formal e teórico foi da competência do Doutor Nuno Resende, fulcral no desenvolvimento de todo o processo de investigação e elucidação de problemáticas encontradas. Na instituição o acompanhamento deveu-se à supervisão da D. Vera Marques Cruz.

Contrariamente ao definido no cronograma inicialmente proposto, e em acordo com o professor orientador, Dr. Nuno Resende, o estágio iniciou-se no dia 18 de outubro de 2021, tendo-se estendendo até ao dia 31 de maio de 2022. Das 350 horas definidas pela FLUP, alargou-se o período de atividades em mais 350 horas, realizadas em regime de voluntariado, totalizando-se 700 horas.

O estágio alicerçou-se em dois vetores essenciais: a Investigação e a Aplicação Prática dos conhecimentos adquiridos. O primeiro, compreendeu um exaustivo trabalho de recolha, levantamento e observação de documentação, o que englobou pesquisas bibliográficas e iconográficas, não só de documentação arquivada na CMAS, como noutras instituições, tais como a Biblioteca Pública Municipal do Porto e a Biblioteca Municipal de Ovar; visitas de campo para a compreensão da realidade da Procissão de Cinza noutras comunidades, sendo exemplo a visita ao Museu das Cinzas de Vila do Conde, à Igreja dos Terceiros e edifícios anexos, do Porto, à Igreja e Convento de Santo António, de Aveiro, ou até às Igrejas do Carmo, do Porto, Faro e Tavira, onde estabelecemos paralelos com outras procissões de grande aparato cénico, igualmente da responsabilidade de Ordens religiosas, no caso concreto, a Ordem Terceira do Carmo e a sua Procissão do Triunfo; Seguindo-se um longo período de análise dos materiais, que permitiu o estudo e concretização de toda a investigação científica e finalmente a inventariação com a verificação e registo de todas as imagens e enxovais da Procissão dos Terceiros, o que possibilitou um diagnóstico atual do estado das imagens, vestes e alfaia. Já a Aplicação Prática cumpriu-se com o trabalho diário da instituição, a limpeza e manutenção do acervo da CMAS e a possibilidade de comissariar duas exposições temporárias, realizadas no período em causa.

1.1.1 Contacto com a realidade

Numa perspetiva de estudo e aprofundamento sobre identidade religioso/cultural da Procissão dos Terceiros de Ovar, somos obrigados a conhecer um vasto conjunto de fatores internos e externos que nos levem a um conhecimento pleno sobre a realidade desta tradição.

Deste modo, as visitas *in loco* à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar e a frequência das reuniões mensais e encontros da fraternidade, revelaram-se um importante marco, não só para o conhecimento e a vivência da espiritualidade franciscana na sua essência, mas também para alcançar a confiabilidade dos irmãos. Este processo, naturalmente moroso, tornou-se essencial para a compreensão de um vasto conjunto de motivações pessoais de quem forma a VOTSF, mas também de outras pessoas que não fazendo parte da ordem religiosa dão o seu tempo e o seu contributo à organização e realização da Procissão dos Terceiros, e que de igual modo, se tornaram peças fundamentais para o entendimento desta manifestação religiosa.

Contudo, será no processo de inventariação das peças e das imagens que o contributo pessoal dos zeladores e dos irmãos se tornou mais evidente, tendo todos os contactados se demonstrado muito interessados e empenhados no decurso do processo, que resultou no registo de todo o mecanismo de vestir e despir das imagens, previamente previsto, bem como a inventariação das *vestes de festa*. Face ao desenrolar natural das conversas com os envolvidos, tornou-se também um verdadeiro registo de memória de muitas histórias e estórias, que deste modo salvaguardamos. Este procedimento envolveu cerca de duas dezenas de pessoas.

1.1.2 Inventariação

“Por inventário museológico entende-se a relação mais ou menos exaustiva de todos os objectos que constituem o acervo próprio da instituição, independentemente do seu modo de incorporação, e que são passíveis de registo no Livro de Inventário Geral do museu.”³⁵

³⁵ Pinho, Elsa Garret. e Freitas, Inês da Cunha, 2000: 15

Na Lei de Bases do Património Cultural Português, nº 107/2001, onde são estabelecidas as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, são normatizados os princípios do inventário no artigo 19º.

Face às complicações da pandemia Covid-19, a edição de 2022, à semelhança do ocorrido nos dois anos anteriores, foi uma vez mais cancelada, impossibilitando a realização da Procissão dos Terceiros. Contudo, e dada a necessidade urgente de inventariação das imagens e enxovais, uma vez que os dois existentes (o Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917) e o Inventário de 1975) se verificaram obsoletos e exclusivamente referentes à enumeração das imagens e não das vestes, aliando ainda à como a importância de registo da forma de vestir e da compreensão da ligação dos zeladores à VOTSF e às imagens, apresentamos à Ministra local da VOTSF, a 15 de março de 2022, uma nova proposta de realização deste exercício, que apesar de complexa na sua execução, foi prontamente aceite.

Assim sendo, foram numa primeira fase contactados todos os zeladores dos andores da procissão, e agendada, mediante as possibilidades horárias, a retirada das imagens e “armação” das mesmas.



Figura 1. Ato de "armar" as imagens - S. Roque. Fotografia: Margarida Martins (2022)

A segunda fase compreendeu um trabalho de observação e registo, documental, fílmico e fotográfico de todo o processo de despir e vestir das imagens, bem como a análise dos enxovais, dos paramentos, vestes e encargos, mediante o Manual de Procedimentos de Inventário dos Bens Culturais da Igreja³⁶, tendo resultado nas fichas de inventário, na parte 2 dos Apêndices.

Estas doze fichas de inventário, correspondentes a cada um dos andores da procissão dos Terceiros (à exceção do andor da Ordem e Visão de S. Francisco, impossibilitado face à dimensão e formas da mesma), foram ordenadas pela atual ordem de apresentação dos andores no ato processional, ou seja:

- Ficha de Inventário nº 1 – Nossa Senhora da Conceição;
- Ficha de Inventário nº 2 – Bem Casados – S. Francisco entregando a Regra a S. Lúcio e Santa Bona;
- Ficha de Inventário nº 3 – Santa Rosa de Viterbo;
- Ficha de Inventário nº 4 – S. Francisco lançado às silvas;
- Ficha de Inventário nº 5 – Santa Margarida de Cortona;
- Ficha de Inventário nº 6 – Santo Ivo da Bretanha;
- Ficha de Inventário nº 7 – S. Roque de Montpellier;
- Ficha de Inventário nº 8 – S. Luís Rei de França;
- Ficha de Inventário nº 9 – Santa Isabel da Hungria;
- Ficha de Inventário nº 10 – Santa Isabel de Portugal;
- Ficha de Inventário nº 11 – Santo António de Lisboa;
- Ficha de Inventário nº 12 – Santa Clara de Assis;

³⁶ Secretariado Nacional Para os Bens Culturais da Igreja, 2018: 41-71

As fichas de inventário são constituídas por diferentes campos, permitindo uma descrição clara da peça mediante distintos objetivos. No campo, *Identificação da Peça*, são exigidas as informações gerais da peça, tais como a *Instituição/Proprietário*, a *Supercategoria*, a *Categoria* e a *Subcategoria*; mas também a *Denominação*, o *Título* e *Outras Denominações*; Não esquecendo ainda o *Nº de Inventário* e os *Nºs de Inventário Anteriores*;

Sucedem-se outros campos de informação geral da imagem, tais como a *Descrição e Iconografia*, mas também outros técnicos, tendo em conta a aferição das *Dimensões*, a *Autoria*, a *Produção* e a *Datação*, sem esquecer o *Estado de Conservação* e os *Materiais*.

O segundo grande grupo é exclusivamente dedicado aos *Componentes*, ou seja, todo o conjunto das *vestes de festa*, sendo realizada a sua enumeração, mas também a *Descrição* pormenorizada e a análise do *Estado de Conservação* das mesmas.



Figura 2. Recolha de dados - Santa Margarida de Cortona. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Assume-se ainda o campo das *Notas* como um interessante local para o registo de outros elementos sobre as vestes e sobre as imagens, relatadas pelos zeladores, seguindo-se a *Fotografia* de todos os objetos enumerados no inventário, bem como a *Origem*, onde são verificadas a *Proveniência/Historial* da peça, bem como a sua *Função Inicial/Alterações* e a *Localização*.

O processo envolveu todos os zeladores solicitados, à exceção do grupo do andor de Nossa Senhora da Conceição, que face à natureza da imagem não foi chamado, e o mesmo ocorreu com os andores de S. Francisco abraçado a Cristo e do Andor da Ordem,

tendo, porém, sido as zeladoras deste último ouvidas dado que são igualmente as responsáveis pelos Bem Casados.

1.1.3 Visitas orientadas e exposições temporárias

Como forma de aplicação prática de conhecimentos ao nível da história, da história da arte, do património e da cultura local, surgiu, por parte do Serviço do Património Histórico e Museus da Câmara Municipal de Ovar, na pessoa do Dr. António França, o convite para o comissariado de duas exposições temporárias realizadas na CMAS, no período do cumprimento do estágio. Desde então, foi iniciada uma vasta investigação sobre as temáticas propostas, sendo essa a única obrigatoriedade a cumprir:

- Primeiro semestre de 2022: O Sagrado Coração;
- Segundo semestre de 2022: Os Oragos ovarenses.

Deste modo, e tendo em conta o normal funcionamento do museu, foram organizadas visitas guiadas, destinadas a todos os públicos, com ou sem marcação, a todo o espaço da CMAS, com especial incidência nas salas destinadas às exposições temporárias, mas também com marcação prévia, a outros espaços da cidade de Ovar, tal como aconteceu com o Agrupamento 824 da Torreira (Murtosa), com uma visita interpretativa sobre a realidade religiosa owarens e os cerimoniais quaresmais, tendo abrangido não só a



Figura 3. Visitas Guiadas. Fotografia: João Caravela (2022)

CMAS, como a Capela de Nossa Senhora da Graça, a Capela do Calvário e a Igreja Matriz de S. Cristóvão.

1.1.4 *Devoção aos Sagrados Corações*

Uma exposição evocativa do Sagrado Coração, surge no calendário das exposições temporárias da CMAS, como a concretização de uma intenção do saudoso Pe. Manuel Pires Bastos, pároco de S. Cristóvão de Ovar por mais de quatro décadas, falecido a 8 de novembro de 2020. Surgida a oportunidade de a efetivar, foi intenção concentrar as mais relevantes manifestações artísticas desta devoção no território owarenses, permitindo compreender, através de uma concisa seleção de peças, a formação, a importância e a

afirmação deste culto no espaço e na evolução do tempo, paralelamente ao engrandecimento e valorização do património de Ovar.

Por outro lado, todo o processo teve presente uma premissa orientadora, e tantas vezes descorada: Tornar o Museu um espaço vivo, de encontro, mediador preferencial entre o fiel e o objeto de culto.

**CASA MUSEU
DE ARTE
SACRA DA
ORDEM
FRANCISCANA
SECULAR**

23 FEV A 30 JUN

INAUGURAÇÃO
17H30

**DEVOÇÃO
AOS SAGRADOS
CORACÕES**

**HORÁRIO
SEG A SEX
09H30 - 12H / 14H - 17H
SÁB
09H - 12H
ENTRADA LIVRE**



ORGANIZAÇÃO VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO
PRODUÇÃO VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO - PARÓQUIA DE S. CRISTÓVÃO DE OVAR - CÂMARA MUNICIPAL DE OVAR
APOIO PARÓQUIA DE SÃO PEDRO DE OVAR - PARÓQUIA DE SANTA MARIA DE ESMORIZ - PARÓQUIA DE SÃO PEDRO DE MADEIRA
PARÓQUIA DE SANTA MARINHA DE CORTEGAÇA - PARÓQUIA DE SANTA MARIA DE VÁLEGA - PARÓQUIA DE SÃO VICENTE DE PEREIRA
MUSEU DE OVAR
INFO CMASOVAR@GMAIL.COM OU 256 027 283

Figura 4. Cartaz de Exposição "Devoção aos Sagrados Corações". Fonte: CMAS

Num território marcado pela existência de inúmeras confrarias, irmandades e ordens religiosas, todas ou praticamente todas, sucumbidas à passagem do tempo e à laicização da sociedade, são de importante menção congregações religiosas cujo propósito concreto foi a veneração dos Sagrados Corações. Assim, exaltamos também a memória das extintas Irmandades do Sagrado Coração de Jesus, instituída na Capela de Nossa Senhora da Graça, em 1755, que se afirmou perante as pioneiras irmandades evocativas deste culto em Portugal, mas também a Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria (1858), sediada na Igreja Matriz de Ovar.

O Apostolado de Oração, chegado à Igreja Matriz de Ovar em 1878, e que rapidamente se irradia por todo o concelho: Válega (1878), Maceda (1879), Esmoriz (1882), S. Vicente de Pereira (1891), Arada (1901) e Cortegaça (1902). E ainda a Confraria do Sagrado Coração de Maria, instalada em S. Vicente de Pereira em 1863, e que ainda hoje se mantém firme ao desígnio do tempo.

1.1.5 Oragos Ovarenses

Uma exposição evocativa aos oragos ovarenses, surge como uma oportunidade de tornar pública uma investigação sobre a paisagem religiosa de Ovar, traçando uma cronologia de implementação destas devoções e em alguns casos de perda completa de lugar no vasto leque dos intercessores da comunidade.

Sendo a designação de Orago uma correspondência direta a um santo a quem se dedica um determinado local ou templo, procuramos reunir

as mais notáveis peças correspondentes a essa

designação, tendo em conta os limites primitivos da Paróquia de S. Cristóvão de Ovar, que correspondia aos territórios hoje ocupados por essa, mas também aos das Paróquias de S. João e S. Pedro de Ovar, à de Nossa Senhora do Bom Sucesso e S. Paio, da Torreira, e ainda a Paróquia de Nossa Senhora das Areias e S. Jacinto, em Aveiro.

**CASA MUSEU DE ARTE
SACRA DA ORDEM
FRANCISCANA
SECULAR**

10 DE SETEMBRO
INAUGURAÇÃO

ORAGOS OVARENSES

HORÁRIO
SEG A SEX
09H30 - 12H / 14H - 17H
SÁB
09H - 12H
ENTRADA LIVRE



ORGANIZAÇÃO VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO
PRODUÇÃO VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO, PARÓQUIA DE S. CRISTÓVÃO DE OVAR E CÂMARA MUNICIPAL DE OVAR
APOIO PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO E S. PAIO DA TORREIRA (MURTOS) E PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DAS
AREIAS E S. JACINTO (AVEIRO).
Nº 01 CMASOVAR@GMAIL.COM OU 256 027 283

Figura 5. Cartaz da Exposição "Oragos Ovarenses". Fonte: CMAS

Considerações finais sobre o estágio

Face à temática em estudo, a realização do Estágio na Casa-Museu de Arte Sacra da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar, revelou-se como o espaço de excelência para o acompanhamento e desenvolvimento do projeto que se pretendeu implementar. Contudo, concretizou-se ainda como uma experiência enriquecedora, a nível pessoal e profissional, face às exigências requeridas, às competências desenvolvidas e aos conhecimentos apreendidos durante o período em questão.

Será de importante lembrança que a escolha da proposta inicial de investigação se deu sobretudo pela curiosidade e pelo gosto no aprofundamento do conhecimento desta grande manifestação pública de religiosidade coletiva que é a Procissão dos Terceiros, todavia, rapidamente percebemos que o seu estudo não só seria uma necessidade inerente à importância histórica para a compreensão da realidade religiosa owarens, mas sobretudo para a manutenção e salvaguarda da sua memória identitária.

Assim, se preliminarmente o objetivo seria um estudo aprofundado do contexto histórico da procissão e da VOTSF, rapidamente adaptamos a investigação às necessidades urgentes de salvaguarda que a própria ordem religiosa revelou, nomeadamente a inventariação das imagens e das *vestes de festa*, e o registo do processo de vestir e despir das mesmas.

No decurso do estágio e da recolha de todos os dados, optamos pela sistematização e pelo aprofundamento científico, sempre do geral para o particular, ou seja, do contexto histórico-religioso owarens, do entendimento sobre o padroado de S. Cristóvão e das presenças devocionais que a passagem dos séculos originam, chegando depois à criação da VOTSF na então vila, e com ela as profundas mutações então criadas no seio da religiosidade local, face à franca importância e rápida expansão do carisma franciscano em Ovar, demonstrado no aparecimento da Procissão dos Terceiros, pouco tempo após a fundação da ordem. Então, e após esta reflexão, condicionamos o estudo à procissão e às inúmeras formas de apresentação que a mesma deteve ao longo dos seus mais de 350 anos de existência, seguindo-se a investigação às imagens que hoje a compõem, as suas vestes, as formas de vestir e finalmente as motivações de quem ainda hoje as cuida.

Por outro lado, a presença na CMAS obriga-nos a considerar a falta de recursos, não só financeiros como humanos com formação especializada, que origina um vasto conjunto de problemas. Sejam eles ao nível da conservação, nomeadamente a variação corrente de temperaturas, em especial no segundo piso e nas Reservas, as infiltrações e humidades na estrutura do edifício, a acomodação nem sempre correta das peças, face à evidente falta de espaço e meios para garantir a sua correta arrumação, ou até mesmo a forma de exposição de peças, sendo exemplo a ausência de melhores meios de iluminação e de variedade de plintos e expositores.

Contudo, toda a experiência motivou uma série de alertas junto da tutela da VOTSF, de forma a consciencializar sobre a importância de todo o espólio presente na CMAS, mas também numa tentativa de criação de novas práticas centradas em boas práticas de manutenção do espaço e conservação das peças, mas também na forma de conceção e de realização de exposições temporárias.

A adaptação da investigação originou uma presença corrente e total na CMAS, surgindo, em maio de 2022, um convite por parte da VOTSF, para a permanência na CMAS a tempo inteiro, de forma remunerada, capítulo esse iniciando no começo do mês de junho de 2022.

Capítulo 2 – De Cabanones a Obal - Síntese Histórica

A presença humana no território do entre Douro e Vouga remonta tempos pré e proto-históricos³⁷, quando a própria geografia física da região seria substancialmente distinta da que hoje conhecemos³⁸.

Todavia, será a partir da Idade do Bronze que se verifica o aparecimento de variados povoados "*edificados no topo dos cabeços que, grosso modo, se irão manter até ao período Romano.*"(JESUS, 2011:29), dando-se o exemplo do sítio de Cabanões e a intrínseca relação que esse lugar teve com a formação da hoje cidade de Ovar.

Segundo Miguel de Oliveira, a primeira referência documental a Ovar conhecida é do ano 922³⁹, referindo-se a um porto, *Obal*, presumivelmente próximo do atual cais da Ribeira, segundo António França⁴⁰.

É provável que no séc. X, o principal núcleo humano estivesse situado na *Villa de Cabanones*⁴¹, onde se localizaria a primitiva matriz dedicada a S. Cristóvão, e referenciada pela primeira vez em 1132⁴².

Poderá ter sido em finais desse mesmo século que surgiram então as primeiras edificações da urbe da *Villa de Ulvar*, construídas em cotas mais elevadas, acima do leito de cheia. Porém, com a organização da morfologia urbana bastante condicionada antes e depois do séc. XVI, uma vez construídas todas as estruturas da vila ao longo das vias de comunicação, face à favorável localização estratégica da vila⁴³.

A fusão entre Cabanões e Ovar apenas viria a acontecer no século XVI, transitando o novo centro administrativo para a zona poente de Ovar, lançando-se então as bases à

³⁷ António França, na sua tese de mestrado em Património e Turismo Cultural, intitulada *Ovar: memórias industriais de uma urbe*, apresentada à Universidade do Minho em outubro de 2011, aponta alguns topónimos como *Arca Pedrinha*, *Monte das Mamões* ou *Mamão*, como possível prova da presença humana na região nos tempos pré e proto-históricos.

³⁸ Cf. Gaspar, 1986: 55-67

³⁹ Oliveira, 1967: 35

⁴⁰ Cf. Jesus, 2011: 29

⁴¹ A antiga *Villa de Cabanones* localizava-se no atual lugar de Cabanões, na freguesia de S. João de Ovar, situado a meio caminho entre os lugares de S. João e Cimo de Vila.

⁴² Bastos, 2001: 28

⁴³ Jesus, 2011: 30

construção e consolidação que originaram, primeiro a vila e hoje a cidade que conhecemos.

Em 1514, o rei D. Manuel concedeu o foral a Ovar, e paralelamente, desenvolveram-se novos meios e culturas, nomeadamente a partir da recolha de moliço da Ria, a exploração da cultura do milho e até mesmo o desenvolvimento da pesca fluvial e marítima, fatores que se refletiram no crescimento populacional⁴⁴.

Será ainda na última década da centúria de quinhentos que é edificada a nova matriz, fora do centro do núcleo da então vila de Ovar, no cimo de um pequeno morro envolvido pelas ribeiras da Graça e das Luzes⁴⁵. Rapidamente ganhou importância institucional relativamente à primitiva matriz de Cabanões⁴⁶, e é então a partir deste novo eixo que se desenvolvem na paisagem casas senhoriais e vários cruzeiros e capelas⁴⁷.

No século XVIII a construção das Capelas dos Passos ajudou à consolidação deste novo urbanismo, a partir das quais e conjuntamente com a Igreja Matriz [na qual subsiste o primeiro dos Passos, o Pretório] são marcados no território os percursos das Procissões Quaresmais que clarificam a malha urbana do século XVIII e que ainda hoje resistem na sua generalidade, concretizando as mais antigas e relevantes expressões religiosas owarenses.

Na imagem da cidade dos nossos dias, grande parte da malha urbana data dos séculos XVI/XVIII, sendo de importante menção as largas expansões ocorridas entre o séc. XIX e meados do séc. XX, e depois uma fase mais recente, a partir da década de 1960, que em muito modificou a imagem da então vila, dissolvendo os primitivos núcleos e destruindo algumas das antigas construções. Foram, assim, concretizados os principais edifícios da agora cidade, fortemente vinculada pela arquitetura civil pública [Paços do Concelho, Palácio da Justiça, inúmeras fontes e os chafarizes] mas também de uma forma consciente e imperiosa a vasta arquitetura religiosa que há séculos polariza sítios no território urbano, atuando como elementos da memória coletiva da comunidade.

⁴⁴ Jesus, 2011: 34

⁴⁵ ANBA., 1981: 173

⁴⁶ Bastos, 2001: 27-28

⁴⁷ Jesus, 2011: 34

2.1 Do Patrono de S. Cristóvão às devoções da comunidade: Paisagem Religiosa de Ovar

Data de 1550 a primeira referência documental conhecida à *Igreja de S. Cristóvão de Ovar*⁴⁸, não se sabendo ao certo quando ou de que forma terá sido o fim da primitiva matriz de Cabanões, da qual pouco ou nada se sabe.

S. Cristóvão era o patrono de Cabanões, posto que manteve em Ovar, não sendo até à data conhecida qualquer referência que aluda a outra qualquer invocação no seu lugar. Aos nossos dias apenas chegou uma imagem do santo, em calcário, de fabrico coimbrão, dos finais do séc. XV⁴⁹, que se julga proveniente do templo primitivo, atualmente na sacristia da Igreja Matriz.

Segundo o P. Manuel Pires Bastos⁵⁰, serão três as primeiras devoções ovaenses, todas anteriores ao séc. XII. Além do patrono, enumera S. Doado (ou Donato), presumivelmente entre os atuais lugares de Sande e Guilhovai, bem como S. João, no lugar do mesmo nome, todos nos limites que hoje correspondem à freguesia de S. João de Ovar.

Contudo, dada a imensa importância histórico-social que manteve durante séculos, é importante referir o provável surgimento da Irmandade dos Passos ainda no século XVI, muito embora possa ser anterior a manifestação devocional à Paixão de Cristo em Ovar.



Figura 6. S. Cristóvão. Fotografia: Margarida Martins (2022)

⁴⁸ Bastos, 2001: 31

⁴⁹ Bastos, 1984: 30

⁵⁰ Bastos, 2004: 10

Será apenas em 1623 que encontramos referência a uma primeira exposição de seis titulares de capelas, através dos escritos de D. Rodrigo da Cunha no então Catálogo dos Bispos do Porto, esclarecendo:

S. Christóvão de Ovã. Tem o Santissimo Sacramento Ermidas, Nossa Senhora das Areas, cafa de muita devoção e romagem, pelos muitos milagres que ali faz mãe de Deos: deulhe o nome o ficar junto ao mar, entre aquellas áreas da Cofta brava, Nossa Senhora da Graça, Santa Catherina, S. Thome, S. Domingos, São Guldrofe, São João, São Sebastião. Pessoas, de comunhão 1091. menores 277. He das fermoas Igrejas do Bispado. Rende para o Cabido desa cidade, a quem esta unida in perpetuum, quinhentos mil reis.⁵¹

Assim, são já apresentadas, na primeira metade do século XVII, além do já anterior culto a S. Cristóvão, as Capelas de Nossa Senhora das Areias, em S. Jacinto (Aveiro), então pertencente a Ovar, a de Nossa Senhora da Graça (no centro da cidade), a de Santa Catarina (no lugar da Ribeira), a de S. Tomé, mandada edificar pelos Condes da Feira⁵² no lugar da agora denominada Praça das Galinhas, e que viria a ser demolida em 1844⁵³, a de S. Domingos (no lugar do Sobral), a de S. Sebastião, (junto à passagem de nível de S. João e mais tarde no largo Almeida Garret, demolida sob um vasto coro de contestação e discórdia em 1915⁵⁴), a de S. Goldrofe em Guilhovai, (que hoje tem por padroeira Nossa Senhora da Ajuda), e a Capela de S. João, no lugar com o mesmo nome.

Pouco tempo depois, chega a Ovar a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, que desde 1634 se vai instalando em vilas e pequenas povoações, após disposição geral por parte do Papa Urbano VIII, sendo a primeira mesa da referida Ordem foi eleita a 3 de dezembro de 1660⁵⁵.

Nos séculos seguintes muitos outros cultos se sucedem no vasto leque das devoções dos vareiros, destacando só no centro histórico, a Capela de Santo António, iniciada em

⁵¹ Costa, 1967: 98

⁵² Lírio, 1926: 154

⁵³ Lírio, 1926: 85

⁵⁴ Lírio, 1926: 154

⁵⁵ Vechina, 2011: 79

1693⁵⁶; as seis Capelas dos Passos e a Capela do Calvário, construída no local que anteriormente dava lugar à Capela de S. Pedro⁵⁷, edificadas a partir de 1748, sendo que em 1755 já se encontravam concluídas⁵⁸; a Capela de S. Miguel (1711)⁵⁹; a de S. Lourenço, datada de 1746⁶⁰ e da qual apenas se conserva a frontaria; assim como muitas outras capelas particulares, mandadas construir por famílias abastadas da vila.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 encontramos pela primeira vez registados os nomes de todos os santos que ocupavam os altares ovarenses, elencando-se, assim, as devoções dos vareiros. Além do padroeiro, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora do Rosário, Senhor dos Passos, S. Bartolomeu e Senhor da Agonia; Refere-se as sete capelas dos Passos (espalhadas pelas principais artérias da então Vila); a Capela de Nossa Senhora da Graça, com S. José, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Cadeinha; a Capela de Santo António (Praça), com S. José e S. Tomé; e ainda as Capelas de Nossa Senhora da Saúde e S. Lourenço (ambas particulares, na antiga Rua das Figueiras, atual Dr. José Falcão), Santa Apolónia (também particular, na antiga Rua da Fonte, atual Alexandre Herculano); S. Pedro, com Nossa Senhora do Terço (Combatentes), S. Miguel (no lugar com o mesmo nome), S. Salvador (Guilhovai), S. Domingos (Sobral), S. João, S. Sebastião e Santa Catarina (Ribeira); Na Torreira a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, com as imagens de S. Paio e S. Lázaro e em S. Jacinto, a capela de Nossa Senhora das Areias, com a imagem de S. Jacinto.

O tempo trouxe consigo novos cultos e novos templos, da mesma forma como a própria divisão administrativa, não só civil como religiosa se alterou desde o século XVIII.

Em 1856, por portaria de 10 de setembro, a Torreira deixa de fazer parte da paróquia de S. Cristóvão de Ovar, sendo transferida para a de Santa Maria da Murtosa⁶¹. Igual

⁵⁶ Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de Santo António de Ovar*. [consultado a 24 de março de 2021]. Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_Pagesuser/Sipa.aspx?id=10799,

⁵⁷ Lúrio, 1926: 100

⁵⁸ *Ibidem*, p. 98

⁵⁹ Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de São Miguel de Ovar*. [consultado a 24 de março de 2021].

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_Pagesuser/Sipa.aspx?id=10801

⁶⁰ Araújo, 1952: 36

⁶¹ “(...) os pescadores subtraíram-lhe a imagem de N^a Sr.^a do Bom Sucesso, atualmente pertença da Misericórdia.”, p.9: Projecto de Lei, n^o 147/IX, de 2 de setembro de 2002. *Criação da Freguesia do Furadouro, no Concelho de Ovar, Distrito de Aveiro*. [consultado a 3 de março de 2021]. Disponível em:

fortuna teve S. Jacinto e a Capela de Nossa Senhora das Areias, passado nesse mesmo ano para a tutela do pároco da freguesia do Espírito Santo de Vera Cruz, de Aveiro⁶².

Em 1800 é iniciada a construção da Capela das Almas, atualmente dedicada a Nossa Senhora do Parto⁶³; assim como muitas outras capelas particulares, mandadas construir por famílias abastadas da vila, tais como a Capela do Carril, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, mandada construir pela família Coentro em 1873⁶⁴; a de Santa Joana, a mando do Padre Manuel Gomes Dias (1873)⁶⁵, a Capela de S. Luís de Gonzaga, junto da casa do Comendador Luiz Ferreira Brandão, datada de 1892⁶⁶; a do Senhor do Poço e a de S. Roque, ambas no lugar da Ribeira; a dos Santos Mártires de Marrocos, na Ponte Nova, mandada construir por António da Cruz Ascensão em 1878; e ainda a Capela de Nossa Senhora do Patrocínio⁶⁷ (desaparecida), mandada construir por Valentim da Silva Brandão, na Rua Alexandre Herculano, em 1873⁶⁸, e a da Misericórdia⁶⁹ (aberta ao culto pelas Doroteias em 1910⁷⁰).

Mais recentemente, em 1967, a paróquia de S. Cristóvão foi subdividida e deu lugar a outras duas, a de S. Pedro, abrangendo a zona poente de Ovar, nomeadamente o

<https://Silo.Tips/Download/Projecto-De-Lei-N-147-Ix-Criacao-Da-Freguesia-Do-Furadouro-No-Concelho-De-Ovar-Di>

⁶²“Antes da transferência, em 1856, da Capela de S. Jacinto, para o pároco da freguesia do Espírito Santo de Vera Cruz de Aveiro os pescadores trouxeram para Ovar o seu retábulo e ricos paramentos de seda”, p.5: Projecto de Lei, nº 147/IX, de 2 de setembro de 2002. *Criação da Freguesia do Furadouro, no Concelho de Ovar, Distrito de Aveiro*. [consultado a 3 de março de 2021]. Disponível em:

<https://Silo.Tips/Download/Projecto-De-Lei-N-147-Ix-Criacao-Da-Freguesia-Do-Furadouro-No-Concelho-De-Ovar-Di>

⁶³ Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela das Almas de Ovar*. [consultado a 24 de março de 2021].

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_Pagesuser/SIPA.aspx?id=10874.

⁶⁴ Araújo, 1952: 49

⁶⁵ *Ibidem*, p. 49

⁶⁶ Lírio, 1926: 167

⁶⁷ *Ibidem*, p. 166

⁶⁸ Bastos, 2004: 12

⁶⁹ *Ibidem*, p. 12

⁷⁰ Apenas se consideraram as capelas existentes na paróquia de S. Cristóvão de Ovar, o que exclui as de S. Pedro do Carregal; Santa Marinha, na Marinha; de Nossa Senhora da Boa Viagem, no Torrão do Lameiro e a paroquial do Senhor da Piedade no Furadouro, que embora façam parte da freguesia de Ovar, correspondem a uma outra paroquia distinta, a de S. Pedro. Todos esses templos são do séc. XX. As referidas capelas de S. Goldrofe (Nossa Senhora da Ajuda), S. Domingos, S. João e Santos Mártires (privada), fazem parte da Paróquia de S. João de Ovar, correspondente aos limites da antiga freguesia de S. João, a quem se junta ainda a capela de Nossa Senhora da Cardia, Santa Maria do Salgueiral e o oratório da Imaculada Conceição da Ponte Readá (séc. XX).

Furadouro, Carregal, Marinha e Torrão do Lameiro⁷¹, e a de São João, abrangendo todo o território situado a leste do caminho de ferro, ficando reservada a área central da cidade à Paróquia de S. Cristóvão, entre as zonas de S. Miguel e a Ribeira.

2.2 As Invocações Contemporâneas

Hoje em dia, a realidade é bastante diferente da tida em 1758, tendo muitas das invocações e devoções desaparecido, ou dado lugar a outras, como no caso de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, presente em praticamente todos os templos da paróquia. Foi um território marcado pela existência de inúmeras confrarias, Irmandades e ordens religiosas, todas ou praticamente todas, sucumbido à passagem do tempo e à laicização da sociedade.

Deste modo, e tendo em conta apenas o território hoje dedicado à paróquia de S. Cristóvão, procuraremos traçar uma linha cronológica das principais devoções ovarenses, enumerando todos os títulos dos altares ovarenses, procurando esclarecer a sua história, de forma fugaz.

Desta enumeração, apenas fazem parte os templos propriedade da paróquia de S. Cristóvão, pelo que se excluem as capelas do Carril, Santa Joana, Nossa Senhora da Saúde, S. Lourenço, S. Luís de Gonzaga, as do Hospital, do Instituto Jesus, Maria José e ainda as pequenas capelas do Senhor do Poço e de S. Roque, no lugar da Ribeira, todas elas particulares.

Contudo, procuremos pensar os próprios templos não apenas na imagem que hoje detém, mas também como espaços cujo tempo adapta constantemente.

⁷¹ P.52: Projecto de Lei, nº 147/IX, de 2 de setembro de 2002. *Criação da Freguesia do Furadouro, no Concelho de Ovar, Distrito de Aveiro*. [consultado a 3 de março de 2021]. Disponível em: <https://Silo.Tips/Download/Projecto-De-Lei-N-147-Ix-Criacao-Da-Freguesia-Do-Furadouro-No-Concelho-De-Ovar-Di>

2.2.1 Igreja Matriz

Edifício grandioso, atualmente composto por sete retábulos. O retábulo-mor, cuja documentação de fábrica não foi ainda localizada, será uma obra posterior ao terramoto de 1755, dado que o anterior ficara bastante arruinado⁷², e cuja capela-mor se sabe ter sido reconstruída em 1762⁷³. Neste encontram-se as imagens de S. Cristóvão (padroeiro), que teve Irmandade, “(...) que he do principio desta freguesia, de que ficão Irmaons todos os que se cazão, e o queiã ou não.”⁷⁴, desaparecida⁷⁵; e de Nossa Senhora do Carmo com “(...) milhares de irmãos dum e doutro sexo, por motivos das graças espirituais que lhe andam anexas.”⁷⁶, hoje remetida ao esquecimento no lado da Epístola, no altar-mor; Contudo, segundo a descrição de João Frederico Teixeira de Pinho em *Memórias e Datas para a História da Vila de Ovar* (1959), “O altar-mor tem uma tribuna, bem lançada, onde estão assentes entre colunas, à parte da Epístola, a Imagem do Santo Patrono, e à parte do Evangelho , a de Nossa Senhora do Carmo, ambas de grande vulto e bom artefacto.”⁷⁷. Comprovadamente, através da fotografia disponibilizada pelo Arquivo Municipal, confirmamos a descrição de João Frederico Teixeira de Pinho e a distinta disposição das imagens no altar-mor. Esta foto, sem datação, foi possivelmente tirada entre 1915 e 1946⁷⁸, período no qual esteve exposto na tribuna da Igreja o *panneau* de Carlos Mendes, antes da substituição desse pelo de German Iglesias.

Este culto à Virgem do Carmo não é referenciado nem nas Memórias Paroquiais nem na documentação do primitivo altar, pelo que o seu culto terá surgido provavelmente na segunda metade do séc. XVIII, com a criação da nova estrutura retabular de estilo

⁷² Vechina, 2010: 532

⁷³ Lamy, 2001: 177

⁷⁴ Bastos, 1984: 31

⁷⁵ Não são conhecidos quaisquer documentos que façam alusão a esta Irmandade ou quando se terá extinto – certo é que Zagalo dos Santos, a 6 de novembro de 1955, refere que esta desaparecera sem deixar rasto. Cf. Santos, 2001: 168

⁷⁶ Lírío, 1926: 7

⁷⁷ Pinho, 1959: 171

⁷⁸ Araújo, 1952: 54

rococó, curiosamente, em tudo semelhante à existente na Igreja do Carmo do Porto, com desenho executado em 1773, por Francisco Pereira Campanhã⁷⁹;

O Senhor da Agonia, naquele que é o mais antigo retábulo existente, um lateral, edificado em 1670. Numa epígrafe que ladeia o altar lê-se: Esta Capela eh de Sal/vador de Matos So/ares e des sevs erdeiro/s mandov a fazer sev/filho o Prior de Carre/goza anno d 1670. Inserido numa estrutura pétrea, cujo fecho do arco de volta perfeita apresenta o brasão da família Soares de Albergaria, cinge-se a uma moldura que envolve a representação pictórica da Virgem Dolorosa e de S. João, voltados para a imagem em tamanho natural de Cristo crucificado⁸⁰, que surge ao centro do mesmo.

Os dois retábulos colaterais, cronologicamente próximos ao anterior, com painéis de cenas do Antigo e Novo Testamento, são dedicados, o do lado da Epístola a Nossa Senhora do Rosário, e o do Evangelho ao Imaculado Coração de Maria.

A primeira teve confraria “(...) com estatutos aprovados em 19 de



Figura 7. Interior da Igreja Matriz de Ovar (inícios do séc. XX).
Fotografia: Arquivo Municipal.

⁷⁹ Sipa – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. *Igreja do Carmo. Igreja dos Terceiros do Carmo*. [consultado a 28 de março de 2021].

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5521.

⁸⁰ Imagem proveniente de Roma. Cf. Lírio, 1926: 31

Setembro de 1772.”⁸¹, partilhando o o altar com as Confrarias da Cadeínha, ou da Escravidão ou dos Escravos de Nossa Senhora da Encarnação⁸², todas extintas; Hoje guarda também a imagem de S. Domingos de Gusmão, da extinta Fraternidade Dominicana.

Já o Imaculado Coração de Maria, é um culto “recente”, incrementado com as aparições de Fátima, a partir de 1917. A 11 de março de 1858 foi criada a Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria⁸³, instalando-se no altar que hoje ocupa, porém anteriormente dedicado a Nossa Senhora do Pilar, retirada do culto, estando hoje esta imagem guardada na CMAS. Nesse mesmo altar coexistiram ainda “(...) as confrarias do Espírito Santo, Santa Luzia, S. Braz⁸⁴ e S. Gerardo.”⁸⁵, a de S. Gonçalo⁸⁶ e a Irmandade das Almas⁸⁷, antes da transição da mesma para a capela própria (Capela das Almas ou de Nossa Senhora do Parto), no qual foi rezada a primeira missa a 30 de maio de 1819⁸⁸.

Hoje, paralelamente à imagem do Imaculado Coração de Maria⁸⁹, encontramos ainda as imagens de S. Judas Tadeu (séc. XX), Santa Luzia (séc. XVIII), e do Espírito Santo,

⁸¹ Lirio, 1926: 8

⁸² *Ibidem*, p. 20

⁸³ *Ibidem*, p. 8

⁸⁴ Existe uma imagem de S. Brás, guardada nas Reservas da CMAS, sabendo-se apenas oriunda da Igreja Matriz. Ligando ao facto de neste altar ter havido uma confraria a esta invocação, essa mesma imagem pode muito provavelmente ter figurado nesse altar.

⁸⁵ Lirio, 1926: 20

⁸⁶ Pinho, 1959: 157

⁸⁷ Esta Irmandade nunca teve existência legal. Com a República, foi incorporada na Misericórdia, passando para si a tutela dos compromissos espirituais existentes. Cf. Santos, 2001: 30

⁸⁸ Santos, 2001: 29

⁸⁹ Seguindo a ideia anteriormente documentada, com a instalação da Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria, em 1858, no altar anteriormente dedicado a Nossa Sr.^a do Pilar, não podemos deixar de pensar que esta terá trazido consigo uma imagem desta invocação, até porque a imagem da antiga tutelar fora retirada do culto e guardada na Casa-Museu da Ordem Terceira. Evidentemente, a primeira sugestão seria o recurso à imagem atual, porém, iconograficamente, esta é uma representação do chamado “Imaculado Coração de Maria de Fátima”, correspondendo fielmente às indicações dos videntes das aparições de 1917, na Cova da Iria. Além disso, a base dessa mesma imagem apresenta as palavras “1946” e o nome “Casa França”, indicando a proveniência e datação daquela peça. Consequentemente, é cada vez mais plausível a existência de uma outra imagem que correspondesse à invocação da Arquiconfraria. Essa confirmação chega num texto publicado na edição de 15 de junho de 2016, no Jornal João Semana, da autoria do P. Manuel Pires Bastos, no qual refere “Por despacho de 8/6/1946, o Bispo do Porto, D. Agostinho de Jesus e Sousa, permitiu que a imagem do Coração de Maria da Igreja Paroquial de Ovar fosse substituída por uma outra maior e melhor, que concentre as duas devoções na mesma imagem: Senhora de Fátima e Imaculado Coração de Maria – segundo revelação de Fátima”. Na Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira, encontramos uma fotografia da autoria de Ricardo Ribeiro (Photo Amador-Ovar), o pioneiro da fotografia na região (1866 – 1938), na qual é fotografada a imagem do Sagrado Coração de Maria, cuja análise visual nos remete para a imagem atualmente invocada como Nossa Sr.^a das Graças, presente na Capela do Furadouro. No verso desta, encontra-se incrita a frase: “Ao meu Excelentíssimo amigo Senhor Ludgero Peixoto Pinto Ferreira oferece

provavelmente ligadas às antigas confrarias aí instaladas. Em Memórias e Datas para a História da Vila de Ovar (1959), encontramos referência à imagem de S. Gonçalo, mencionada na antiga capela do Mártir S. Sebastião, “(...) transferida da nossa Matriz.”⁹⁰, presumivelmente integrante no antigo altar de Nossa Senhora do Pilar. A mesma, após a demolição da capela do Mártir, terá sido levada em procissão para a capela de Santo António, onde comprovadamente terá integrado o altar-mor. Atualmente faz parte do espólio da CMAS.

A estes, sucedem-se ainda os retábulos da Capela dos Passos do Pretório, da autoria de José Teixeira Guimarães, de meados do séc. XVIII⁹¹, nos quais se encontram as imagens que servem ainda hoje os atos processionais da quaresma e Semana Santa, nomeadamente o Senhor dos Passos, o Senhor Amarrado à Coluna e o Senhor da Cana Verde, as duas últimas datadas de 1743⁹²;

No retábulo neoclássico da Capela do Santíssimo Sacramento, da autoria de Manuel António da Fonseca⁹³, encontramos a Irmandade com o mesmo nome, já documentada em 1628⁹⁴, e que ainda subsiste, e o grupo escultórico, datado do século XIX, representativo da aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque, que assim demonstra essa nova devoção amplamente difundida no século XIX. Nesta capela, teve instalado ainda o Apostolado da Oração (1878), bem como a imagem de S. Bartolomeu, o primitivo titular dessa capela⁹⁵.

Ricardo Ribeiro 14/6/904”. Ou seja, estamos perante um registo de 1904, cuja cronologia nos abre caminho à hipótese da imagem do Furadouro ser a antiga imagem da Matriz de Ovar. Esta suposição ganha ainda mais forma quando confrontada com registos antigos das Procissões das Festas do Mar, tais como o filme da mesma de 1937, no qual não é identificável, sendo muito posterior a sua inclusão naquela procissão. A confirmação viria a aparecer descrita em Igreja Matriz de Ovar – Arquitectura e Obras de Arte, editado pela Paróquia de Ovar, em 1985, no qual, nas descrições dos altares e iconografias, é referenciada da seguinte forma: “Este altar é também conhecido como do Coração de Maria, cuja antiga imagem, de algum mérito artístico, se encontra na Capela do Furadouro, substituída á cerca de 20 anos, por uma outra de mau gosto, representando N. Sr.ª de Fátima (mostrando o seu Imaculado Coração)” 31 Deste modo, confirmamos não apenas a existência de uma antiga imagem do Sagrado Coração de Maria na Matriz de Ovar, antes da substituição pela atual, tal como confirmamos que essa antiga imagem é a atualmente presente na capela do Furadouro.

⁹⁰ Pinho, 1959: 193

⁹¹ Vechina, 2010: 535

⁹² Lírío, 1922: 100

⁹³ Vechina, 2010: 536

⁹⁴ *Ibidem*, p. 11

⁹⁵ *Ibidem*, p. 17 – A imagem de S. Bartolomeu, do séc. XVII, encontra-se nas reservas da CMAS.

Será, porém, às Filhas de Maria (ou Congregação Mariana), que ainda hoje existem, a quem se deve a construção do altar da Imaculada Conceição, em tudo semelhante ao do Sagrado Coração de Jesus da Capela de Nossa Senhora da Graça, construído duas décadas antes. O novo retábulo, paralelo ao do Senhor da Agonia, foi benzido a 2 de fevereiro de 1922⁹⁶, e acolheu a Associação de S. José, aí ereta a 8 de dezembro desse mesmo ano (desaparecida). Neste, além das imagens da titular e de S. José Carpinteiro, encontra-se ainda Santa Teresinha do Menino Jesus.

O Pe. José Ribeiro de Araújo refere ainda as ofertas à Igreja Matriz, em 1940, das imagens de Santa Filomena e Santo Expedito, para figurarem nos altares do Rosário e Senhor da Agonia, respetivamente, e ainda em 1930 a imagem de Santa Rita⁹⁷. Não se conhece o fim de nenhuma das imagens.

O mesmo, refere que em 1945, foram formadas na Igreja Matriz a Irmandade do Santíssimo, S. Miguel e Almas⁹⁸ (?)

2.2.2 Capela De Nossa Senhora da Graça

Culto possivelmente anterior à transferência da Matriz de Cabanões para Ovar⁹⁹, originado no aparecimento de uma imagem da Virgem num penedo, com uma inscrição pedindo a edificação de uma capela em sua honra, nesse mesmo lugar:

“(...) appareceo huma Imagem da Rainha dos Anjos Maria Santíssima, a quem derão o título de Nossa Senhora da Graça; (que he verdadeyra Graça a que Deos faz aos Povos, quando manifesta as Imagens daquela Senhora (...)) E dizem por tradição que aos pés estava huma inscrição em que se lia, que a Senhora ordenava que em aquelle mesmo logar se lhe edificasse huma Caza em seu louvor, e que em prémio lhes prometia livrar aquella terra de pestes e de mal contagioso.”¹⁰⁰

⁹⁶ Lírío, 1926: 14

⁹⁷ Araújo, 1952: 41

⁹⁸ *Ibidem*, p. 43

⁹⁹ Cf. Santos, 2001: 147

¹⁰⁰ Santos, 2001: 145

Todavia, o atual templo é uma reedificação dos finais do séc. XIX, imposto face às constantes inundações da ribeira da Graça, sucedendo assim as anteriores edificações, das quais se conhece uma fotografia da anterior à última reforma¹⁰¹.

A imagem de Nossa Senhora da Graça (titular), do séc. XV, é em pedra policromada. Teve Irmandade do qual se conserva documentação, originária, tudo indica, ainda no séc. XVI.

No altar-mor, encimado pelos altos relevos da Adoração dos Pastores, dos Magos e da Anunciação, contam-se, além da patrona, as imagens de S. José (séc. XVII), com Irmandade (do Patriarca S. José – O Velho), canonicamente autorizada em 1744¹⁰², entretanto também desaparecida. Seguindo-se a de S. Joaquim (séc. XVII), pai da Virgem Maria.

Nesta capela encontram-se ainda dois retábulos colaterais, o da Ordem Terceira de S. Francisco, aí fixada desde 1662¹⁰³, no lado da Epístola, datado dessa mesma época, e o da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, defronte ao primeiro.

No altar da Ordem Terceira, encontra-se o grupo escultórico de S. Francisco abraçado a Cristo, correspondendo ao décimo terceiro andor da Procissão dos Terceiros, ladeado por duas mísulas, que se sabe, conheceram vários santos¹⁰⁴. Atualmente, uma encontra-se vazia, estando a outra com a imagem de Santa Isabel da Hungria (com inscrição de 1970 na base), contudo, terão guardado as imagens de S. Luís Rei de França e S. Francisco de Sales, ambos à guarda da CMAS¹⁰⁵.

O retábulo do lado do evangelho, que data da última edificação da capela (1898), toma o lugar do anterior, que seria em tudo semelhante ao da Ordem Terceira, foi vendido de para custear o atual¹⁰⁶. Encontra-se ao centro a imagem do Sagrado Coração de Jesus (datada de 1898, conforme a inscrição na base), adquirida de forma a substituir a antiga representação do culto ao Coração de Jesus, sob forma de Coração, hoje guardado nas

¹⁰¹ Cf. Vechina, 2010-2012: 445. Chegou a ser equacionada a demolição deste templo, em meados do séc. XX, para dar lugar a uma outra, projetada por Januário Godinho. Esta obra não se concretizou e o projeto encontra-se paradeiro desconhecido.

¹⁰² Santos, 2001: 53

¹⁰³ *Ibidem*, p. 62

¹⁰⁴ Através da consulta de fotografias antigas, sabemos que pelo menos a imagem de S. Luís Rei de França (séc. XVII) figurou neste altar, estando atualmente nas reservas da CMAS.

¹⁰⁵ Lírio, 1926: 86. Sendo ainda mencionada a existência da associação de culto ao último nesse mesmo altar.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 86

reservas da Casa-Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco. Neste altar encontrou-se sediada a Irmandade com o mesmo nome, aí ereta em 1755, entretanto desaparecida. Esteve aí igualmente instalada a Irmandade dos Clérigos, cujos primeiros estatutos tiveram confirmação canónica a 2 de março de 1659¹⁰⁷, sob a invocação de S. Caetano, que saía em procissão anual em 22 de agosto. A imagem do santo (séc. XVIII) seguiu um fim semelhante ao da Irmandade, estando ambas desaparecidas, uma vez roubada do seu altar, em plena luz do dia, no início da década passada.

Para o seu lugar seguiu uma imagem sem qualidade de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que se contrapõe à de Santa Ana Mestreira, do séc. XVIII.

2.2.3 Capela de Santo António

O culto a Santo António é já registado em 1693¹⁰⁸, com a construção de um templo.

Nele encontramos o patrono, figurando no topo do trono da capela-mor¹⁰⁹, ladeado por S. Tomé e Santo André, ambos em madeira policromada do séc. XVII, provenientes da antiga Capela de S. Tomé, mandada erigir no largo Mouzinho de Albuquerque pelos Condes da Feira (destruída em 1844¹¹⁰), e que aqui prefiguram a única presença de ambos em todos os altares do concelho. Contudo, segundo a descrição de João Frederico Teixeira de Pinho¹¹¹, a imagem de S. Tomé não estaria exposta à veneração, pelo que, possivelmente, seriam outras as invocações expostas nos nichos do altar-mor.

As Memórias Paroquiais de 1758, dão conta de três Irmandades instaladas no templo, *“(...) do mesmo Senhor Santo António/e de S. Joze o novo/a de S. Thomé, que he m.to*

¹⁰⁷ Santos, 2001: 53

¹⁰⁸ Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de Santo António*. [consultado a 24 de março de 2021]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10799, consultado a 24 de março de 2021.

¹⁰⁹ O retábulo-mor foi construído entre 1779-1798 tendo sido seu autor o escultor José Rodrigues Ferreira. Cf. Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de Santo António*. [consultado a 24 de março de 2021]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10799, consultado a 24 de março de 2021.

¹¹⁰ Araújo, 1952: 19

¹¹¹ Pinho, 1959: 188

antiga, e pertence ao Condado da Feyra."¹¹², das quais apenas de mantém a do titular, bem como a imagem de S. José, no retábulo do Senhor dos Esquecidos, do lado da Epístola, juntamente com uma outra do Sagrado Coração de Jesus.

Todavia, o retábulo¹¹³ do lado da Epístola, hoje dedicado ao Senhor dos Esquecidos, seria inicialmente, dedicado a Nossa Senhora das Neves, adquirida em 1815, pela Companhia do Guerra¹¹⁴, companhia essa que "(...) *mandou pintar e doirar o Altar de Nossa Senhora da Ajuda, em 1818; fazendo outro tanto, em 1828, ao de Nossa Senhora das Neves, que fica fronteiro (...)*" (PINHO, 1959: 198)

A dita imagem de Nossa Senhora das Neves encontra-se hoje no altar do lado do Evangelho, sob tutela de Nossa Senhora da Ajuda, paralelo à imagem de Nossa Senhora



do Rosário de Fátima.

Encontramos em mísula própria, paralela ao retábulo do lado do Evangelho, as imagens de Santa Rita de Cássia, cuja visualização da coleção fotográfica de registo de talha nas igrejas portuguesas, de Robert Smith, realizada nos passados anos 60, nos leva a concluir que figurou no retábulo de Nossa Senhora da Ajuda, ao centro,

Figura 8. Altar de Nossa Senhora da Ajuda (Capela de Santo António). Acessível em:

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/9680683480/in/album-72157635286873080/>. Consultado a: 15/09/2022

¹¹² Bastos, 1984: 32

¹¹³ Os dois retábulos laterais são da autoria do entalhador Francisco Inácio, datados de 1781. Cf. Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de Santo António*. [consultado a 24 de março de 2021]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10799, consultado a 24 de março de 2021.

¹¹⁴ Araújo, 1952: 32

num nível abaixo da invocação principal¹¹⁵. Paralela a esta, S. Judas Tadeu e S. Pedro.

Com estas, muitas outras invocações chegaram à capela provavelmente por devoções particulares e doações à capela, casos da imagem do Imaculado Coração de Maria, numa coluna encostada ao retábulo do lado do Evangelho, e a imagem de S. Sebastião, proveniente da antiga capela em sua honra, e para aí conduzida em procissão, juntamente com uma outra, de S. Gonçalo¹¹⁶, após a destruição do templo, em 1915¹¹⁷, e que figuraram inicialmente no altar-mor.



Figura 9. Altar-mor (Capela de Santo António). Acessível em: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/9680683630/in/album-72157635286873080/>. Consultado a 15/09/2022

¹¹⁵ Nesta fotografia, também a imagem de S. José figurava neste retábulo, no lugar hoje ocupado por N. Sr.ª das Neves.

¹¹⁶ Atualmente, essa imagem de S. Gonçalo, em madeira, do séc. XVII, encontra-se nas Reservas da CMAS. Curiosamente, tendo em conta os registos fotográficos de Robert Smith, vemos ainda à data tanto as imagens de S. Sebastião como S. Gonçalo figurarem aos pés da tribuna da capela-mor.

¹¹⁷ C.f. Lírio, 1926: 154

2.2.4 Capela de Santa Catarina

Culto antigo já referenciado por D. Rodrigo da Cunha no Catálogo dos Bispos do Porto de 1623.

Trata-se de uma capela profundamente alterada no seu aspeto, não apenas interior como exterior, sendo exemplo a construção da torre sineira, na segunda metade do séc. XX, ou no interior a construção dos retábulos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e Santa Filomena, na primeira metade desse século.

Hoje, registamos a presença da padroeira, Santa Catarina, a única na paróquia onde se encontram duas imagens da mesma invocação no mesmo presbitério. A imagem em madeira do séc. XVIII, presente no topo do trono do altar-mor, e uma outra adquirida, segundo a memória popular na segunda metade do séc. XIX, presente num pequeno nicho lateral do lado da Epístola. Segundo testemunhos havia a dificuldade em retirar a imagem existente do topo do trono, o que concorreu para tal aquisição. São apelidadas carinhosamente pelo povo do lugar de Santa Catarina Grande, e pequena, respetivamente;

Da mesma época da *grande* é a imagem em madeira da *Pietá*, denominada de Nossa Senhora da Boa Morte, presente nicho aberto entre as colunas do altar-mor, paralela a uma do Sagrado Coração de Jesus, da primeira metade do séc. XX, do lado do Evangelho.

No inventário dos bens da Igreja de 1911, são apenas mencionadas as duas imagens da patrona, bem como a de Nossa Senhora da Boa Morte e uma outra de Moisés, da qual nada se sabe.

Segundo João Frederico Teixeira de Pinho, terá sido nesta capela venerada a imagem de S. Paio, “(...) a mesma que está na Ermida da Senhora do Bom-Sucesso, na Torreira, para onde a transferiram não sabemos quando.”¹¹⁸, contudo, não foi até então encontrada qualquer tipo de fonte que comprove esta informação.

Na primeira metade do séc. XX, dá-se a construção de dois fracos retábulos em madeira, na parede do arco triunfal, dedicados então a Nossa Senhora do Rosário de Fátima e

¹¹⁸ Pinho, 1959: 192

Santa Filomena, que vieram a ser destruídos na década de 1980, dando lugar à atual configuração de nichos marmoreados.

Aqui encontramos o retrato do que terá sido uma das práticas mais normais em muitos templos portugueses durante o séc. XX. O culto à Senhora do Rosário de Fátima que cresce muitíssimo e rapidamente se alastra por Portugal, a partir de 1917, toma lugar de outras devoções marianas antigas implementadas no catolicismo português, como é exemplo o culto à Imaculada Conceição, ou até mesmo a Nossa Senhora do Rosário, importante invocação desde o século XVII.

Mais interessante ainda será compreender a forma como os fiéis lidaram com a proibição do culto a Santa Filomena em 1961¹¹⁹, uma das mais difundidas devoções do séc. XIX e à qual foram e são ainda hoje atribuídos vários milagres.

O pároco de então ordenou a retirada da santa da capela, à qual não mais voltou, mas que não ditou, de todo, o desaparecimento da devoção dos crentes. Neste exemplo, a mesma devota que a havia oferecido terá adquirido uma imagem de Santa Luzia, que assim se vê incluída no leque dos cultos presentes nesta capela desde então e que tomou o lugar da anterior, sendo atualmente a Santa Filomena apenas uma lembrança dos fiéis mais velhos.

Podemos citar pegar no exemplo da própria patrona, Santa Catarina de Alexandria, que embora nunca tenha sido emitida uma ordem de retirada como se fez com Santa Filomena, viu a sua memória removida do calendário litúrgico, mas que a devoção a continuou a considerar, sendo muitíssimo cultuada ainda hoje, principalmente *«para que nos dê juizinho até à hora da morte!»*.

Outro aspeto a considerar será as variadas ofertas de crentes em imagens religiosas, que tomaram lugar de um papel principal na capela. São os casos da Imaculada Conceição e da Sagrada Família, num pequeno nicho lateral na capela-mor, o Senhor dos Aflitos, na entrada da capela-mor, bem como as imagens de S. António, que relevou o antigo para a sacristia, e do Menino Jesus, nos altares de Santa Luzia e Nossa Senhora do Rosário de Fátima, respetivamente.

¹¹⁹ Santos, 2019: 18

Também figuraram nos pés do trono do altar-mor, até meados da década de 2010, as imagens de S. José e Santa Rita de Cássia, agora esquecidas no cofre do templo.

2.2.5 Capela de S. Pedro ou do Calvário

No século XVIII surgem os Passos da forma como hoje os conhecemos, de pedra e cal¹²⁰, tendo a Capela do Calvário construída no lugar onde se erguia a antiga de S. Pedro¹²¹, da qual se mantém titular.

Nesta, encontra-se sediada a Irmandade dos Passos. Já da Irmandade de Nossa Senhora do Terço nada se sabe.

É a única capela cuja descrição das imagens presentes nos altares, do Pe Manuel Lírio, em 1926, é exatamente igual à atual:

“A capela-mór tem 5m,30 de fundo e 4m,5 de largo e está ali o Calvario que tem á frente um altar em cujo desvão se deposita o Christo-morto (...) a rica imagem do Christo Crucificado entre dois salteadores (...) Junto á cruz estão as duas Marias e o Discipulo amado, no meio de um grupo de 14 figuras alegóricas (...) Dois anjos de grande estatura, postos á entrada, completam este quadro majestoso e com tudo isso imperfeito.”

“Tem dois altares colaterais com bons retábulos dourados: em o da parte esquerda está a imagem de S. Pedro sobre uma peanha, tendo dum lado Santo Agostinho e do outro Santa Barbara. Em o da parte direita fica a imagem da Senhora da Soledade, em grande vulto, fechada dentro dum nicho de vidraça (...) Ali mesmo estão colocadas as imagens da Senhora das Dôres e Santa Teresa, bonita e engraçada.”¹²²

Assim, tal como a descrição aponta, encontramos a grandiosa cena do Calvário que ocupa toda a capela-mor, diante da qual surge um altar no qual repousa a imagem do

¹²⁰ Data inscrita num fresco, descoberto em 2011, que serviria originalmente de fundo ao nicho central do retábulo da Capela do Pretório.

¹²¹ Descrita como arruinada em 1692. Cf. Lírio, 1926: 100

¹²² Lírio, 1926: 102

Senhor Morto, utilizado nos cerimoniais de Sexta-feira Santa¹²³; E dois retábulos laterais, o do Evangelho dedicado a S. Pedro, em madeira, do séc. XVII, aos quais se junta Santo Agostinho e Santa Bárbara (séc. XVII), e o da Epístola, com a imagem articulada de Nossa Senhora da Soledade (adquirida no Porto em 1783)¹²⁴, utilizada nos cerimoniais dos Passos e Enterro do Senhor, ladeada por Nossa Senhora das Dores e Santa Teresa de Ávila (séc. XVIII).

2.2.6 Capela de S. Miguel

Iniciada a construção do templo em 1711, é dedicada ao Arcanjo São Miguel, sabendo-se que teve Irmandade com estatutos e livro de contas (já não existia em 1846), venerando-se a imagem do patrono, já referenciado no inventário dos bens da Igreja de 1911, do Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, possivelmente posterior a uma outra de pequena estatura, também aí referenciada e atualmente guardada nas Reservas da CMAS.

Em 1911, são referenciadas as seguintes existências: de uma pequena imagem de S. Luís (?), outra de S. Luís Rei de França, outra de S. José e uma outra de Nossa Senhora do Carmo, sendo apontada num texto de 1924, presente na sacristia da capela, a doação da imagem de S. José, em 1897, bem como a reconstrução da imagem de Nossa Senhora do Carmo, após um assalto ocorrido em 1915.

Já o Pe. José Ribeiro de Araújo refere que em 1939 foram adquiridos o S. Nuno de Santa Maria, o Sagrado Coração de Jesus e a Santa Teresinha¹²⁵.

Da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da Imaculada Conceição e do Senhor dos Aflitos nada se conhece no que toca à sua proveniência ou datação, mas acreditamos que sejam todos posteriores às datas acima apresentadas.

¹²³ Atualmente, e dada a humidade do templo, esta imagem encontra-se guardada na sacristia da capela, não estando exposta à veneração ao longo do ano.

¹²⁴ Lúrio, 1922: 35

¹²⁵ Araújo, 1952: 41

Embora uma fotografia de 1957 comprove uma diferente disposição das imagens no altar-mor da capela, após a profunda obra de restauro de 2011, a partir do qual passou a figurar neste o antigo sacrário da Igreja Matriz, bem como a imagem do patrono, ao centro, ladeado por dois nichos abertos no mesmo, nos quais figuram a imagem

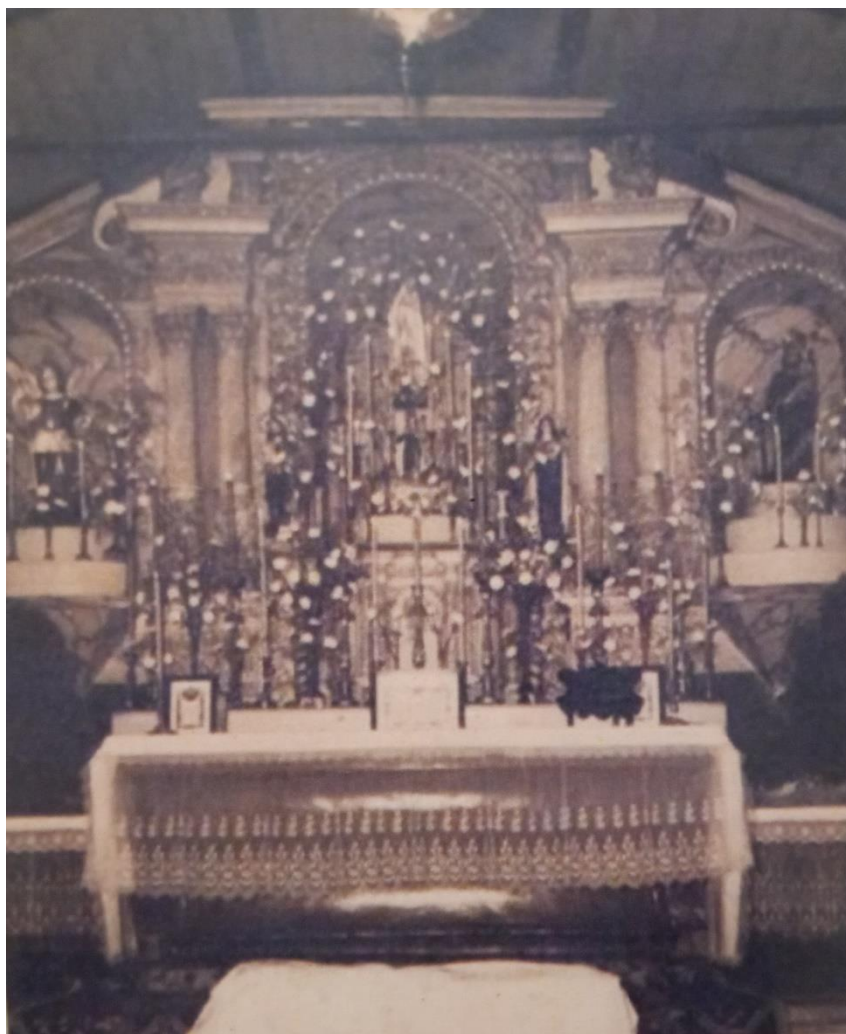


Figura 10. Altar-mor (Capela de S. Miguel) - 1957. Fonte: António Mendes Pinto

de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e Santa Teresinha, do lado do Evangelho, e de S. José e do Sagrado Coração de Jesus, no lado da Epístola.

Nas paredes do arco triunfal, apresentam-se duas mísulas, do lado do Evangelho S. Nuno de Santa Maria e a Imaculada Conceição, e paralelo a este S. Luís Rei de França e a pequena imagem de Nossa Senhora do Carmo.

2.2.7 Capela das Almas ou de Nossa Senhora do Parto

Construída a partir de 1800, no lugar onde subsistia um pequeno palheiro com um retábulo dedicado às Almas, trazido pelos pescadores ovarenses de S. Jacinto, é aberta ao culto em 1819¹²⁶, sediando então a Irmandade das Almas, vindoura da Igreja Matriz.

¹²⁶ Santos, 2001: 19

Esta capela acolheu ainda a antiga titular da Torreira, Nossa Senhora do Bom Sucesso, trazida de lá pelos pescadores de Ovar aquando da transferência para a Murtosa, onde passou a ser denominada de Nossa Senhora do Parto¹²⁷.

Com a República e a transferência dos bens da Igreja para a Misericórdia, esta capela passou para a sua tutela, extinguindo-se a Irmandade das Almas. Também a antiga imagem da titular, em pedra, do séc. XV, foi levada para as dependências dessa instituição, exibindo-se hoje na Capela da Misericórdia.

Em 1929¹²⁸, foi adquirida a imagem atual da padroeira, conduzida processionalmente da Igreja Matriz para a sua capela, onde desde então se mantem, no topo do trono da capela-mor.

O tempo devocional trouxe consigo outras imagens e devoções, sendo acrescentadas então as imagens do Sagrado Coração de Jesus (1932)¹²⁹, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, S. Bento, S. Joaquim e Nossa Senhora de Lourdes, todas no altar-mor, bem como as de S. José e S. Judas Tadeu em mísulas rasgadas na parede da capela-mor, do lado do Evangelho e Epístola, respetivamente.

Mais tarde, ainda nas paredes laterais da capela-mor, são acrescentadas pequenas mísulas, suportando hoje as imagens de Santa Rita de Cássia, do lado do Evangelho, e paralelas as de S. António e Nossa Senhora do Rosário, bem como a do Senhor dos Aflitos, encostada ao topo da mesa do celebrante.

Nas paredes do arco triunfal, encontramos dois pequenos retábulos em madeira pintada de branco e azul, dedicados a Santa Eufémia e a Nossa Senhora dos Emigrantes, posteriores a 1926, dada a descrição do Pe. Manuel Lírio, na descrição da Capela do Carril:

*“Aos lados em peanhas salientes as de S. Miguel Arcanjo e Santa Eufémia (...) a única imagem desta invocação exposta á veneração dos fieis em templos desta vila esta de Santa Eufemia.”*¹³⁰

¹²⁷ Araújo, 1952:41

¹²⁸ *Ibidem*, p. 41

¹²⁹ Bastos, 2005: 20

¹³⁰ Cf. Lírio, 1926: 161

Já na década de 2010, foram acrescentadas pequenas mísulas nas paredes laterais do corpo da nave, repousando ofertas de crentes, nomeadamente Santa Filomena, do lado do Evangelho e Nossa Senhora do Socorro e Santo Expedito, defronte.

2.2.8 Capela da Misericórdia

Antigamente designada de Capela do Colégio das Doroteias, foi inaugurada em 1909, sendo em 1926 designada como dependência utilitária da Misericórdia. Em 1928 é reaberta ao culto novamente, depreendendo-se que são destas datas as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Saúde, atualmente presentes em duas mísulas existentes na parede do arco triunfal:

“(...) na Capela da Misericórdia, ao reabrir-se de novo ao culto, lá ficaram as do Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Saúde e em 1940 as de S. Vicente de Paulo e da Rainha Santa Isabel.”¹³¹

No altar-mor encontra-se um grande retábulo de madeira pintada, com quatro pares de colunas, que enquadram três nichos, destacando-se o do trono, ao centro, com uma singela imagem do crucificado, e nos laterais com as imagens da Rainha Santa Isabel de Portugal e de S. Vicente de Paulo, ambas de 1940, respetivamente na Epístola e no Evangelho.

Neste templo surgem ainda a imagem quinhentista de Nossa Senhora do Bom Sucesso, oriunda da Torreira, exposta num plinto na lateral da capela-mor, paralela à qual surge uma outra, do Sagrado Coração de Jesus entronizado (séc. XX).

Nas paredes laterais da nave encontram-se duas mísulas com a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e S. José, uma diante da outra, possivelmente posteriores às documentadas.

¹³¹ Araújo, 1952: 41

Capítulo 3 – As Procissões

Uma procissão é por definição *“uma forma pública, mais ou menos solene, de louvor, súplica, penitência ou agradecimento, dirigida a Deus diretamente através de Cristo, ou indiretamente através da Virgem Maria ou dos santos.”*¹³², sendo uma presença documentada na História Cristã desde cedo, e mesmo antes desta como se regista no Antigo Testamento, a respeito dos ritos ou práticas deambulatórias do povo de Israel.

Contudo, as procissões manifestam adaptações às circunstâncias temporais e espaciais que se inscrevem e praticam. Foram espoletadas na Idade Média pela existência de relíquias ou pela necessidade de aplacar pestes, guerras ou outras catástrofes. A procissão não é apenas uma celebração, mas muitas vezes uma forma de súplica, desagravo ou expiação face a um determinado flagelo, muitas vezes compreendido como um castigo divino.

Especificamente, no caso português, e segundo definição no Dicionário da História Religiosa de Portugal, existem três momentos distintos importantes para a compreensão evolutiva do ato processional, no tempo. Um primeiro, aquando da cristianização, que abrange a fixação das devoções por toda a Península Ibérica, devoções essas originárias no culto a relíquias e ermidas dispersas em territórios rurais, prolongado o período temporal do momento até ao séc. XIV, com a multiplicação das peregrinações e a integração urbana das devoções.

Um segundo momento, também denominado de *“tempo das procissões”*, é o tempo de consolidação da manifestação processional até ao mundo contemporâneo. Este momento engloba as agitações religioso-morais do final medieval, e materializa os aspetos devocionais e organizacionais questionados pelo protestantismo e que tomam forma na confusão devocional e comemorativa e na indisciplina litúrgica, que conduzirá à afirmação tridentina.

Finalmente, um último momento centrado no mundo contemporâneo, onde a desaceleração liberal e republicana resulta numa nova roupagem destas manifestações,

¹³² Azevedo, 2001: 70-71

principalmente a interioridade, e por isso perdendo uma das suas características definitórias, o exterior. Também a laicização da sociedade levará ao afastamento destas do poder civil, e finalmente, Concílio Vaticano II (1962-1965) que as considera, mas procurando arregimentá-las ao mundo da segunda metade do século XX.

Sinteticamente, é necessário compreender as sucessivas transformações que ao longo dos séculos se vão somando a este tipo de práticas, olhados sempre de diferente maneira mediante as solenidades do calendário cristão a que se destinam, bem como aos diferentes cultos que as motivam. Assim, desde os cerimoniais específicos da Quaresma e da Semana Santa; as procissões por motivos e causas públicas, como a fome, pestes, calamidades e fenómenos meteorológicos, etc.; as procissões do Corpus Christi, e ainda as procissões em honra da Virgem e dos Santos que nascem e difundem-se com a Idade Média, podemos afirmar que o ritual processional propriamente dito conhecerá um largo período evolutivo, sendo de salientar o seu expoente máximo no Barroco, tempo no qual se desenvolve um tipo particular, as Procissões de Cinza, de cariz particularmente cenográfico.

É importante não esquecer que estas manifestações públicas serão sucessivamente fomentadas pela Igreja, nunca deixando de depender de si a sua regulamentação¹³³, como sendo exemplo concreto as Constituições Sinodais ¹³⁴.

Nesta época, as procissões transformam-se em grandes festivais urbanos, têm como cenário ideal as cidades, como epicentro a igreja e a praça que a envolve, implicavam um itinerário muito bem definido, percorrido por uma massa humana

¹³³ As Constituições Sinodais são regulamentações de cariz eclesiástico produzidas pelos variados sínodos diocesanos no pós-Concílio de Trento (1545-63).

Foram acolhidas em Portugal em 1564.

¹³⁴ Esta questão da regulamentação e das próprias Constituições Sinodais poderá abrir caminho a uma interessante discussão sobre o cumprimento delas próprias, sendo importante que não esqueçamos que muitas vezes as determinações da Igreja não são cumpridas e o fenómeno da religiosidade e religião não são de todo a mesma coisa. Por exemplo, olhemos um exemplo próximo de nós no tempo, o decreto do Papa Paulo VI (24 de fevereiro de 1969), no qual é promulgada uma “reforma” ao calendário romano, reforma essa responsável pela retirada do calendário litúrgico universal de alguns dos mais venerados santos, como Santa Catarina de Alexandria, Santa Margarida de Antioquia, S. Cristóvão ou até mesmo S. Jorge. Estes na prática continuam a ser cultuados da mesma forma, ou seja, a continuação da devoção a vários santos, mesmo depois da sua eliminação do calendário litúrgico, prova justamente que as determinações nem sempre são cumpridas, sem esquecer que os párocos celebram estes santos com a população. Estaremos, portanto, perante um exemplo da fundura das devoções e da não separação ou distinção entre religião popular e não popular.

*em movimento pelas ruas mais importantes que se preparavam cuidadosamente, a preceito para estas ocasiões.*¹³⁵

Devemos olhar para estas manifestações públicas de fé como mecanismos para a encomenda artística, não só pelas inúmeras tipologias de objetos em si utilizados como pela relação estabelecida entre a sua forma e função, sendo um exemplo interessante a descrição referente à Procissão de Cinzas do Porto:

*Esta magestosa procissão tem nomeada dentro e fora do reino, pela perfeição das imagens, riqueza dos andores e alfaias de grande merecimento artístico. Os bordados dos mantos e dos vestidos de algumas imagens, e os desenhos das sanefas dos andores, tudo bordado a fio de ouro fino, são trabalhados de muito mimo, delicadeza e merecimento, no que são eminentes e se distinguem muitas senhoras d'esta cidade; pois em labores d'este genero, é o Porto uma das principaes terras do paiz, se não fôr a primeira da Europa. As corôas, os resplandores e as jarras de prata são d'um trabalho artitico inexcédível, e de muito valor real, até mesmo as jarras de madeira pelo delicado trabalho e bom gosto de talha dourada.*¹³⁶

3.1 As Procissões na memória coletiva de Ovar

O estudo do território ovarense obriga a pensar as solenidades religiosas e a forma como estas se impuseram na vida pública da própria comunidade. Embora não sejam as procissões as únicas manifestações coletivas em torno do sagrado, será nestas que nos foquemos dada a sua envergadura, a importância destas no imaginário coletivo da comunidade, bem como a qualidade artística que as envolve.

Das maiores e mais concorridas, às mais humildes e despojadas, cada uma delas reflete séculos de vivência bem como tradições muito particulares, de manifestações efémeras e imateriais de arte, cujo tempo tem levado ao esquecimento.

¹³⁵ Cardona, P, 2008/2009: 128

¹³⁶ Mattos, 1880: 32-33.

O território e do espaço urbano owarenses concretiza uma forte presença da religião e da prática da fé pública, cujo progresso e o constante desenvolvimento não apagou essas marcas, tendo ainda hoje o sagrado uma presença física extremamente vincada, não apenas na arquitetura religiosa, mas também na arquitetura civil, sendo visíveis inúmeras marcas de sacralização do espaço, desde os pequenos nichos, aos registos azulejares, mas também a pequenas cruzeiras que se espalham por todo o centro histórico e que demonstram a importância da religião e dos próprios cerimoniais.

Segundo as Memórias Paroquiais: *“Em cada huma das referidas Cappellas, nos dias próprios das suas invocações, em que os moradores fazem as suas festas há Romagem; porem as de maior concurso são: Na Dominga quarta da Quaresma, em que a Irmandade dos S.tos Passos faz com todo o custo, e grandeza a sua função (...)”*¹³⁷

Embora não aponte concretamente a realização de procissão, são referidas as *Romagens*, ou seja, as deslocções de indivíduos a um local sagrado. Deste modo, são registadas em 1758, as solenidades de S. Cristóvão, a 25 de julho, Nossa Senhora da Graça, Santo António, Nossa Senhora da Saúde, Santa Apolónia, S. Lourenço, S. Pedro, S. Miguel, S. Donato, S. Domingos, S. João, S. Sebastião e Santa Catarina, excluindo-se da listagem os cerimoniais da Quaresma e Semana Santa, bem como as celebrações de Irmandades ou Confrarias, à exceção da dos Passos.

Possíveis de mencionar no tempo o seu aparecimento serão as agora denominadas Procissões Quaresmais, ou seja, o conjunto formado pelas Procissões dos Terceiros, Passos, Terro-Terro e Enterro do Senhor, dada a ligação à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e à Irmandade dos Passos. Por outro lado, é possível ainda contextualizar o aparecimento de uma procissão contemporânea, as das Velas, intimamente ligada ao fenómeno das aparições de Fátima. Com crescente notoriedade por todo o país a partir dos anos 40/50¹³⁸, foi também amplamente difundida no território owarenses, transpondo, inclusive, a ideia inicial de realização de 12 para 13 de maio, à noite, adaptando-se, em diferentes lugares das paróquias, à solenidade do patrono, em sexta-feira ou sábado da festa do lugar, saindo à rua apenas com o andor de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A única exceção a esta regra regista-se apenas na procissão das

¹³⁷ Bastos, 1984: 33

¹³⁸ Azevedo, 2001: 70-71

velas das Festas do Mar, do Furadouro, que na génese liga dois cortejos processionais distintos, um oriundo de Ovar, saído da Capela das Almas/Nossa Senhora do Parto, composto por titulares de capelas da paróquia de S. Cristóvão bem como outras importantes devoções da comunidade owarenses, e encabeçado pelo patrono do Furadouro, o Senhor da Piedade, ao encontro do outro cortejo processional saído da Capela do Furadouro; esse composto pelas imagens religiosas dessa comunidade e pela sua segunda patrona, a imagem de Nossa Senhora da Piedade, dando-se o encontro dos dois cortejos no lugar do Carregal, lembrando o encontro de Jesus com Nossa Senhora a caminho do Calvário.

Noutro sentido, e como prova da importância destas realizações religiosas na comunidade, recordemos os tempos conturbados vividos desde o séc. XVIII, entre o Estado e Igreja e o próprio papel da Igreja na sociedade portuguesa que foi sofrendo inúmeras alterações, principalmente com o apogeu do liberalismo a partir da segunda década do séc. XIX. Com a 1ª República, a lei da Separação do Estado das Igrejas, publicada a 20 de abril de 1911, estipulava no artigo 57.º que “(...) as cerimónias, procissões e outras manifestações do culto não poderão permitir-se senão onde e enquanto constituírem um costume inveterado na generalidade dos cidadãos da respectiva circunscrição.”. Contudo, em Ovar, esta lei parece ter pouca ou nenhuma expressão, continuando a decorrer todas as procissões costumeiras e as da Semana Santa com a solenidade do tempo da Monarquia, justificado pela amizade entre o Abade da freguesia, Dr. Alberto de Oliveira Cunha, e o chefe republicano democrático Dr. Pedro Chaves¹³⁹.

Esta ideia é veiculada no semanário republicano *O Povo de Ovar*, na edição de 3 de setembro de 1936, aquando da morte do Abade Alberto de Oliveira Cunha, que se manteve na tutela da paróquia de S. Cristóvão entre 1897 e 1936, sendo referido como liberal e “Foi sem dúvida devido à sua acção inteligente de pároco que, no período agitado que se seguiu à implantação da República, a vida religiosa da freguesia não sofreu qualquer alteração.”

¹³⁹ Lamy, 2009: 232-239

Muito mais tarde, já no Estado Novo, as procissões no contexto nacional voltam a ganhar uma nova importância dada a essência religiosa-cristã que se pretendia para a nação¹⁴⁰, e mesmo após o final da ditadura, a 25 de abril de 1974, não houve qualquer escalada antirreligiosa ou anticlerical em Ovar: “A Igreja católica ovarense sentiu a mudança do regime, mas não se verificou na cidade ou no concelho qualquer confronto com os vencedores.”¹⁴¹

Assim, e procurando conhecer as procissões ovarenses, fomos também confrontados com o registo de algumas procissões extraordinárias, levadas a cabo em ocasiões especiais ou por preces, sendo também elas dignas de enumeração, deste modo, procuramos conhecer a realidade destes acontecimentos na comunidade ovarense, dividindo-as como *ordinárias* e *extraordinárias*, face ao carácter da realização.

Assim, procuremos perceber o estado destas realizações em Ovar, tendo em conta não apenas a paróquia de S. Cristóvão, bem como a de S. Pedro, correspondendo as duas à divisão administrativa da freguesia de Ovar, apontando as permanências, supressões e as criações de novos eventos, numa cronologia de aproximadamente 120 anos (1900-2020).

3.1.1 Procissões Ordinárias em Ovar

Neste conjunto das chamadas “Procissões ordinárias” e tendo em conta o elevado número de realizações referenciadas no período em estudo (1900-2020), é possível compreender a importância da religiosidade no funcionamento da sociedade ovarense do século XX, bem como a respeitável marca que algumas destas manifestações alcançam na comunidade, justificando a sua regular realização durante séculos, até aos nossos dias.

Contudo, se é certo que algumas desapareceram, também é assinalável o aparecimento de outras, diminuindo assim em número, mas não em diversidade.

¹⁴⁰ Azevedo, 2001: 72

¹⁴¹ Lamy, 2009: 239

Todo o ano litúrgico é então dividido pelas crenças dos lugares da freguesia, que assim assinalam a solenidade do seu patrono com maior ou menor brilho, como são os exemplos dos cultos mais antigos, já mencionados em 1623, como S. Cristóvão e Nossa Senhora da Graça, no centro da então vila, Santa Catarina, no lugar da Ribeira, e S. Sebastião (na zona da passagem de nível de S. João); Mas também pelos que depois se vão enraizando no leque devocional da comunidade, como Santo António (Praça), já mencionado em 1693, S. Pedro (Combatentes), com a sua capela descrita como arruinada em 1692, S. Miguel, já cultuado em 1711, o Senhor da Piedade, no Furadouro (1759) e Nossa Senhora do Bom Sucesso (ou Parto) cultuada na Capela das Almas desde a sua abertura, em 1819. Mais recentes serão as solenidades e procissões realizadas aos titulares de templos mais recentes, como são os exemplos de Nossa Senhora da Boa Viagem, no Torrão do Lameiro, S. Pedro, no Carregal e Santa Marinha, no lugar da Marinha.

Além destas devoções particulares dos lugares da freguesia, são ainda de salutar menção as tidas por ordens religiosas e irmandades, porventura as mais concorridas e vistosas. De uma forma elementar, destacam-se as procissões da Quaresma e Semana Santa, articuladas entre a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e a Irmandade do Senhor dos Passos, e ainda outras festas tutelares de outras importantes comunidades religiosas, tais como as do Sagrado Coração de Jesus e a dos Clérigos, dos quais encontramos referência às respetivas procissões.

Porém, será ainda notável o aparecimento de procissões a santos que alcançam mais fama do que o próprio titular da capela, como será o exemplo concreto da devoção a Santa Eufémia, no Carril, cultuada numa capela privada dedicada a Nossa Senhora da Conceição, ou até mesmo S. Roque, na Ribeira, que embora a nível de exteriorização das festividades nunca tenha sido alvo de grande aparato, sempre foi alvo de muita devoção pela comunidade local, rivalizando nesse sentido com a patrona da comunidade, Santa Catarina de Alexandria.

Contudo, e dado o facto de todos estes santos mencionados serem cultuados ainda com solenidades e procissão no seu dia em alguma parte do século XX, não foi possível localizar documentação que nos permita averiguar o início dessas realizações, pelo que, apenas conseguimos mencionar o aparecimento do seu culto com a edificação

dos templos, partindo, portanto, do pressuposto que a partir de então, e de forma natural, todos terão sido alvo da exteriorização do seu culto. Noutra perspetiva, e tendo em conta a menção de 1758 nas Memórias Paroquiais das *Romagens*, às quais se dá conta das tidas a Nossa Senhora da Saúde, a Santa Apolónia e a S. Lourenço¹⁴², todas elas invocações de capelas particulares existentes na freguesia de Ovar, não foi possível perceber se alguma vez foram realizadas procissões em honra destes. Neste, mencionamos ainda a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, que terá tido capela particular na antiga *Rua da Fonte*, e cuja memória popular dita a realização de modestos festejos em sua honra, por algumas ocasiões, pela comunidade local, nas primeiras décadas do século XX, contudo, sem nos ter sido possível aferir em que altura do ano se dariam as festividades.

3.2 Os cerimoniais da Quaresma e Semana Santa

Em Ovar, a Quaresma afirma-se como um tempo de especiais cerimoniais e atos litúrgicos, sendo as procissões os mais evidentes marcos deste período. Contudo, tenhamos em conta que a noção do ato processional nos dias de hoje, no caso ovarense e em tantos outros, caminha lado a lado entre a crença devocional e a noção patrimonial e turística destas realizações.

A Procissão dos Terceiros no segundo domingo do tempo quaresmal, já documentada em 1663, a Procissão dos Passos (ou do Encontro), no quarto domingo, e finalmente o préstito da Semana Santa, com a Procissão do Terro-Terro (ou do Ecce-Homo) na noite de Quinta-feira Santa, já realizada em 1682¹⁴³, a Via-Sacra no despertar de Sexta-feira Santa e finalmente a Procissão do Enterro do Senhor ao anoitecer desse mesmo dia. Importante será mencionar a realização destes cortejos processionais no período

¹⁴² A Capela de Nossa Senhora da Saúde é a única das três mencionadas que se encontra conservada. Da Capela de S. Lourenço só nos chega a fachada principal e da de Santa Apolónia restam inclusive dúvidas sobre a sua localização.

¹⁴³ Costa, 1967: 69

noturno, que embora hoje sejam relativamente comuns, e as procissões de Velas um exemplo, a antiguidade destas duas realizações torna-as de interessante menção, dado que a liturgia sempre defendeu que as procissões deveriam ter lugar durante o dia¹⁴⁴.

Muito embora sejam as grandes solenidades quaresmais iniciadas no espaço público com os Terceiros, nem sempre assim foi, registando-se até aos inícios do séc. XX a Procissão do Senhor dos Esquecidos, em Quarta-feira de Cinzas, que conduzia a imagem do dito, da capela de Santo António para a Igreja Matriz, onde permaneceria, no trono, durante todo o período quaresmal.

A Ordem Terceira de S. Francisco é atualmente a principal promotora destes atos cerimoniais, aliando-se a esta a Paróquia de São Cristóvão e a Irmandade dos Passos, que após um longo período de incertezas voltou recentemente às lides desta organização.

Estas cinco manifestações eram, portanto, divididas entre as duas instituições, muitas vezes concorrentes entre si, sendo estatutariamente destacadas, no caso da Ordem Terceira, no campo das obrigações, “(...) 2º - Procissão das Cinzas, no 2º domingo quaresmal. 3º - Procissão do Ecce-Homo, em quinta-feira Santa, denominada o Terro - Terro. 4º - Via-Sacra em sexta-feira Santa.”¹⁴⁵, e as restantes da responsabilidade da Irmandade dos Passos.

No que toca à Semana Santa, as solenidades e cerimoniais seriam revestidas de um fausto, aparato e dignidade completamente distintos da realidade do tríduo dos nossos dias, com as cerimónias da Instituição da Eucaristia, da Ceia do Senhor, a Desnudação dos Altares e do Lava Pés, em Quinta-feira Santa, e a Exaltação da Santa Cruz em Sexta-feira Santa, bem como e as três procissões que hoje ocorrem nestes dois dias.

Após o Concílio Vaticano II, muito do aspeto cenográfico que a Igreja Matriz possuía neste período da Quaresma e Semana Santa foi desaparecendo, nomeadamente os retábulos e imagens cobertos de paramentos roxos em quarta-feira de Cinzas, até à Quinta-feira Santa, com a desnudação dos altares, onde os mesmos caíam das sanefas e davam lugar ao significado de luto e dor com a cor negra. E no Sábado de Aleluia, nos

¹⁴⁴ Azevedo, 2001: 72

¹⁴⁵ Costa, 1967: 33

cerimoniais da Ressurreição, com as campainhas a tocar em sinal de alegria, onde o luto daria lugar à celebração, com a queda do negro a dar lugar aos paramentos vermelhos e brancos.

Contudo, não só estes ritos seriam bastante diferentes da realidade dos nossos dias, como a própria programação da Semana Santa, bastando recorrer aos semanários ovarenses como *A Discussão*, o *João Semana* ou *O Povo de Ovar*, para o provarmos:

“Ha, pois, durante a semana:

Segunda-feira – Sahimento procissional do Sagrado Viatico aos enfermos residentes no bairro occidental da villa.

Terça-feira – Sahimento tambem procissional do Sagrado Viatico aos enfermos do bairro da Arruella e doentes do Hospital, sendo á entrada d’este edificio o prestito recebido pela camara, elemento oficial e bombeiros voluntarios. Estes prestitos sahirão da egreja matriz pelas 8 horas da manhã, com concurso da banda dos bombeiros voluntarios.

Na quarta-feira á noite serão procissionalmente conduzidas, da capella do Calvario para a egreja matriz, as imagens do Senhor Morto e de Nossa Senhora da Soledade, incorporando-se a filarmónica Ovarense.

Na quinta-feira maior, de manhã, missa solemne a grande instrumental, communhão do clero, exposição do Santissimo e desnudação dos altares; de tarde, cerimonia do lava-pedes e sermão do mandato; e á noite a procissão do Ecce Homo formada por irmãos da Ordem Terceira, a qual, sahindo da capella da Senhora da Graça pelas 8 horas, visitará no seu trajecto as diferentes capellas dos Passos, que se conservarão abertas e onde se cantará o miserere.

Na sexta-feira santa, de manhã, a Via Sacra feita pelos irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, que sahirá pelas 7 horas; e de tarde sermão pelas 5 horas e em seguida a procissão do enterro do Senhor, que, percorridas as ruas do costume, recolherá novamente á egreja onde será prégado o sermão da Soledade. N’esta procissão que é a mais magestosa que em Ovar se realisa, incorporar-se-ha a banda Ovarense.

No sabbado d'Alleluia, benção da agua. Pelas ruas, conforme o antigo uso, não deixarão de se exhibir as tradicionais effigies do Judas para serem queimados mal os sinos anuncia o aparecimento da Alleluia.”¹⁴⁶

Assim, já em 1908 não é descrito o Auto do Descimento da Cruz¹⁴⁷, uma grande representação aparatosamente realizada na Igreja Matriz, iniciando-se após o mesmo o grande préstito do Enterro do Senhor, composta por variados figurantes, pelo esquife com a imagem do Senhor, e com os andores da Virgem e de S. João Evangelista¹⁴⁸, nem o costume que deu aso à afirmação “os vareiros enterraram o Senhor na areia!”¹⁴⁹, onde, chegados ao Calvário, o Senhor era passado do esquife para o caixão enterrado numa cova na sacristia da capela.

O tempo mudou radicalmente a imagem destes rituais, sendo no caso das procissões, não só registadas alterações nos trajetos¹⁵⁰ bem como a supressão das saídas dos Sagrado Viático em segunda e terça-feira da Semana Santa, bem como a transladação do Senhor Morto e de Nossa Senhora da Soledade na Quarta-feira.

As próprias procissões foram também significativamente alteradas na sua composição, e, à exceção da dos Terceiros que é a mais alterada não apenas na composição como no percurso, será também a do Terro-terro digna de estudo dada as profundas reformas a que também foi sujeita.

¹⁴⁶ Sem autor (1908, 12 de abril) Semana Santa, *A Discussão*, p. 2.

¹⁴⁷ Lírio, 1922: 44

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 47

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 47

¹⁵⁰ A Procissão do Enterro sai hoje do Calvário e não da Igreja Matriz de onde originalmente partiria, composta pelo esquife do Senhor e pelo sumptuoso andor da Virgem, sentada aos pés de uma grande cruz, e que assim percorrem as Ruas da Amargura, percorrendo o trajeto dos Passos com estes fechados.

Embora não documentado, é previsível que este itinerário percorresse de forma completa o percurso dos Passos, uma vez que assim de facto passaria a marcha fúnebre por todas as Ruas da Amargura, o que hoje não acontece, uma vez que chegados à Praça da República, e ao Passo da Verónica¹⁵⁰, se vira em direção à Senhora da Graça, descendo logo a Elias Garcia, não passando diante do Passo das Filhas de Jerusalém, na Praça das Galinhas.

A Procissão da Via Sacra saíria da Capela de N. Sr.ª da Graça e não da Igreja Matriz, como hoje acontece, consistindo na romagem às 12 cruzes de madeira que se encontram permanentemente em algumas fachadas por onde passa o cerimonial, parando diante de todas, onde é entoado o Adoramus-te Christi¹⁵⁰.

Hoje em dia reduzida a 3 andores, ladeados por extensas alas de crentes com archotes e lanternas, rompido o silêncio com o barulho estridente das matracas, na escuridão possível, que a tradição mantém ao ser apagada a luz elétrica das ruas.

A participação dos farricocos, “(...) de cabeça velada, a confessarem as suas culpas (...)”¹⁵¹, acabou proibida em 1804 pela Mesa da Ordem, tendo apenas ficado o costume das disciplinas, que consistia no uso de cordas enlaçadas à cabeça e outra do pescoço à cinta, por parte dos irmãos da Ordem que assim nela figuravam¹⁵², costume que o tempo também apagou.

Um dado interessante será a análise dos andores que a incorporam. Desde o início e até 1743, esta procissão era composta apenas pela imagem do Senhor dos Aflitos (guardado na CMAS), sendo que a partir de então, passam a figurar também as imagens do Senhor Amarrado à Coluna e o Senhor da Cana Verde, adquiridos nesse mesmo ano pela Irmandade dos Passos e a partir do qual passam a figurar na Capela do Pretório na Igreja Matriz, o que não deixa de ser curioso na medida em que se trata de uma procissão da responsabilidade da Ordem Terceira.

Ao nível de percurso, este nunca deve ter sido alterado da configuração que hoje conhecemos uma vez que obriga a procissão a parar diante de todas as Capelas dos Passos onde é entoado o Miserere. A única alteração que conhecemos é a do local de saída da mesma, uma vez que os relatos nos mostram que o ponto de partida e chegada seria a Capela de N. Sr.^a da Graça¹⁵³, e não a Igreja Matriz como acontece desde 2004.

Porventura, a que menos terá sofrido com a passagem do tempo foi a Procissão dos Passos, também denominada como Procissão do Encontro, a festa patronal da Irmandade dos Passos, que desde os tempos mais recuados lhe deu corpo.

Trata-se de uma das mais afamadas e importantes devoções do povo ovarense, perdendo-se na antiguidade desta tradição, anterior à própria fundação da Irmandade¹⁵⁴.

¹⁵¹ Costa, 1967: 69

¹⁵² *Ibidem*, p. 69

¹⁵³ *Ibidem*, p. 70

¹⁵⁴ A documentação mais antiga referente à Irmandade dos Passos encontra-se em paradeiro incerto, porém, após consulta pelo Pe. Manuel Lírio, em 1922, são referidos documentos da segunda metade do século XIX em casa de António Descalço, sobrinho do Pe. João Descalço, Juiz da Irmandade dos Passos

“A concorrência de forasteiros foi sempre notavel e por toda a parte se espalhou a fama de grandiosa, desta festividade.”¹⁵⁵

Inicialmente e durante mais de um século a Irmandade, sem capela própria, tinha sede na Igreja Matriz. Por ocasião das grandes solenidades erguiam-se, ao longo da Rua da Amargura (nome pelo qual ainda hoje é conhecido o percurso dos Passos de Ovar), pequenas capelas portáteis, de madeira, dentro dos quais se colocavam imagens de roca representando a cena da estação que representaria.¹⁵⁶

No século XVIII surgem os Passos da forma como hoje os conhecemos, de pedra e cal. Inicialmente o do Pretório, no interior da Igreja Matriz, já existente em 1727¹⁵⁷ ¹⁵⁸.

A própria construção no interior do principal templo da freguesia, a partir de onde se conserta toda a sacralização local, o principal ponto de encontro, o que não só mostra a importância da Irmandade dos Passos para a comunidade como serve de ponto de partida para a sacralização dos espaços, uma vez que a partir desta partem as principais procissões.

Em 1748 iniciou-se a construção das restantes seis capelas, ano em que foi concedido pelo rei o imposto de um real em cada quartilho de vinho que se vendesse em Ovar a favor dos Passos, espalhadas pela malha urbana da então vila, estrategicamente posicionadas, e pelo qual se traça de forma definitiva o percurso desta procissão, curiosamente nas ruas onde hoje em dia se conservam as casas das famílias mais abastadas, assim como os principais edifícios da vida cívica, cultural e social da cidade, e onde paralelamente a estas procissões vemos acontecer os principais eventos culturais, tais como o Carnaval, o Cantar os Reis, entre outros.

Assim sendo, e tendo em conta este percurso estabelecido, compreendemos que esta procissão ainda hoje concretiza o mesmo percurso dos tempos recuados. Nesta fazem

entre 1869 e 1871, “no qual se dizia que a criação [da Irmandade] se realizara em 1572”. Sofia Nunes Vechina acha possível que esta irmandade tenha sido fundada oficialmente por volta de 1572, muito embora refira que a manifestação devocional à Paixão de Cristo em Ovar seja anterior.

¹⁵⁵ Araújo, 1952: 38

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 24

¹⁵⁷ Vechina, 2013: 2

¹⁵⁸ Data inscrita num fresco, descoberto em 2011, que serviria originalmente de fundo ao nicho central do retábulo da Capela do Pretório.

parte apenas dois andores, o do Senhor dos Passos, cuja imagem é a presente no Passo da Igreja Matriz, e da Virgem, uma curiosa imagem articulada oriunda do Porto, adquirida no ano de 1783¹⁵⁹, e guardada num camarim na Capela do Calvário.

No rosto desta imagem perfeita se divisa a mais viva expressão de angústia, como de quem tem o coração em lágrimas desfeito." dando jus à dita expressão "Vêde se ha dôr igual á minha dôr"¹⁶⁰.

Ainda hoje, a procissão é composta por dois desfiles distintos, de um lado o do Senhor, e doutro o da Senhora, conduzidos por artérias diferentes, e cujo encontro dos dois se dá em diante da Capela do Passo do Encontro, onde se fundem numa única procissão.

A única alteração registada ao itinerário dos Passos concentra-se no percurso que a imagem da Senhora da Soledade faz, antes do encontro com o filho. Inicialmente saía da Capela de S. Tomé, mais tarde passou a sair S. Lourenço e depois de Santo António (o que aconteceu até aos anos 90). Atualmente sai da Igreja Matriz, no mesmo local de onde sai a imagem do Senhor, mas seguindo direções opostas, indo o Senhor pela Gomes Freire em direção à Senhora da Graça, subindo a Elias Garcia em direção ao Passo do Senhor caído por terra, enquanto a Senhora segue atualmente a Ferreira de Castro, diretamente em direção ao Passo do Encontro.

Embora não faça parte do programa oficial das Procissões Quaresmais, ocasionalmente realiza-se ainda hoje a transladação da imagem da Virgem em procissão, do Calvário para a Igreja Matriz, na noite da sexta-feira que antecipa a solenidade dos Passos, após a meditação da Via-Sacra.

A procissão dos Passos termina oficialmente no Calvário, onde fica a imagem da Virgem, porém, o andor do Senhor é novamente conduzido em direção à Igreja Matriz.

¹⁵⁹ Lírio, 1922: 35

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 31

Capítulo 4 – Não é bom Vareiro quem não é Terceiro – A

Procissão das Cinzas em Ovar

As Procissões de Cinza, vulgarmente denominada, em Ovar, de Procissão dos Terceiros, foram-se realizando em Portugal, entre os séculos XVII e XX, com mais ou menos aparato, em correspondência direta às *Procissões Sacras*, compreendendo assim a mais evidente forma de religiosidade.

Embora nos Terceiros não se materialize a ideia de romaria e de festa, duas palavras que a história cristã enlaça ao próprio ato processional, isto deve-se ao fundamento da sua organização, a de uma ordem religiosa que procura a penitência, o recolhimento e a reflexão durante o período Quaresmal.

Realizadas desde o séc. XVII¹⁶¹, numa época em tudo propícia à realização de grandes manifestações de cariz religioso, marcadas pelo espírito tridentino, as procissões de penitência encontram uma correspondência direta para com um movimento religioso em franca expansão à época, a Ordem Terceira de S. Francisco.¹⁶²

Estas procissões, vulgarmente denominadas *das Cinzas*, realizavam-se, por norma, na Quarta-feira de Cinzas, assinalando o início do tempo quaresmal, e sendo caracterizadas pela teatralização, não só nos gestos e figurinos dos indivíduos que nelas participavam, mas sobretudo pela disposição e apresentação das imagens dos andores, através da humanização e da imaginária de vestir que proliferou ao longo dos séculos XVII e XVIII¹⁶³.

Curiosamente, concretizam, portanto, uma das imensas realizações de cariz cultural e até mesmo de piedade popular originários na época moderna, em muitos casos com correspondência ainda hoje, realizados na quaresma e na Semana Santa, tempo esse profundamente marcado pela recriação dos mistérios da paixão de Cristo, desde as afamadas procissões dos Passos que pretendem encenar o caminho percorrido por Cristo entre o Pretório e o Calvário, mas também outras, tais como as Endoenças ou do Ecce-Homo, em quinta-feira santa, os Enterros às sextas-feiras santas, mas também

¹⁶¹ Cf. Chaves, 2019: 203

¹⁶² Chaves, 2014: 204

¹⁶³ *Ibidem*, p. 204

inúmeras recriações centradas nas dores da Virgem Maria, como sendo exemplo a Procissão de Nossa Senhora das Angústias de Braga, cumprida até meados do séc. XX, ou as das Sete Dores de Nossa Senhora, ainda hoje realizada em Maфра.

Contudo, à semelhança dos Terceiros Franciscanos, também outras ordens religiosas desempenhavam um papel importante no período da Quaresma, e se as Cinzas dos Franciscanos marcaram o início desse período, os Terceiros do Carmo terminavam, com as procissões do Triunfo, em Domingo de Ramos, atualmente apenas realizada em Tavira.

A Procissão dos Terceiros é então uma dessas correspondências vindouras do século XVII, com características bastantes distintas do seu início. Concretizando-se, é certo, devemos, contudo, ter em conta as profundas alterações que o próprio tempo, a sociedade e até a Igreja enquanto instituição tiveram ao longo dos séculos, sendo hoje mais vista como “(...) uma memória identitária da fé popular (...)”¹⁶⁴.

4.1 Um préstito com mais de três séculos

Em Ovar, a primeira mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco foi eleita a 3 de dezembro de 1660, datando apenas três anos depois, em 1663, a primeira referência documental conhecida à Procissão das Cinzas:

“No primro de Novbro do Anno de 1663 fez [nesta villa de Ovar] o Ministro com mais officiaes da mesa ordenara q dos dous Annos atrasados em q se fez eleição se pagace hum com o mais [...] q se devia dos outros annos (...) o irmão q não fizer o q se ha della neste cap[itu]lo athe a procição da quaresma pagará os ditos dous annos (...)”

A Procissão dos Terceiros de Ovar, que acontece no segundo domingo da Quaresma, foi numa fase inicial, à semelhança do que acontece com as homólogas, também realizada em Quarta-feira de Cinzas, possivelmente entre 1663 e 1670. Em 1671, “(...) resolveu

¹⁶⁴ Chaves, 2014: 204

em Meza que ela se fizesse, sempre, na segunda dominga da quaresma, para que não se registasse falta de concurso de gente (...)”¹⁶⁵, onde se mantém, desde então.

Atualmente, apenas Ovar, a par de Mafra, Óbidos, e S. Vicente da Beira, concretizam as únicas procissões penitenciais da Ordem Terceira de S. Francisco ainda realizadas com regularidade em Portugal Continental, porém, apenas a de Ovar ainda realizada pela ordem religiosa que a concretizou e com o fausto e aparato apenas semelhante nas homólogas de Aveiro, do Porto, de Vila do Conde e de Braga.

É, assim, uma grande manifestação pública de fé, católica, de grande aparato cénico, como aliás sempre caracterizou as grandes procissões de penitência franciscana, porém, no caso owarenses, com um envolvimento socio/cultural que ultrapassa largamente as ilhargas da religião, com uma profunda marca no seio da comunidade local. E tal como o dito popular diz, “Não é bom vareiro quem não é Terceiro!”, a Procissão dos Terceiros de Ovar é não só a primeira manifestação pública de relevo da Ordem Terceira na então vila, como se torna o grande símbolo desta ordem religiosa na região, alcançando rapidamente uma dimensão e configuração próprias e identitárias, sendo hoje a imagem de profundas alterações dogmáticas e sucessivas reformas cujos séculos trouxeram

Estas “procissões de penitência”, acontecidas no seio da Ordem Terceira de S. Francisco, surgem praticamente em simultâneo à instalação das ordens religiosas nos locais, desempenhando um papel importantíssimo à luz da sociedade da época. Com o tempo, vão-se adaptando de uma forma constante, quer ao local onde se inserem e às vivências e práticas da comunidade, mas também às reformas litúrgicas que vão acontecendo e às linguagens artísticas vigentes, sendo a imaginária de vestir um dos mais interessantes casos de estudo destas procissões.

4.2 A Procissão no tempo – composição e estruturação

Desaparecidos os Estatutos e Livros de Atas mais antigos da Ordem, torna-se complexa a tarefa de reconstituição da origem das imagens que hoje compõem a Procissão dos

¹⁶⁵ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. x

Terceiros. Porém, existem no acervo da CMAS duas esculturas de vulto inteiro, em madeira, do séc. XVII, uma figurando S. Luís Rei de França, com coroa e cetro real, e, outra, de S. Francisco de Assis, mostrando as chagas da estigmatização, encontrando-se o primeiro referenciado como “A imagem mais antiga que a Ordem possui (...)”¹⁶⁶, adquirida em 1661, fruto de campanhas porta a porta que ocorreram não só na vila como nas terras limítrofes, entre Avanca e Vale de Cambra.¹⁶⁷



Figura 11. S. Francisco de Assis. Fotografia: Ricardo Pinho (2022)



Figura 12. S. Luis Rei de França. Fotografia: Ricardo Pinho (2022)

¹⁶⁶ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2

¹⁶⁷ A 26 de junho de 1661, os mesários da Ordem resolveram adquirir as primeiras imagens, entre elas a de S. Luís. Cf. Lamy, 2009: 357

Possivelmente, serão estas as primeiras imagens a figurar na Procissão de Cinza de Ovar, que o tempo alterará e lhe dará a imagem dos nossos dias.

Devem ainda ser mencionada a composição escultórica do atual décimo terceiro andor, a Visão de S. Francisco, titular do altar da Ordem Terceira na Capela de Nossa Senhora da Graça, cuja concretização em roca e as formas fisionómicas nos levam a querer acreditar ser a aquisição mencionada nos primeiros tempos da procissão:

“(...) melhores dias vieram e outras se adquiriram, figurando nas procissões mais as de S. Francisco, Sta. Angela de Fulgino e Rainha Santa, todas em roca.”¹⁶⁸

Acreditando que a referida imagem de S. Francisco seja a ainda hoje usada no andor dito da Visão de S. Francisco, mais nenhuma chegou aos nossos dias, pelo menos na sua forma ou nomenclatura inicial.

No espólio da CMAS, são de registar a existência de três cabeças de imagens de roca e uma mão, nas Reservas da CMAS, que provavelmente concertam os resquícios dos primitivos tempos da procissão.

Assim, e tendo em conta os dados que nos chegam antes das primeiras descrições pormenorizadas de 1672, os primeiros anos da Procissão dos Terceiros terão sido anos de constantes flutuações no número de andores dadas as aquisições conhecidas, sendo possivelmente composta, na sua primeira década pelos andores de S. Luís Rei de França, S. Francisco, Santa Ângela de Fulgino e Santa Isabel de Portugal.

As primeiras referências pormenorizadas à Procissão de Cinza aparecem nos Estatutos de 1672, entretanto desaparecidos, mas consultados por Sofia Vechina em 2013, a partir dos quais é possível compreender toda a composição do cortejo religioso, não só no que toca ao número de andores que o compunham, bem como todo o conjunto figurativo que o deveria acompanhar.

Assim, nove anos após o registo da primeira Procissão de Cinza em Ovar, surge a primeira descrição completa do préstito, surpreendendo o grande número de andores e imagens, o que nos leva a refletir sobre a importância clara que a recém-chegada ordem franciscana adquire na comunidade local.

¹⁶⁸ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2

“A Procissão de quarta feira de cinza se deve fazer pela forma e ordem seguinte

A cruz da penitencia com duas tochas a ella e seguem-se as penitencias.

A cruz e cereaes da comunidade a que se seguem seis Anjos de gala.

ANDOR I.º

N. Sra da Conceição

Figuras

1. O Paraizo e a ella hum Anjo.

2. e 3. Adão e Eva, outro Anjo.

4. O Cherubim, outro Anjo.

5. e 6. As Cinzas, outro Anjo.

7. A contribuição, outro Anjo.

8. A confissão, outro Anjo.

9. A penitencia, outro Anjo.

Aqui governa hum Irmão Secretário.

ANDOR II.º

Nosso Padre S. Francisco despendo as galas; e a elle quatro tochas, em que pegão quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR III.º

Nosso Padre seguindo a Christo: a elle quatro tochas, em que pegão quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR IV.º

Nosso Padre S. Francisco nas vizoens: a elle quatro tochas, em que pegão quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR V.º

Nosso Padre dando a regra: a elle quatro tochas, em que pegão quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR VI.º

Nosso Padre recebendo a confirmação: a elle quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR VII.º

Nosso Padre abraçado com Christo: a elle quatro Lanternas, em que pegão quatro Irmãos Zeladores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Secretário.

ANDOR VIII.º

B. Michaelina de Pizarro: a elle quatro tochas com que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa hum Irmão Vice-Ministro.

ANDOR IX.º

Os Bem Casados: a elle quatro tochas, em que pegão quatro Irmãos Definidores.

Dous Anjos

Governa hum Irmão Militar, que a Meza eleger.

ANDOR X.º

S. Roque: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XI.º

Sancta Clara de Monte Falco: a elle quatro tochas em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XII.º

S. Ivo Doutor: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores Ecclesiasticos.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XIII.º

S. Margarida de Cortona: a elle quatro tochas em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XIV.º

S. Giraldo Maltez: a elle quatro tochas em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XV.º

B. Luiz Martyr: a elle quatro tochas em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XVI.º

S. Henrique Rey de Dacia a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Vice-Ministro.

ANDOR XVII.º

S. Angela de Fulgino: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa hum Irmão Ministro.

ANDOR XVIII.º

S. Luiz Rey de França a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XIX.º

S. Roza de Vitervo: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XX.º

S. Ricardo Bispo: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores Sacerdotes.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XXI.º

S. Izabel Rainha de Ungria: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XXII.º

S. Carlos: a elle quatro tochas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XXIII.^o

A Snr^a S. Izabel Rainha de Portugal: a elle quatro tochas, inquam, Lanternas, em que pegão Definidores.

Dous Anjos.

Governa outro Irmão Ministro.

ANDOR XXIV.^o

O Andor da Ordem: e a diante delle a Meza Immediata.

Quatro Anjos.

Duas Lanternas adiante, e duas atras.

Segue-se Logo atras deste andor a Meza actual.

Dipois o Palio com quatro Anjos a elle, e quatro Lanternas, em que pegão Sacerdotes.

Esta he a forma, em que thè o prezente se tem aumentado a nossa Procissão de Cinza, que se guardará da quê em diante sem diminuição.”¹⁶⁹

Esta constituição da procissão era toda ela muito semelhante em todos estes cerimoniaes dos Terceiros Franciscanos, bastando para tal olhar a constituição dessas procissões em Vila do Conde, em Aveiro e no Porto.

¹⁶⁹ ACMAS – Estatutos e Regra da Ordem Terceira de S. Francisco da Villa de Ovar, 1672

Porém, é igualmente interessante analisar a dimensão da procissão em Ovar já em 1672, comparando com a da cidade do Porto, que apenas alcançará o mesmo número de andores da de Ovar em 1751¹⁷⁰.

Todavia, será com recurso às descrições do cerimonial portuense, definido em Estatutos em 1660 que encontraremos a principal estrutura da procissão, essa na altura com doze andores, definindo o carácter simbólico e o contexto objetivo de todos os elementos que a constituem, muito além dos andores, e que podemos replicar de igual modo no caso ovariense, dado a similaridade do mesmo.

Assim, o cortejo é composto por três grupos distintos, que deste modo concretizam toda uma leitura de uma forma cíclica e clara da temática da procissão.

O primeiro apresenta a temática central da procissão, a penitência, bem como a remissão do pecado original, não apenas porque a Imaculada Conceição, padroeira da Ordem, figura o primeiro andor, mas também pelas figuras representadas antes e depois deste, com uma ligação clara a essa ideia, seja através da figuração de Adão e Eva, do Paraíso, mas também das Cinzas e as figuras relacionadas com a Penitência e o sacramento da Confissão.

O segundo grupo será o mais alterado e adaptado ao longo dos séculos, são expostos os exemplos de santidade, através de alguns dos principais ícones de santidade da Ordem franciscana, que podem variar, mas que normalmente figuram, pelo menos, as imagens de S. Roque de Montpellier, Santo Ivo, Santa Rosa de Viterbo, S. Luís Rei de França e as Santas Isabel de Portugal e da Hungria. Será também este grupo o lugar da representação de variados episódios hagiográficos da vida de S. Francisco de Assis, como S. Francisco seguindo Cristo, entregando a regra a S. Lúcio e Santa Bona (Bem Casados), Lançado às Silvas, entre muitos outros possíveis.

Finalmente, o último grupo, ligado à exortação do sacrifício, que encerra não só a procissão como a temática, através da figuração do chamado Andor da Ordem, com a estigmatização de S. Francisco.

¹⁷⁰ Chaves, 2014: 211

A PROCISSÃO DOS TERCEIROS EM 1672		
LÓGICA COMPOSITIVA		
GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III
A Cruz da Penitência e duas tochas; As Penitências; A Cruz e <i>cereaes</i> da comunidade; Seis Anjos de gala; ANDOR I – Nossa Senhora da Conceição Figuras • O Paraíso e um Anjo; • Adão e Eva e um Anjo; • O Querubim e um Anjo; • As Cinzas e um Anjo; • A Contribuição e um Anjo; • A Confissão e um Anjo; • A Penitência e um Anjo.	ANDOR II – S. Francisco despendo as galas; ANDOR III – S. Francisco seguindo Cristo; ANDOR IV – Visões de S. Francisco; ANDOR V – S. Francisco dando a Regra; ANDOR VI – S. Francisco recebendo a confirmação; ANDOR VII – S. Francisco abraçado a Cristo; ANDOR VIII - B. Michaelina de Pizarro; ANDOR IX - Bem Casados; ANDOR X - S. Roque; ANDOR XI - Santa Clara de Montefalco; ANDOR XII – Santo Ivo; ANDOR XIII – Santa Margarida de Cortona; ANDOR XIV - S. Giraldo Maltez; ANDOR XV - B. Luís Mártir; ANDOR XVI – Santo Henrique Rei de Dácia; ANDOR XVII - Santa Ângela de Fulgino; ANDOR XVIII - S. Luís Rei de França; ANDOR XIX – Santa Rosa de Viterbo; ANDOR XX - S. Ricardo Bispo; ANDOR XXI - Santa Isabel da Hungria; ANDOR XXII - S. Carlos Borromeu; ANDOR XXIII – Santa Isabel de Portugal;	• A Mesa anterior ANDOR XXIV - Andor da Ordem; • Quatro lanternas a ladear o andor; • A Mesa atual • Quatro Anjos O Palio; • Quatro Anjos; • Quatro lanternas.

Tabela 1. Lógica compositiva da Procissão dos Terceiros em 1672.

Infelizmente, as descrições da procissão de 1672 não se repetem ao longo dos séculos XVIII e XIX, sendo, portanto, os registos de aquisições e reformas encontrados nos livros de Atas da Ordem, a par da imprensa e do advento da fotografia e do filme, importantes

fontes para a compreensão e caracterização da Procissão dos Terceiros ao longo dos seus mais de 350 anos de existência em Ovar.

Assim, será no Jornal O POVO DE OVAR, na edição de 26 de fevereiro de 1930, que encontraremos uma descrição pormenorizada da mesma em 1849, realizada pelo padre Jacob, e que assim nos mostra a composição do cortejo à data:

“Á frente entre duas tochas, a cruz da Penitencia, com seu dístico Arma militia nostra, logo seguida da Cruz da Ordem entre ceroferários e depois entre as alas dos noviços, ia o andor da Conceição, precedido do anjo da gala, armado de azul, sob a direcção do Padre mestre de noviços.

Depois as alas extensas dos professos, custodeavam os andores de S. Francisco abraçado a Jesus, Bemcasados, S.ta Rosa, S. Francisco nas silvas, S.to Ivo, Rainha da Hungria, S. Luiz, Rainha Santa e S. Francisco das Chagas, a cruz do clero, os irmãos sacerdotes e o palio.

Incorporavam-se na procissão onze anjos, que disputavam aos Mezarios o favor da sua inscrição e a sua ordem dependia da categoria do apresentante, sendo o primeiro o do irmão Ministro e o ultimo o do padre Comissario. Às varas do palio pegavam os Mezarios da anterior gerencia, pela ordem dos seus logares preferentes, porque em frente dele, em linha transversal, da direita para a esquerda, formava a Meza em exercicio, indo á sua direita o Ministro e os restantes vogaes pela sua Ordem. Às lanternas do palio, que eram só duas, pegavam os irmãos sacristães.”¹⁷¹

Tal composição é corroborada por um documento avulso encontrado nas reservas da CMAS, que assim transcreve a composição do préstito em 1848, a Procissão é composta por dez andores e ordenada da seguinte forma:

1. Nossa Senhora da Conceição;

¹⁷¹ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2

2. S. Francisco abraçado a Cristo;
3. Bem Casados (S. Francisco entregando a regra a S. Lúcio e Santa Bona);
4. Santa Rosa de Viterbo;
5. S. Francisco lançado às silvas;
6. Santo Ivo;
7. Santa Isabel da Hungria;
8. S. Luís Rei de França;
9. Santa Isabel de Portugal;
10. S. Francisco das Chagas (Andor da Ordem).

Contudo, esta organização é posta em causa nos anos seguintes:

“É certo que a não ser nesse ano, ele nunca se cumpriu integralmente, porque as vaidades ofendidas, manejadas pela política, deram causa a tumultos na igreja, que foram verdadeiramente escandalosos.

Todavia, deveria resultar interessante e imponente, quando havia para cima de seiscentos irmãos e cada um tinha seu hábito, já não falando nos trinta eclesiásticos ou mais, que chegou a haver, e que toda essa gente, da mais graúda á mais humilde, fazia gala em ir no pretito”¹⁷²

Este cortejo, como já tivemos oportunidade de compreender, será muitas vezes reformulado, sendo que, segundo as descrições da segunda metade do século XIX, os dez andores mantiveram-se até 1898, quando é acrescentado o décimo primeiro andor, o de Santa Margarida de Cortona.

Nada obstante, merece menção uma notícia do semanário O OVARENSE, nº 1358, de 20 de fevereiro de 1910, que dá conta da realização da procissão nesse mesmo dia, com apenas dez andores, “(...) que como já dissemos, são riquíssimos e magestosos, seguirão pela seguinte ordem: 1º - Nosso Senhor [Nossa Senhora] da Conceição 2º - Bem Casados 3º - Santa Roza de Viterbo 4.º - S. Francisco das Silvas 5. - Santa Margarida 6. - Santo Ivo 7. - Santa Isabel da Hungria 8. - S. Luiz, Rei de França 9. - Rainha Santa Isabel, de Portugal 10. Andor da Ordem.” No caso, o atual décimo terceiro andor, a Visão de S. Francisco

¹⁷² Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2

não é então mencionado, porém, sabemos que se trata de um grupo escultórico muito anterior, e como já referido, possivelmente o mais antigo ainda em uso no cortejo.

Certo é que o séc. XX trará uma nova roupagem à procissão, que resulta na estruturação (pelo menos ao nível dos andores) dos nossos dias, sendo a esta adicionados em períodos distintos as imagens de Santa Clara de Assis, em 1957, a de S. Roque, em 1965, e finalmente a de Santo António, em 1970.

Contudo, através da análise de algumas fotografias e vídeo, confirmamos que a ordenação dos andores no segundo grupo nem sempre foi a mesma. Assim, em 1966, a procissão decorreu perante a seguinte ordenação:

1. Nossa Senhora da Conceição;
2. Bem Casados (S. Francisco entregando a regra a S. Lúcio e Santa Bona);
3. Santa Rosa de Viterbo;
4. S. Francisco lançado às silvas;
5. Santa Margarida de Cortona;
6. Santo Ivo;
7. S. Roque de Montpellier;
8. Santa Isabel da Hungria;
9. Santa Clara de Assis;
10. S. Luís Rei de França;
11. Santa Isabel de Portugal;
12. Visão de S. Francisco;
13. Andor da Ordem.

Nas décadas seguintes, registamos alguma flutuação entre a ordem de saída das imagens das Rainhas Santa Isabel de Portugal e da Hungria, Santa Clara, Santo António e S. Luís Rei de França. Fixando-se, desde a viragem do milénio, da seguinte forma:

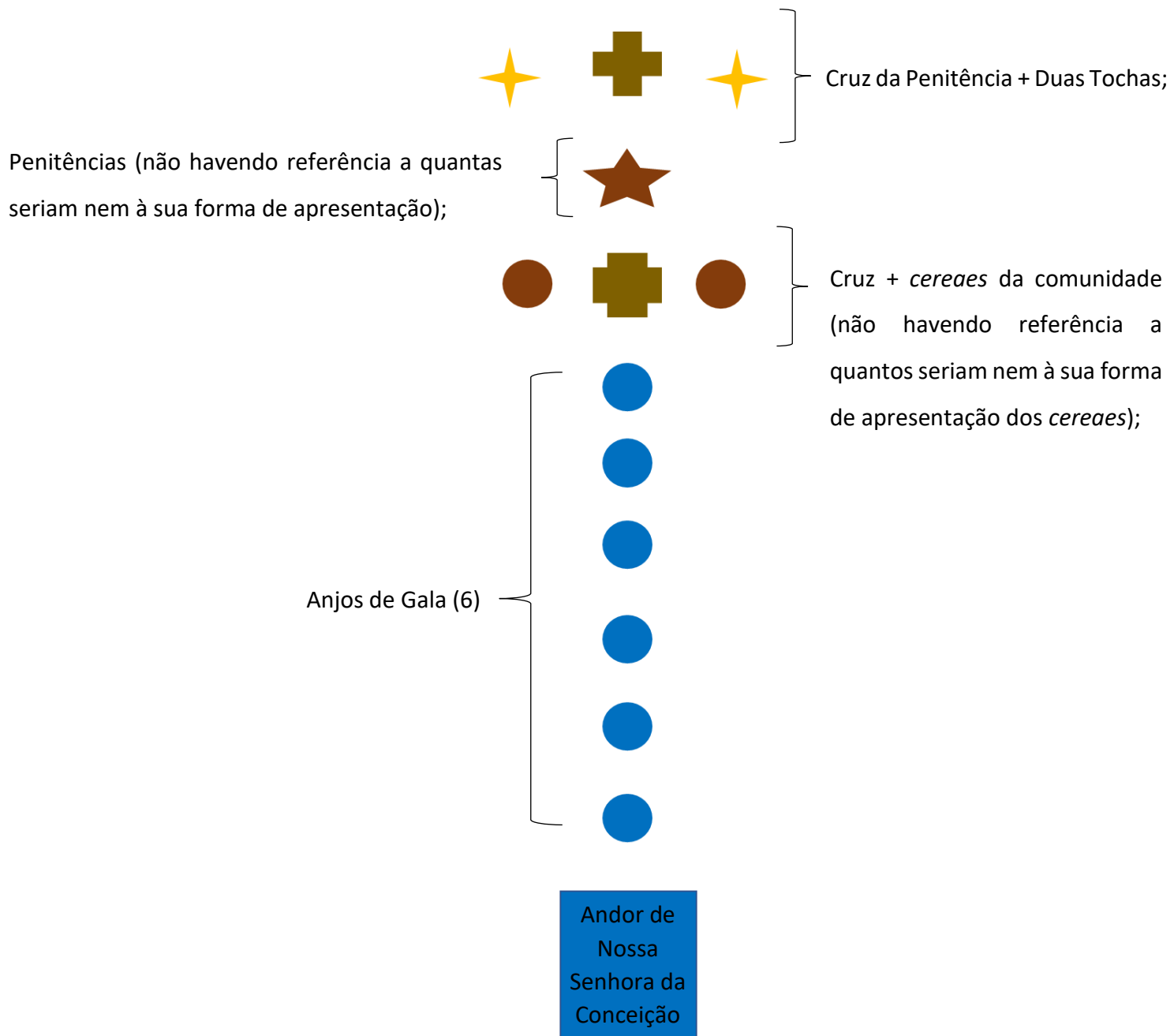
1. Nossa Senhora da Conceição;
2. Bem Casados (S. Francisco entregando a regra a S. Lúcio e Santa Bona);
3. Santa Rosa de Viterbo;
4. S. Francisco lançado às silvas;
5. Santa Margarida de Cortona;

6. Santo Ivo;
7. S. Roque de Montpellier;
8. S. Luís Rei de França;
9. Santa Isabel da Hungria;
10. Santa Isabel de Portugal;
11. Santo António de Lisboa;
12. Santa Clara de Assis;
13. Visão de S. Francisco;
14. Andor da Ordem.

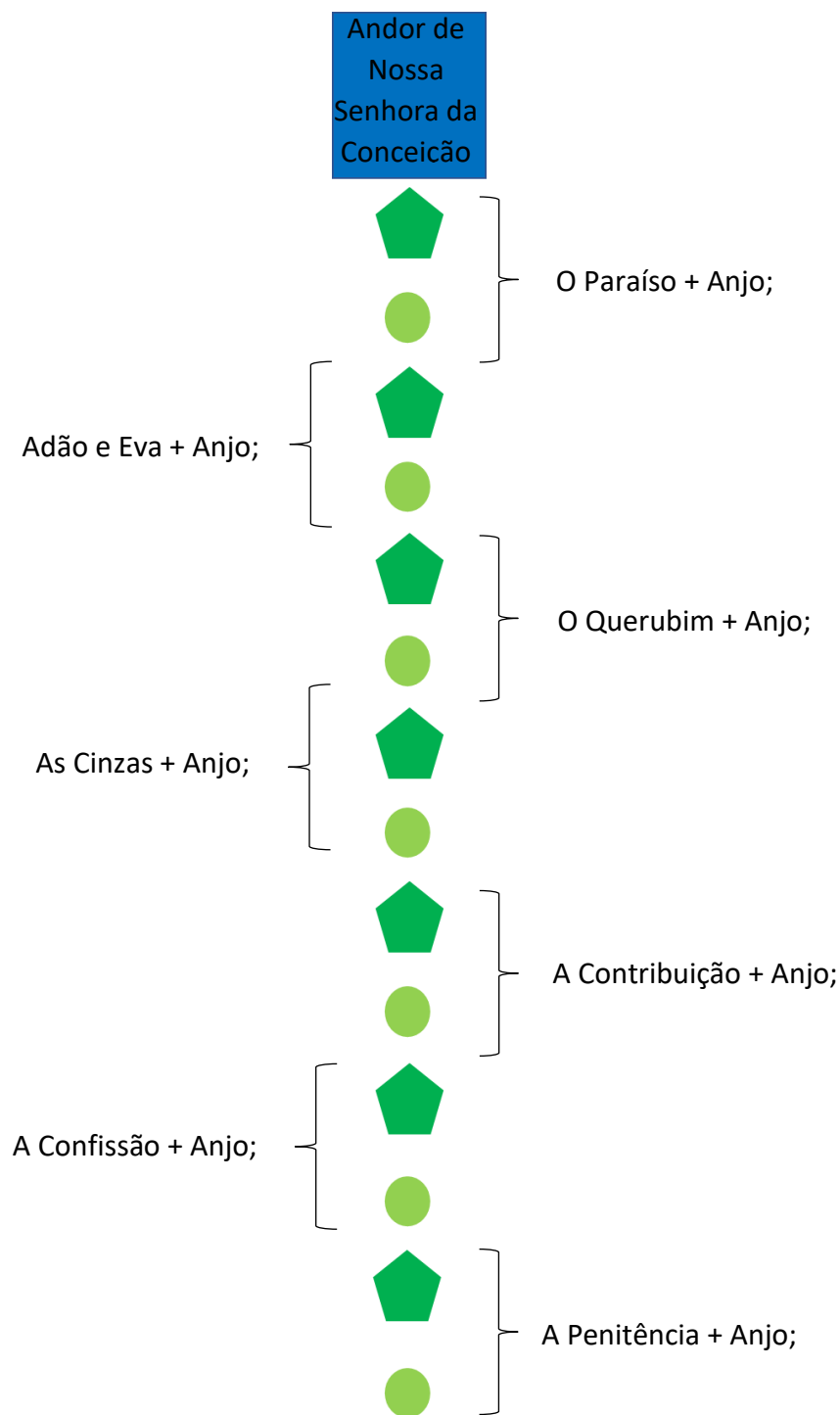
Desta forma, e tendo em conta as referências encontradas, conseguimos traçar uma diacronia estrutural da Procissão desde o século XVII, no que toca à composição de andores. Por outro lado, poucas são as referências dadas aos outros elementos constituintes da procissão, nomeadamente as figuras alegóricas e a forma de apresentação dos irmãos na mesma.

Através da descrição mais antiga encontrada sobre este préstito, de 1672, conseguimos traçar uma maquete compositiva da estruturação primitiva da Procissão dos Terceiros.

Grupo I – Abertura + Apresentação da Penitência e Remissão do Pecado Original:



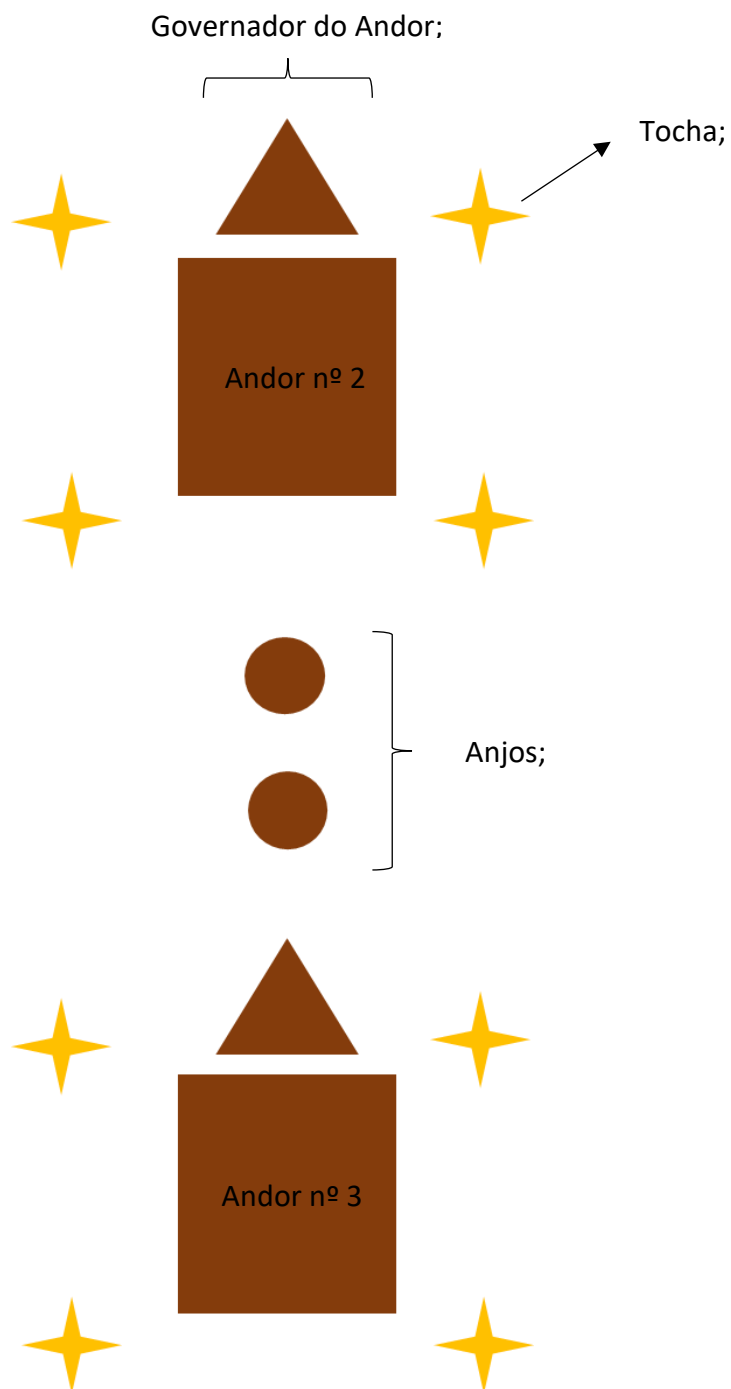
Precedendo o Andor de Nossa Senhora da Conceição, surgem as figuras alegóricas, completando assim a génese catequética do primeiro grupo da procissão:



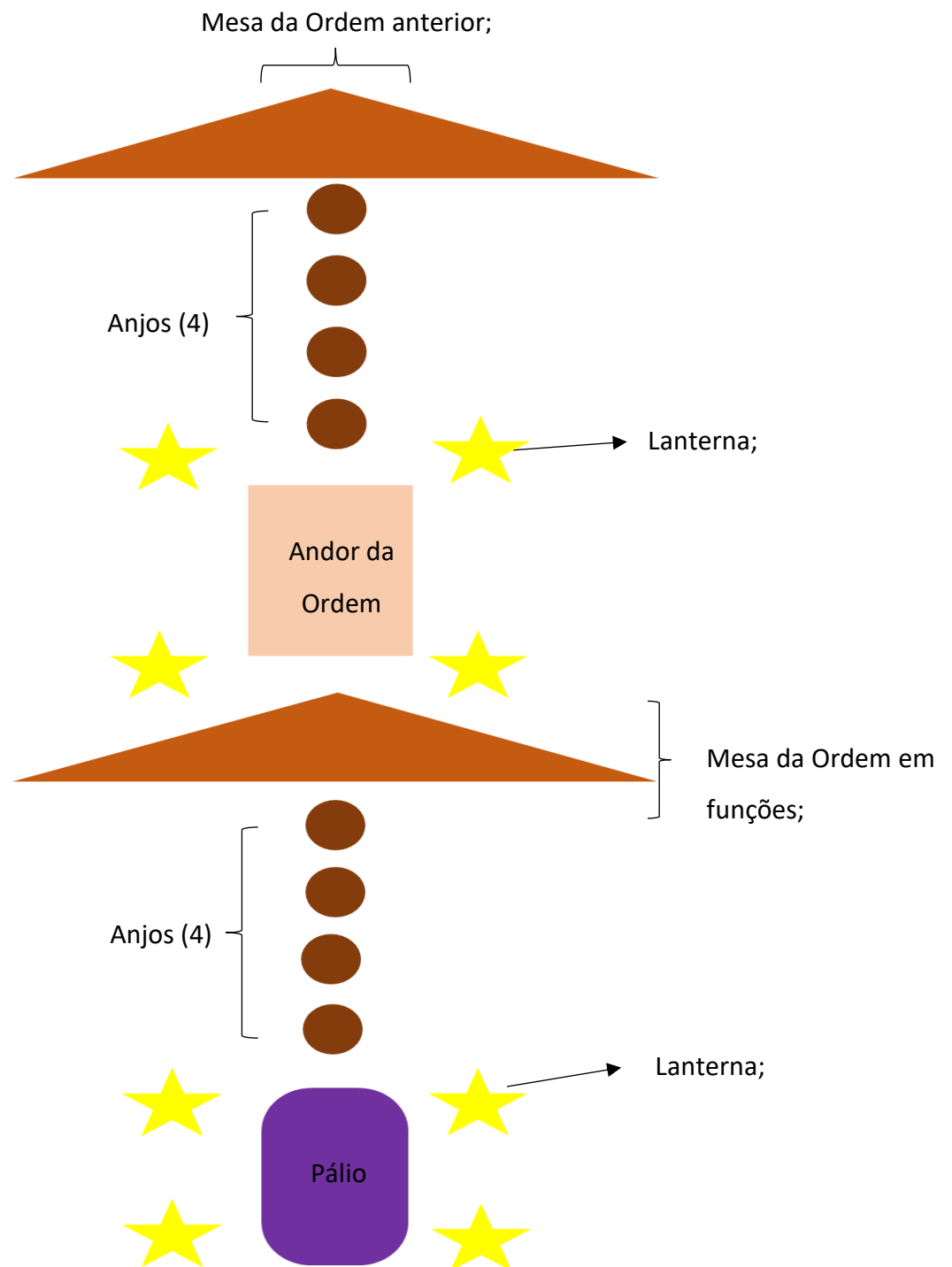
Pela análise realizada, percebemos que a apresentação de figuras alegóricas apenas acontecia no primeiro grupo da procissão, sendo o andor de Nossa Senhora da Conceição o único não acompanhado por tochas nem governado por nenhum irmão. Assim, podemos afirmar que o grupo de abertura da procissão se estende desde o seu início, com a Cruz da Penitência, e congrega todos os elementos imediatamente antes

do segundo andor, que inicia o grupo II – Episódios hagiográficos de S. Francisco e os exemplos de santidade franciscana.

Este segundo grupo, o maior e então constituído por vinte e dois andores, é também o mais simples na sua conceção, sendo apenas mencionadas a presença de um irmão da Ordem a governar o andor, acompanhados por quatro tochas e pela figuração de dois anjos:



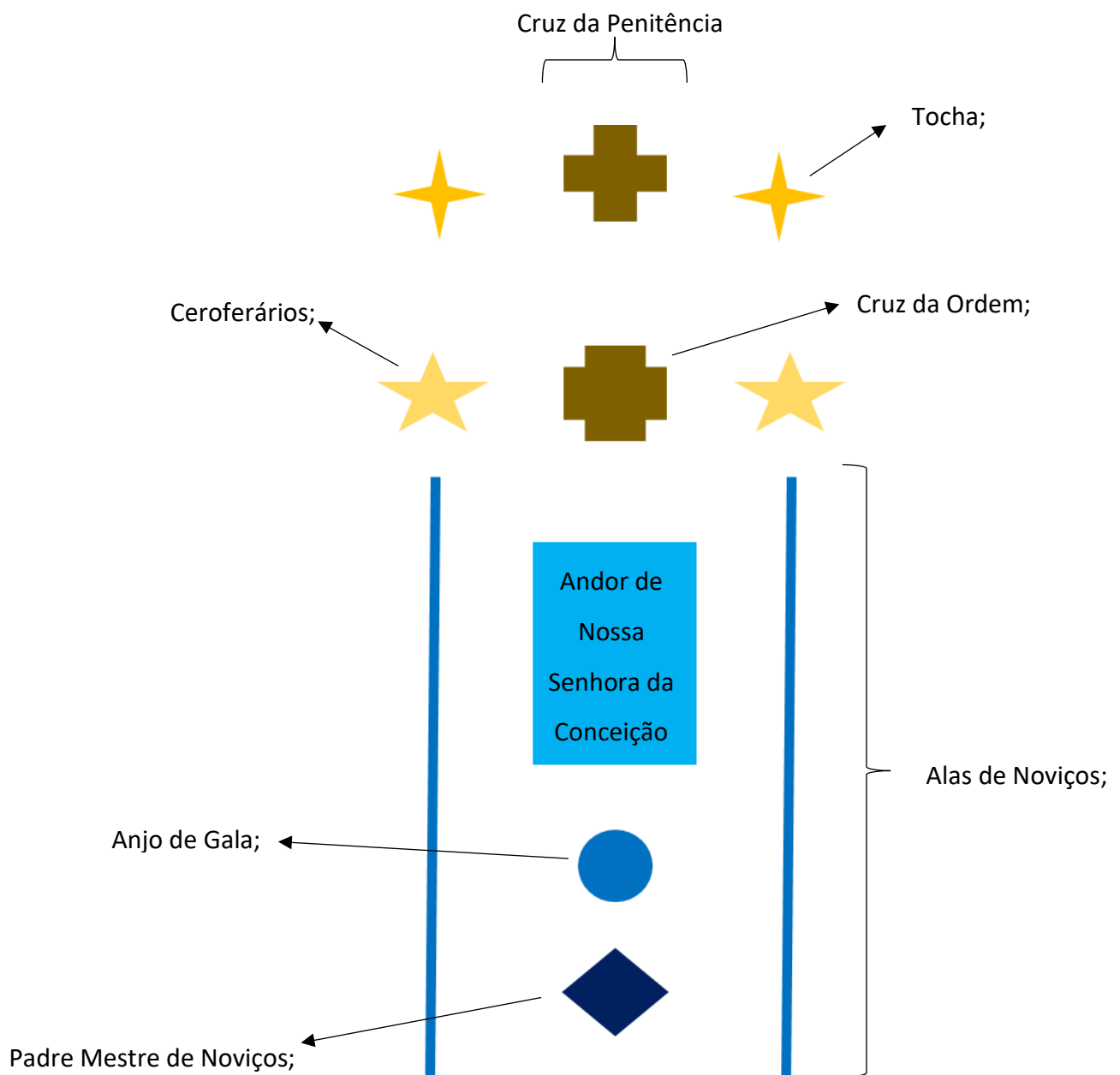
A diferenciação de apresentação de elementos volta a aparecer no Grupo III – A exortação do sacrifício, constituído pelo Andor da Ordem e figuração final, assim apresentadas:



Contudo, apenas teremos outra referência à distribuição formal dos elementos e irmãos na procissão em 1849. Aí, já damos conta de uma diferenciação significativa

não apenas na notória diminuição do número de andores (de 24 para 10), mas principalmente na composição figurativa, já muito distinta da inicial.

Grupo I – Abertura + Apresentação da Penitência e Remissão do Pecado Original:



É notória a ausência das alegorias que compunham primitivamente o grupo I da procissão, sendo apenas mencionado o Anjo de Gala, após o andor de Nossa Senhora da Conceição. Porém, se na descrição de 1672 era mencionado o irmão que deveria governar cada andor, bem como quem deveria pegar em tochas e lanternas, em 1848

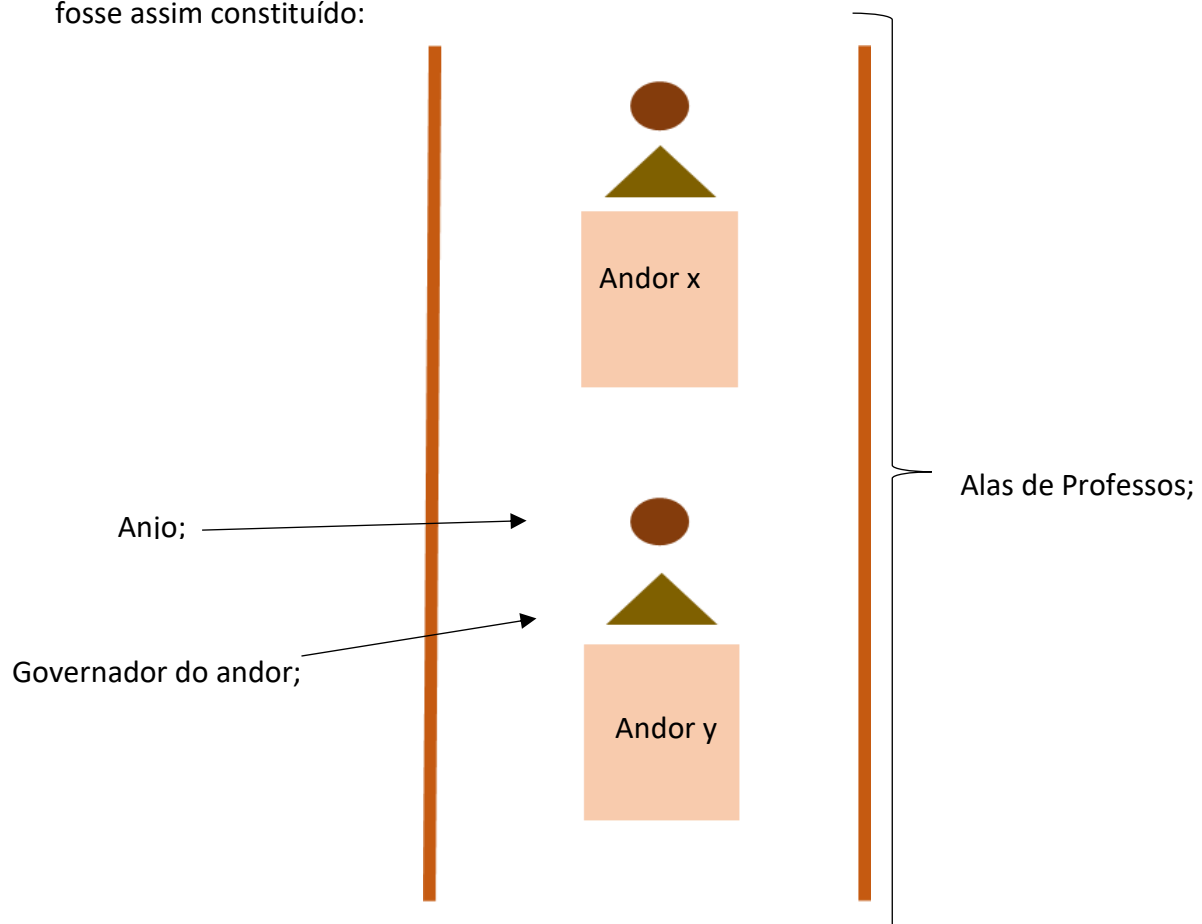
a generalidade dos irmãos, nas suas diferentes formas (noviços; professores; sacerdotes; mesários, entre outros), são parte integrante do préstito.

Assim, o primeiro grupo da procissão é reservado aos noviços, que se alinham em distintas alas logo após os cerofários e a Cruz da Ordem, ladeando o andor de Nossa Senhora da Conceição, ao qual sucede o Anjo de Gala e o Padre Mestre dos noviços.

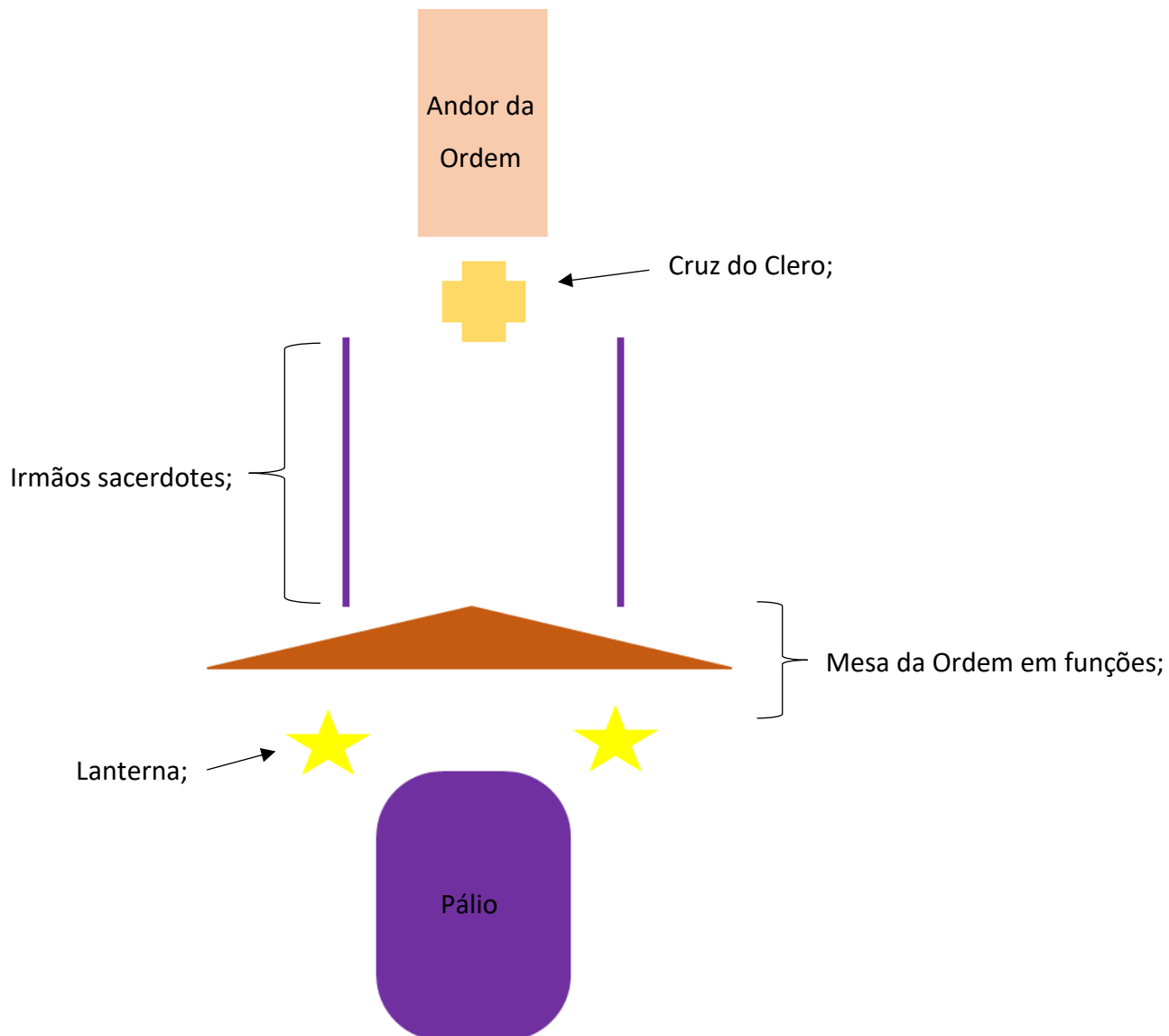
Quanto ao grupo II, não existe a indicação de tochas a ladear ou irmãos no governo dos andores, porém acreditamos que o governo do andor fosse ainda uma presença na mesma, uma vez que o comando dos andores ainda é hoje uma realidade. Porém, são-nos indicadas a existência de extensas alas de irmãos professores que ladeavam os andores.

Certo é que a descrição de 1848 afirma que fariam parte da procissão onze anjos, cuja inscrição seria inclusive alvo de disputa, porém, não nos é indicada o seu lugar no préstito, contudo, é perfeitamente possível que figurassem diante de cada um dos andores, à semelhança do que acontecia já em 1672.

Assim, é perfeitamente possível que em 1848, o grupo II da procissão dos Terceiros fosse assim constituído:



Quanto ao grupo III, é comparativamente o mais alterado face à procissão de 1672, apresentando-se da seguinte forma:



Contudo, o caso da Mesa da Ordem cessante que figuraria em frente ao Andor da Ordem, mantém-se em 1848, desta vez a pegar nas varas do pálio, estando as duas lanternas (e não quatro como inicialmente), reservadas aos dois irmãos sacristãos.

Com recurso aos filmes desta procissão de 1962 e 1966, disponibilizados pelos *Arquivos da RTP*, percebemos que a figuração da procissão já será substancialmente distinta da até então vista.

Assim sendo, na década de 60 do século XX, assistimos já à base de configuração dos elementos que temos nos dias de hoje, ou seja, vemos então já alicerçada a prática do

“encargo” perante o andor, prática essa que consiste na presença das crianças vestidas de anjo ou com a capa da ordem, que seguram uma salva ou almofada com os atributos simbólicos dos santos.

Desta forma, perante o andor de Nossa Senhora da Conceição surgem as crianças vestidas de branco com açucenas, rosários e a coroa imperial. Verifica-se ainda a prática recorrente nas procissões ovaenses das fitas de cetim presas aos andores e às quais pegam as crianças. Nos restantes andores, os encargos concentram-se nos símbolos das imagens, por exemplo, as cruzes perante Santa Margarida de Cortona; as caveiras e silvas perante S. Francisco lançado às silvas ou o pão em Santa Isabel da Hungria;



Figura 13. Procissão dos Terceiros - Encargos de S. Luís (1962). Acessível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/procissao-dos-terceiros-em-ovar-2/>. Consultado a: 15/09/2022

Através destes recursos fílmicos conseguimos também compreender a forma de apresentação e estruturação deste préstito, também ele já muito diferente comparativamente à análise de 1848. A divisão da procissão nos três diferentes grupos já se dá exclusivamente pela figuração dos andores e não pelas figuras alegóricas e simbologias específicas que vão perdendo o seu lugar na mesma, do mesmo modo em que os irmãos já não incorporam a procissão divididos pelas alas de professos e noviços, como visto em 1848, mas sim no governo e transporte dos andores, bandeiras e

lanternas, ficando os encargos reservados às crianças que se perfilariam perante os andores.

Um dado interessante será a abertura da procissão exclusivamente pelo pendão da Ordem (com brasão e a palavra “Penitência”), e não pela Cruz como se vira nas análises anteriores, ou a “guarda” ao Andor da Ordem realizada pelos Bombeiros (em 1962, já não verificada em 1966).

Certo é que se já em 1966 se nota uma grande ausência de elementos característicos para o entendimento litúrgico do ato processional, na atualidade essa é uma questão ainda mais evidente, sendo um exemplo concreto disso a edição de 2019 da Procissão dos Terceiros.

Se por um lado, a ordenação e saída dos andores ainda compõem o conjunto dos três grupos distintos de outros tempos, aos quais se juntam ainda a cruz da Ordem, o pendão da penitência, que abrem o préstito, bem como o pálio que encerra todo o ciclo. O mesmo não se pode afirmar quanto à figuração, bastante reduzida, cingida aos encargos e às Fraternidades Franciscanas da zona Norte convidadas a participar e a tomar lugar na procissão.

Assim sendo, e embora com a ausência de décadas de descrições processionais, conseguimos constituir um percurso cronológico evolutivo dos andores constituintes desta procissão, podendo afirmar que a Procissão dos Terceiros segue uma linha devocional e artística iniciada no século XVII, não apenas na formulação compositiva e estrutural como nas próprias invocações já figuravam no cortejo, embora, muitas delas, sob outra disposição.

4.3 A atual imaginária processional dos Terceiros

As dezoito imagens que atualmente constituem os quatorze andores da Procissão dos Terceiros de Ovar, formulam um interessante campo de investigação, muito além da forma de vestir e da riqueza da indumentária e atributos que envergam no dia do préstito. A origem das mesmas será outro alvo de estudo, cuja falta de informação clara nas fontes primárias, nos leva a encontrar no campo da comparação e na observação metodologias para o estudo da mesma.

As imagens sobre as quais dispomos informação sobre a sua aquisição, foram as imagens de Nossa Senhora da Conceição, a de Santa Margarida de Cortona, a de S. Roque de Montpellier, a da Rainha Santa Isabel de Portugal, a de Santo António de Lisboa e ainda a de Santa Clara de Assis e, ainda, as imagens do Andor da Ordem, sobre as quais foi encontrada uma referência.

A mesma sorte não recaiu sobre as três imagens do conjunto dos Bem Casados, a de Santa Rosa de Viterbo, a de S. Francisco lançado às silvas, a de Santo Ivo, a de S. Luís Rei de França e a da Rainha Santa Isabel da Hungria.

Como referido anteriormente, acredita-se que o grupo escultórico da Visão de S. Francisco, presente na Capela de Nossa Senhora da Graça, seja oriundo dos primeiros anos do séc. XVII, mantendo-se desde então na procissão.

No que toca às imagens identificadas:

A de Nossa Senhora da Conceição, fora adquirida pela Ordem Terceira nos inícios do séc. XIX, coexistindo dúvidas quanto ao ano da aquisição, alicerçando a nossa investigação pelas fontes secundárias, uma vez não encontrados os documentos avulso que mencionam essa aquisição. Arada e Costa¹⁷³ afirma, em 1967, que tal imagem date de 1804-, já *J. Campos, no Jornal O POVO DE OVAR¹⁷⁴, afirma que “(...) entre os papeis avulsos do mesquinho arquivo, um se encontra, que deve ser de 1809-1810, e por ele se depreende que a despesa formidável para a época – 2.127\$30 – deve referir-se á dita compra.”

¹⁷³ Costa, 1967: 28-29

¹⁷⁴ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2



Figura 14. Imaculada Conceição. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Segundo a análise de J. Campos ao dito documento, nele apareceriam descritas as despesas que totalizam o valor acima referido, nomeadamente 500\$00, respeitantes à imagem da dita, mas também 789\$00 face à aquisição de paramentos, e 339\$00, referente à compra de uma imagem do Senhor Morto, que o autor julga ser o da Capela de Santo António.

Certo é que, hoje em dia, apenas existe uma imagem do Senhor Morto na cidade, o da Capela do Calvário, utilizado pela Irmandade dos Passos nas solenidades de Sexta-feira Santa. Em nenhum dos livros de Inventário da Ordem Terceira consultados foi encontrada qualquer referência a essa mesma imagem, o que deixa em aberto uma questão para estudo futuro. Já do paradeiro da anterior imagem da Imaculada Conceição, utilizada nos séc. XVII e XVIII, nada se sabe.

A imagem da Rainha Santa Isabel de Portugal e a de Santa Margarida de Cortona correlacionam-se e são um exemplo vivo da mobilidade e a facilidade de adaptação deste tipo de imagens a novos contextos. Ambas são uma presença assídua na procissão desde cedo, porém, as atuais imagens são fruto dos contantes melhoramentos e reformulações do cortejo.



Figura 16. Santa Margarida de Cortona.
Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 15. Santa Isabel de Portugal.
Fotografia: Margarida Martins (2022)

A imagem da Rainha Santa Isabel de Portugal, terá sido benzida a 13 de março de 1892, na Capela de Nossa Senhora da Graça¹⁷⁵, descrito por J. Campos como o resultado de um novo tempo para a Ordem, saída de um mau momento:

“No final do ultimo quartel do século passado, chegou a Ordem, mais uma vez, a uma decadencia profunda, semelhante á de agora, o que fez tremer os mais fieis que a serviam, pelo seu desaparecimento. Então um grupo d’homens novos, dos de maior destaque em Ovar, encheu-se de brios e resolveu pôr ponto na miséria que se estadeava pelas ruas, nas procissões e nos enterros.

Constituiu-se uma comissão, que organizou récitas, bazares, subscrições e somando o produto de tudo, compraram-se as imagens da Rainha Santa Isabel e do andor da Ordem, reformaram-se outras, varreu-se, orientou-se, começou-se vida nova”¹⁷⁶



Figura 18. Santa Isabel de Portugal. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 17. Santa Isabel de Portugal. Fotografia: Margarida Martins (2022)

¹⁷⁵ Cf. Costa, 1967: 29-31

¹⁷⁶ Sem autor (1930, 26 de fevereiro) ----- *O Povo de Ovar*, p. 2

Constata-se o acrescento do décimo andor à procissão, em 1898, o de Santa Margarida de Cortona. Esta, que foi uma oferta à Ordem Terceira do Dr. João de Oliveira Baptista, fora aproveitada da antiga escultura da Rainha Santa Isabel de Portugal, adquirida em 1804, entretanto alterada pela nova, tal como é assinalado no livro de Atas da Ordem (1900-1908), na reunião da Mesa de maio de 1901. O Jornal A DISCUSSÃO, na edição de 4 de março de 1900, dá conta da saída pela primeira vez deste andor, além das reformas a outros andores.



Figura 19. Santa Margarida de Cortona. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Através da leitura visual das imagens de Santa Margarida de Cortona, utilizadas na procissão de Ovar, mas também nos cerimoniais de Vila do Conde e do Porto, a tese de aproveitamento do suporte de uma imagem antiga ganha ainda mais força pelas grandes diferenças encontradas.

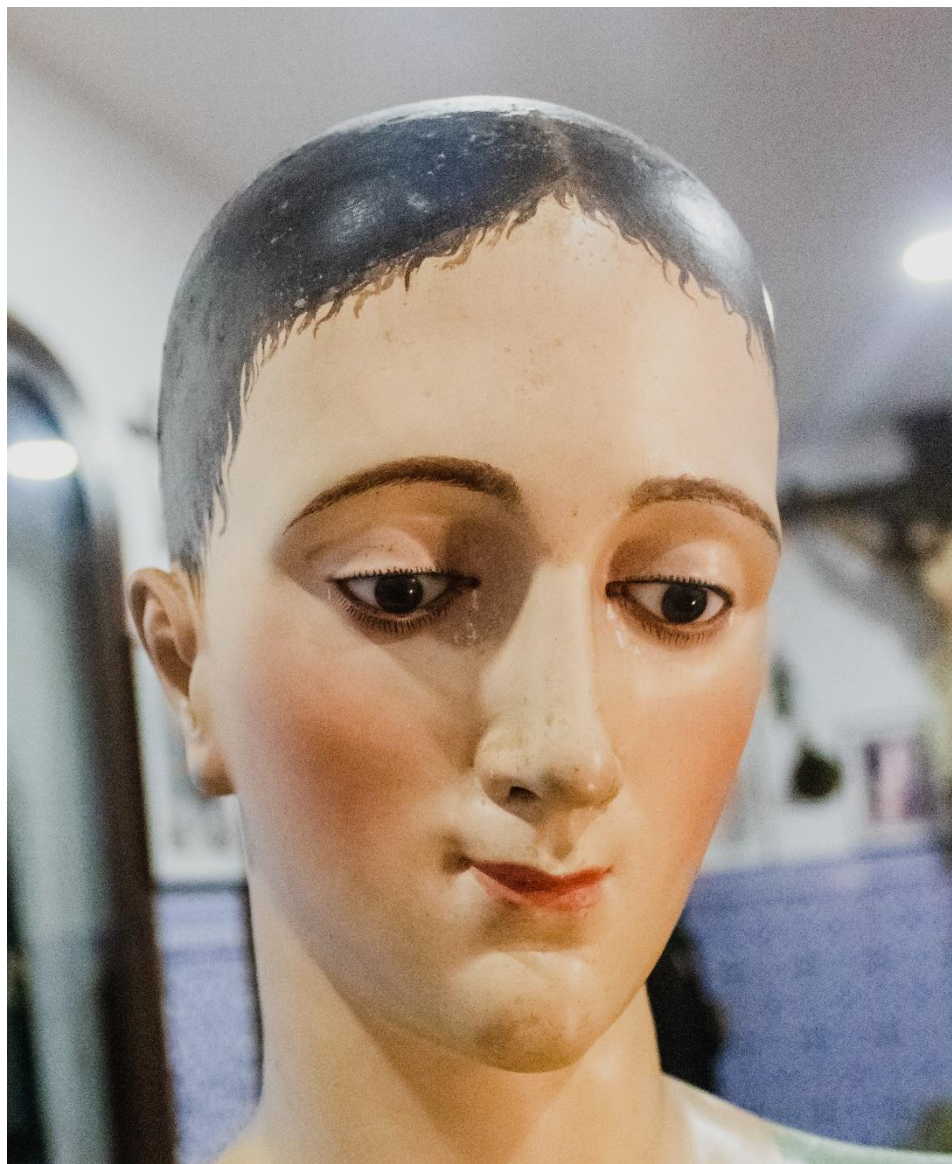


Figura 20. Santa Margarida de Cortona. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Além das diferenças notórias na forma de apresentação das vestes, o olhar sereno e terno da imagem de Ovar, às quais são acrescentadas pequenas lágrimas pintadas no rosto, que passam completamente despercebidas ao público, completamente distintos dos rostos sofredores e dolorosos extremamente marcados das imagens de Vila do Conde e do Porto.

De igual modo, será também com a descrição da aquisição da nova imagem da Rainha de Portugal, acima transcrita, que encontramos a única referência conhecida à origem das atuais imagens do andor da Ordem (S. Francisco recebendo os estigmas), não tendo, até à data, sido encontrado qualquer outra menção à aquisição das mesmas, pelo que, fazendo fé no descrito, situamos também essas em 1892.

Na segunda metade do século, surgem três novas imagens, então acrescentadas à procissão, já e em tudo muito diferentes das antigas rocas que primitivamente compunham o cortejo. São eles as imagens de Santa Clara de Assis, a de S. Roque de Montpellier e a de Santo António de Lisboa.

A aquisição da imagem de Santa Clara, surge toda ela documentada, devendo-se à iniciativa da Mesa administrativa da Ordem, no mandato entre 1956-1959.

Em março de 1956 começam os contactos entre a Mesa da Ordem e algumas oficinas de renome no norte do país, afim de aferir variados orçamentos.

Em resposta datada de 29 de março, por parte da oficina Arte Religiosa Bracarense, de António da Silva Antunes, o mesmo acusa a receção de um primeiro postal enviado pela Ordem três dias antes, e dá um orçamento para dois tipos de escultura:

“Conforme o pedido (...) segue junto desta o orçamento para a imagem de Sta. Clara só cara, mãos e pés, o resto são ripas. A caveleira poderá sêr já feita na própria imagem em madeira ou levar-la natoral mas isso é com V. Excia a primeira é iterna e a segunda é precisa andar de vês enquanto a mandar pregar e concertar no entanti fica um pouco mais caro eu mando dois orçamentos e escolhem o que melhor lhes agradar.”¹⁷⁷

¹⁷⁷ ACMA – *Com os meus respeitosos cumprimentos venho acusar a recepção...*, 1956.

A Casa José Ferreira Thedim Ascensão, responde à Ordem a 3 de abril, mencionando pormenorizadamente o conteúdo do primeiro contacto: “(...) pedindo-nos orsamento para uma imagem de Sta. Clara em forma de manequim (...) em madeira de cèdro brasileiro, é para bestir.” Concluindo, não dão orçamento dada a falta de referência às medidas pretendidas, deixando ainda o alerta que “Estas emagens de róca são proibidas pela Camara eclesiasta, fassa o que melhor lhe convier mas nós ficamos libres de responsabilidades.”¹⁷⁸

Não estando datado, surge a resposta da oficina Maías, Irmãos Escultores, de Amálio Maia (Castelo da Maia), dá um orçamento de 2.600\$00¹⁷⁹, e por quem recairá a escolha.

A 12 de abril chega a resposta dos mesmos informando da vinda a Ovar para uma primeira reunião de debate da encomenda, “(...) no próximo Domingo pelas 10 horas aí estaremos, como V. Excia deseja”¹⁸⁰.

Entretanto, chega-nos ainda todo um conjunto de correspondência endereçado à Ordem Terceira e à então intitulada *Comissão Pró-Andor de Santa Clara*, com uma série de donativos oriundos de conterrâneos espalhados pelo mundo, como resposta a uma primeira circular enviada dando conta do peditório e do seu fim. Contamos donativos vindos de Angola, Venezuela e Estados Unidos da América, mas também de particulares, empresas ovarenses e a resposta negativa do então presidente da Câmara Municipal de

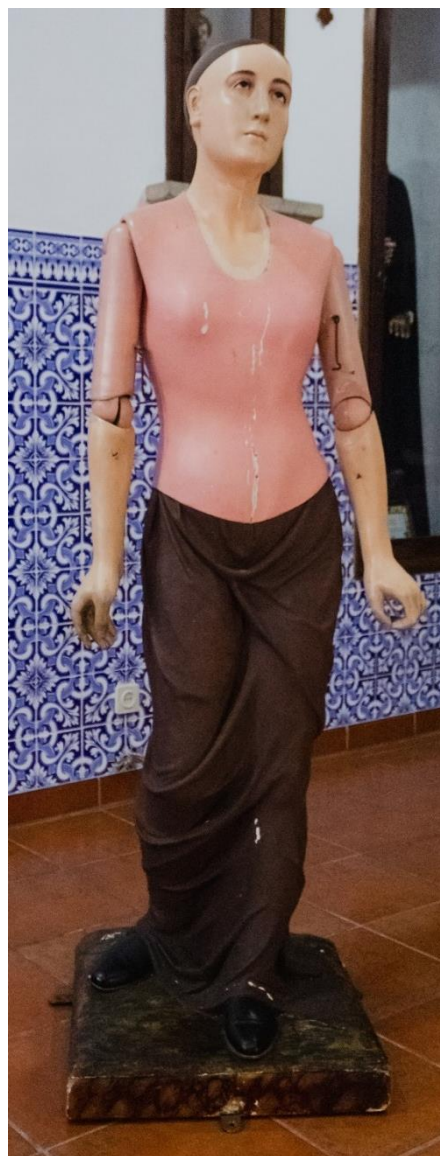


Figura 21. Santa Clara de Assis.
Fotografia: Margarida Martins
(2022)

¹⁷⁸ ACMA – *Ex.mo Sr. José Augusto de Almeida...*, 1956.

¹⁷⁹ ACMA – *Escultura Religiosa em Portugal...*, [s/d].

¹⁸⁰ ACMA – *Escultura Religiosa em Portugal...*, 12 de abril de 1956.

Ovar, alegando: "(...) por não ser legal, não pode esta Câmara, como seria seu desejo, conceder qualquer subsídio para a aquisição do andor em referência."

Será, porém, através da leitura da Ata nº 60¹⁸¹, de 15 de maio de 1956, em que a Ordem aceita a receita até então adquirida, pela subscrição pública a decorrer:

"(...) o fim desta reunião: propor à aprovação da mesa o seguinte: - Aceitar o produto da subscrição pública feita por irmãos terceiros, para ser adquirida a imagem de Santa Clara e respectivo andor afim de se incorporar na procissão dos Terceiros a íntima colaboradora da nosso Pai S. Francisco. Todos os presentes aprovaram a deliberação proposta e louvaram a iniciativa dos irmãos que dedicaram tantos esforços para ser adquirida mais um andor para a nossa procissão, aceitando o produto da subscrição ainda em curso e procurar adquirir a respectiva imagem e demais objectos precisos para o andor."

Na Ata nº 61¹⁸², de 22 de julho de 1956, já é mencionada a chegada da imagem, em outubro, bem como o ato solene que revestirá a chegada:

" (...) firma Maías Irmãos, de Castelo da Maia, pela escultura de Santa Clara dois mil setecentos e trinta e cinco escudos (2.735.00) (...) Mais se autorizou a adquirir o vestido para a Rainha Santa Izabel da Hungria e todos os objetos necessários para o andor de Santa Clara. Deliberou-se ainda fazer a festa patronal da Ordem no dia 14 de Outubro, com novena preparatoria e foi marcada esta data para ser benzida e exposta ao público na festa de S. Francisco a nova imagem de Santa Clara que ficará na capela de Nossa Senhora da Graça exposta até ao domingo seguinte dia vinte e dois."

Antes ainda da Procissão dos Terceiros de 1957, realizada a 17 de março, e no qual saia pela primeira vez a nova imagem, foi intenção da Mesa a aquisição de uma relíquia da santa, enriquecendo assim a Sagrada Custódia que a mesma leva na mão. Chega-nos uma série de correspondência enviada a diferentes entidades para esse fim, nomeadamente um a Madre Superiora do Convento das Clarissas de Negrelos, datado

¹⁸¹ ACMAS – Livro de Atas (1939-1967)

¹⁸² ACMAS – Livro de Atas (1939-1967)

de 13 de fevereiro de 1957, onde é relatada a aquisição, bem como a vontade da obtenção da relíquia:

“Gostaria esta Mesa conseguir, se isso for possível, uma relíquia da Santa que foi o braço direito de S. Francisco e não sabendo como realizar esse desejo, resolveu escrever a V. Rev. afim de fazer o favor de dizer o que devemos fazer.”¹⁸³

A 19 do mesmo mês, é enviado ao mesmo mosteiro uma outra carta, no qual a Ordem agradece “(...) as indicações, como as estampas e as flores tocadas nas relíquias de Santa Clara.”¹⁸⁴ Sendo ainda feito um pedido à Madre Superiora o envio de uma carta pela mesma a solicitar a relíquia ao Mosteiro de Santa Clara de Assis, em Itália, alegando a Ordem a falta de conhecimento sobre o endereço do mesmo, bem como o pouco tempo existente até à data da procissão.

Nessa mesma carta, é ainda referido que o trabalho da nova custódia já teria, à data, em andamento:

“Juntamos um postal da imagem que sairá pela primeira vez, esclarecendo que a custódia será outra que se está a fazer na Ourivesaria Aliança do Porto e que terá no meio um relicário para se colocar a relíquia que esperamos receber.”¹⁸⁵

A resposta não tardaria, e chegaria a 22 de fevereiro, no qual é agradecido o contacto e o postal da nova imagem que terá sido anexado ao mesmo, indicando os passos seguintes a seguir pela Ordem Terceira ovaense:

“Adjunto o envelope com a direcção do Protomonastero. Halho melhor escrever VV. Excias. para o pedido da relíquia pois talvez tenham alguma pessoa que faça a caridade de escrever em italiano. Além de que assim é mais rápido.”¹⁸⁶

¹⁸³ ACMA – Rev. Madre Superiora do Convento das Clariças Negrelos..., 13 de fevereiro de 1957.

¹⁸⁴ ACMA – Revma. Madre Superiora do Mosteiro de S. José S. Miguel das Aves Negrelos..., 19 de fevereiro de 1957.

¹⁸⁵ ACMA – Revma. Madre Superiora do Mosteiro de S. José S. Miguel das Aves Negrelos..., 19 de fevereiro de 1957.

¹⁸⁶ ACMA – Venho a contestar a sua carta..., 11 de fevereiro de 1957.

Três dias depois, a 25 de fevereiro, é enviada então pela Mesa, uma carta com a intenção, dirigida ao Protomonasterio de Santa Chiarra, em Assis¹⁸⁷, fazendo a solicitação.

Da resposta não nos chegou qualquer indicação, porém, a mesma terá sido consultada por Sofia Vechina, em 2013, como resposta do Assisi Protomonastero S. Chiara, de 7 de março de 1957, no qual é aferido o envio da relíquia da “tunica della medissima Santa per il Reliquiario di cotesti Ferz’Ordine Francescano”.



Figura 22. Santa Clara de Assis. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Contudo, através da análise da Ata nº 64, de 3 de abril de 1957, do Livro de Atas da Mesa (1939-1967), encontramos um novo pedido da Ordem, desta vez à Sacrossanta Basílica de S. Francisco, em Assis (Itália), dando conta da chegada de uma relíquia autenticada de S. Francisco de Assis, a partir do qual passou a figurar no Andor da Ordem:

"Foi deliberado que, tendo esta Mesa recebido do Rev. Superior da Sacrossanta Basílica de S. Francisco de Assis, da cidade de Assis, Itália, uma relíquia contendo cinzas do nosso Pai S. Francisco, devidamente documentada, resolveu-se mandar fazer à Ourivesaria Aliança do Porto, pela quantia de dois mil escudos um

¹⁸⁷ ACMA – Ao Protomonasterio de Santa Chiarra..., 25 de fevereiro de 1957.

relicário artístico em prata, onde será encerrada a referida relíquia, bem como o documento que a autentica. Mais se deliberou enviar à referida Sacrossanta Basílica a quantia de cem escudos, como esmola solicitada, para a conservação e culto da já mencionada Basílica."¹⁸⁸

A 29 de janeiro de 1957, a oficina escreve à Ordem mencionando algumas alterações a efetuar na escultura antes da procissão, nomeadamente o adicionamento do anel, entretanto perdido:

"Talvez se vá aí no dia 10 de Fevereiro p. e já Foi o artista para fazer a reparação que desejam na Santa Clara e o restante serviço de que me falaram. Quanto ao anel, tanto pode ser colocado o natural como faze-lo no próprio dedo e colocar-lhe a pedra o que ainda é o mais pratico e é dourado á mesma. Custo da imagem de Santa Clara (...) 3.650\$0"¹⁸⁹

O entusiasmo pelo préstito de 1957 foi notório pela participação da nova imagem. Prova disto é a circular enviada pela Mesa da Ordem, a 7 de março, dirigida aos principais jornais noticiosos do norte do país, tais como o Diário do Norte, O Comércio do Porto, O Primeiro de Janeiro e o Jornal de Notícias, pedindo a divulgação do cortejo e noticiando a compra da Santa Clara. Na semana seguinte, a 17 de março de 1957 conferimos o voto de louvor da Ordem Terceira de Ovar a todos os que possibilitaram a aquisição da imagem de Santa Clara:

"Mais se deliberou: Efectuar a procissão de Cinza, no próximo dia dezanove de Março, nela saindo o novo andor de Santa Clara, adquirido por subscrição pública, que custou a importância de treze mil quatrocentos e noventa e oito escudos nesta acta votos de louvor a todos que contribuíram para a aquisição"¹⁹⁰

¹⁸⁸ ACMAS – Livro de Atas (1939-1967).

¹⁸⁹ ACMAS – *Escultura Religiosa em Portugal...*, 29 de janeiro de 1957.

¹⁹⁰ ACMAS – Livro de Atas (1939-1967) – Ata nº 63.



Figura 23. Santa Clara de Assis. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Das imagens posteriores, S. Roque de Montpellier e Santo António de Lisboa, não se encontrou documentação nem troca de correspondência como na de Santa Clara,

possivelmente derivado ao facto de os mesmos terem resultado da oferta de particulares.

Na Ata da Assembleia Geral, de 2 de fevereiro de 1960, encontramos a primeira referência à imagem de S. Roque: "Em seguida deliberou-se voltar a efectuar a procissão de Cinzas, na qual ficará incorporado mais um andor, o de S. Roque oferta dos vareiros ausentes na Venezuela (...)." ¹⁹¹

Será em 1962, entregue o mesmo à Ordem Terceira, verificando-se em ata todas as despesas e objetos inerentes ao mesmo:

"O irmão Ministro declarou que o fim desta sessão era entregar à Ordem um novo andor para a sua procissão de Cinza a ser benzido na segunda domingo da quaresma, dia dos Terceiros. O andor da invocação de São Roque foi oferecido pelos senhores Mário e Jaime Tomé, naturais desta vila. Para que conste, aqui fica enumerado nesta acta a importância e a menção dos objectos e imagem a saber: Uma imagem de São Roque, em cedro (...) do escultor Amálio Maia de Cidalelha, Maia, (quatro mil e sessenta escudos), um resplendor de prata com seiscentos e setenta gramas, mil cento e vinte e cinco escudos; um par de botões de ouro com o pêso de 3,8 gramas, cento e sessenta e sete escudos e cinquenta centavos; um hábito em fazenda de lã, mil cento e vinte escudos; uma chapa em prata com o nome dos ofertantes colocada na base da imagem, vinte e cinco escudos; quatro ciprestes, sanefas de damasco, laços para os ciprestes, almofadas para os varões, pano para forro do andor, chapéu para a imagem murça (?) bordada a ouro executado na Casa Carvalho e Irmão do Porto, quatro mil setecentos e cinquenta escudos; uma silva em flores artificiais, mil e duzentos escudos; andor, ferragens, um baú e outros (...) prefazem a quantia de quatorze mil novecentos e seis escudos e noventa centavos." ¹⁹²

A 29 de Abril de 1964, são homenageados os ofertantes da imagem de S. Roque, na Casa da Ordem, conforme descrito na ata nº 73:

¹⁹¹ ACMAS – Livro de Atas (1939-1967)

¹⁹² ACMAS – Livro de Atas (1939-1967): Ata Nº 73

"Homenagem aos Irmãos Tomé: Fui dos primeiros a saber a sua generosidade. Que alegria então senti ao saber que São Roque iria fazer parte da nossa magestosa procissão dos Terceiros. Teve sempre culto freveroso nos meus antepassados. Foram eles que mandaram edificar na sua e hoje partilhada quinta da Ilha aquele humilde oraculo em honra so nosso Santo, lá iam noutros tempos as ladainhas que antecedem a festa da Ascensão do Senhor. Meu trisavô deixa em seu testamento 5 medidas de sementeira (...) da capela ao rio velho e ao moinho de vento, como património de São Roque e com a obrigação suposta de serem celebradas as três missas do Ntal a primeira resada pelos doadores, a segunda em honra de Nossa Senhora da Boa Morte cuja imagem ofereceu à capela de Santa Catarina e a ultima cantada em honra de São Roque. Ficarão os generosos ofertantes no quadro dos beneméritos da Ordem."¹⁹³

Através desta, e com a profunda ligação da comunidade da Ribeira de Ovar a esse mesmo santo que lhe dedica uma pequena ermida (vulgarmente denominada de capela da Ilha), é então recorrente, até ao presente, que seja o andor de S. Roque transportado pelos homens desse lugar na Procissão dos Terceiros.

¹⁹³ ACMAS – Livro de Atas (1939-1967)

Em 1970, é adicionado o mais recente andor à procissão, o de Santo António, o qual apenas é provado pela inscrição que possui na base e que nos mostra que será igualmente a oficina de Amálio Maia e realizar a peça: “MAIAS – IRMÃOS / CIDADELA/CASTELO-DA-MAIA / PORTUGAL – 1970”.



Figura 25. Santo António. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 24. Santo António. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 26. Santo António. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Das restantes imagens, cuja origem até então não foi possível apurar, a não ser melhoramentos, restauros e aquisição de novos paramentos e vestes das imagens. Contudo, são visíveis várias diferenças estilísticas e técnicas, tanto ao nível do interior do corpo das imagens, como cabeças, mãos e bases, que indicam estarmos na presença de várias cronologias de produção distintas, centradas entre o séc. XVIII e XIX, e perante as quais deliberamos algumas considerações:

- S. Luís Rei de França: É já mencionado na procissão das Cinzas de 1672, contudo, seria representado pela escultura de vulto inteiro (78X30X23cm), em madeira, datada do séc. XVII, guardada nas reservas da CMAS. A escultura atual é posterior, possivelmente oriunda de uma das reformas da procissão realizadas no séc. XVIII/XIX.

Trata-se de uma imagem em madeira, anatomizada e articulada (nos ombros e cotovelos), com pintura de carnações nas partes expostas e policromia branca nas restantes; Olhos em vidro (?);



Figura 29. S. Luís Rei de França.
Fotografia: Margarida Martins
(2022)



Figura 28. S. Luís Rei de França.
Fotografia: Margarida Martins
(2022)



Figura 27. S. Luís Rei de França.
Fotografia: Margarida Martins
(2022)



Figura 30. S. Luís Rei de França. Fotografia: Margarida Martins (2022)

- Santa Isabel da Hungria e Santo Ivo: Conceção das fisionomias idênticas à de Santa Margarida de Cortona, nomeadamente no posicionamento do lábio superior, do nariz e do olhar; Madeira; Olhos em vidro;



Figura 31. Santo Ivo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 33. Santa Isabel da Hungria. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 32. Santa Margarida de Cortona. Fotografia: Margarida Martins (2022)

Também encontramos interessantes semelhanças ao nível anatómico da concepção do corpo e da base, nas imagens de Santa Margarida de Cortona e de Santa Isabel da Hungria, podendo, portanto, corresponder, a imagem da Rainha da Hungria, a uma produção de início do século XIX (face à descrição que posiciona a aquisição da imagem da Rainha de Portugal, atual Santa Margarida, em 1804), possivelmente oriundas da mesma oficina.



Figura 35. Santa Isabel da Hungria. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 34. Santa Margarida de Cortona. Fotografia: Margarida Martins (2022)

- Santo Ivo, corresponde, possivelmente, à primitiva imagem de roca, sendo a cabeça (e possivelmente as mãos), frutos de melhoramentos posteriores.



Figura 37. Santo Ivo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 36. Santo Ivo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 38. Cabeça primitiva de Santo Ivo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 39. Santo Ivo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 40. Santa Isabel da Hungria. Fotografia: Margarida Martins (2022)

- S. Francisco lançado às silvas: Imagem de vulto inteiro, em madeira, mencionado na procissão das Cinzas de 1849. Contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem, tanto ao nível da conceção do corpo, como da utilização dos olhos de vidro, atribuímos a mesma ao século XIX.



Figura 42. S. Francisco lançado às silvas. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 41. S. Francisco lançado às silvas. Fotografia: Margarida Martins (2022)

- Santa Rosa de Viterbo: Trata-se de uma imagem em madeira, anatomizada, com pintura de carnações nas partes expostas e policromia branca nas restantes; Olhos pintados; É mencionada na procissão das Cinzas de 1672, contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem, tanto ao nível da conceção do corpo, como da cabeça, mãos e base, atribuímos a mesma ao século XVIII.



Figura 43. Santa Rosa de Viterbo. Fotografia: Margarida Martins (2022)

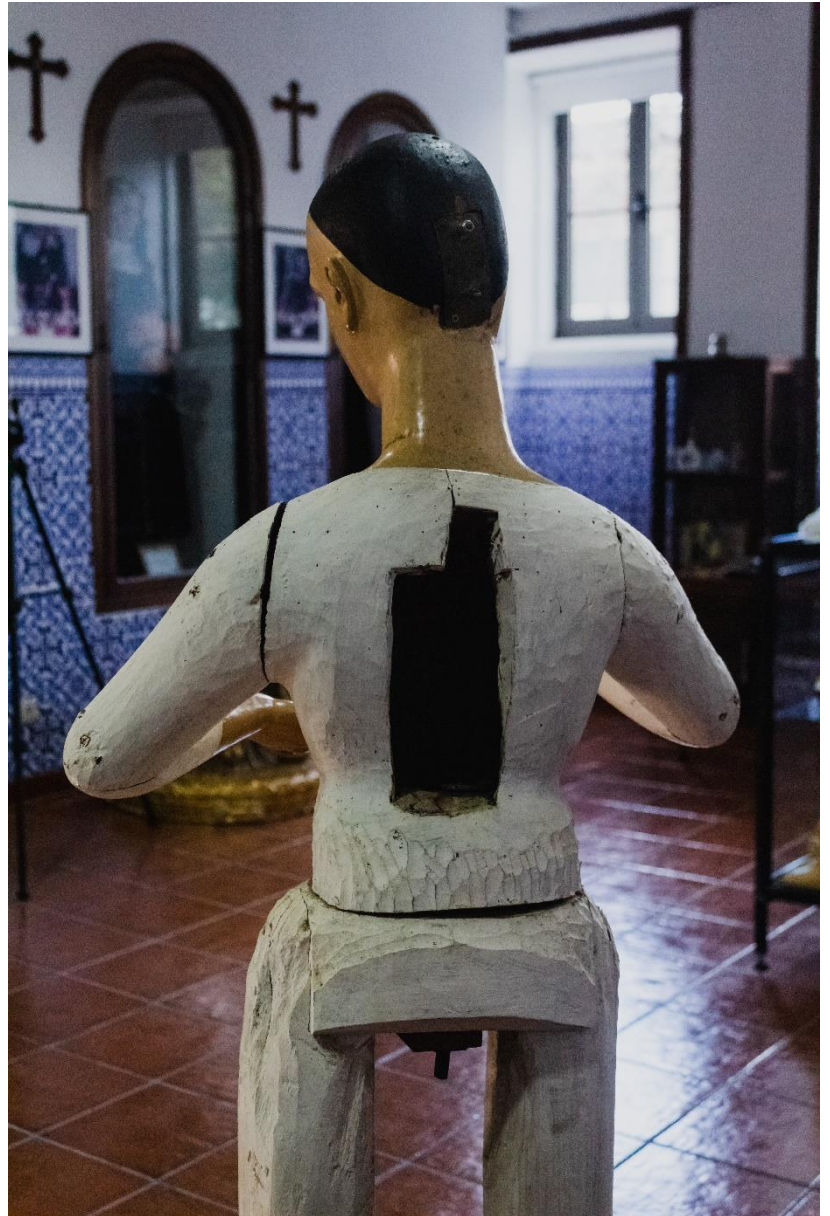


Figura 44. Santa Rosa de Viterbo. Fotografia: Margarida Martins (2022)



Figura 45. Santa Rosa de Viterbo. Fotografia: Margarida Martins

4.4 Melhoramentos e aquisições através da análise dos livros de Atas

Foi possível analisar os seguintes livros de Atas da Ordem, correspondentes às balizas temporais mencionadas:

- Livro de Atas: (outubro de 2015 à atualidade);
- Livro de Atas: (janeiro de 1985 a outubro de 2014);
- Livro de Atas: (de 1939 a 1967);
- Livro de despesas (de 1934 a 1936);
- Livro de Atas: (de 1920 a 1928);
- Livro de Atas: (de 1916 a 1920);
- Livro de Contas: (de 1893 a 1912);
- Livro de Conferências e Actas e Ocorrências: (de 1774 a 1883);
- Livro de Profissões e Admissões: (de 1725 a 1774).

Os livros de atas correspondentes aos interregnos temporais não analisados não foram até então encontrados, pelo que outros melhoramentos e aquisições poderão ter sido tomados nesses períodos.

Assim, e de forma sequencial, foram registadas as seguintes benfeitorias à procissão dos Terceiros, no Livro de Atas correspondente ao período de 1985 a 2014:

- Ata nº 105: janeiro de 2012 – Nova Bandeira da Fraternidade, mandada fazer na Casa Carvalho e Irmão (Porto), por 570 euros. Oferta da Irmã Deolinda.
- Ata nº 99: outubro de 2009 – Compradas a 30 de janeiro de 2009 duas lanternas em metal na Casa Carvalho e Irmão (Porto), por 307.80 euros. Na mesma casa foram adquiridas a 7 de fevereiro de 2008 outras duas lanternas, por 310,37 euros, oferecidas pela Irmã Lígia da Conceição Ribeiro Silva.
- Ata nº 93: maio de 2006 – São mandadas restaurar pelo Conselho da Ordem o conjunto da Visão de S. Francisco, presentes na Capela da Sr.^a da Graça, pelo valor de 365 euros, valor esse pago pela Irmã zeladora (Sãozinha) (100,15 euros), 180 de

donativos recebidos no Museu, 50 euros pelo Sr. Mário Carapinha e o resto por outros pequenos donativos. É também restaurado o Menino Jesus do Santo António, por 50 euros, pagos por Florbela, zeladora do andor.

- Ata nº 91: dezembro de 2004 – O Conselho da Ordem reúne com as Zeladoras da Imaculada Conceição, de forma a que se chegue a um entendimento sobre o restauro da peanha da imagem. A mesma foi restaurada por 750 euros na Casa do Sagrado Coração de Jesus no Porto, pelos donativos dados à imagem nos últimos anos.
- Ata nº 89: janeiro de 2004 – As zeladoras do andor de S. Francisco das Silvas, entre elas Vera Cruz, propõem ao Conselho da Ordem o restauro da imagem com o valor apurado nos donativos ao andor nos últimos anos. O restauro ficou por 300 euros, sendo feito por Marcos Muge. Neste mesmo ano foram adquiridas pela Mesa da Ordem uma manga de Cruz e duas lanternas, pelo valor de 320 euros.
- Ata nº 88: outubro de 1999 – São mandadas fazer pelo Conselho 50 capas para substituir as mais velhas.
- Ata nº 83: novembro de 1995 – A Mesa da Ordem decide vender os brincos da Imaculada Conceição (desiguais), adquirindo uns novos. São ainda mandadas fazer novas varas para comandar os andores.
- Ata nº 77: julho de 1993 – "Mandar-se arranjar os dedos das imagens da Procissão, procurando saber os custos para tal reparação."

Contudo, será de digno registo as menções de peditórios realizados pela cidade para a realização da procissão, costume que se manteve até à viragem do milénio, bem como

diferendos entre a Ordem e a Câmara Municipal que não participou a realização das Procissões Quaresmais entre os anos de 1995 e 1997:

- Ata nº 84: abril de 1997 – Desde o ano de 1995, a Ordem não recebe qualquer participação da CMO para a realização das Procissões Quaresmais. São realizados então peditórios pelas Irmãs Lígia e Guiomar, rendendo 67 mil escudos.
- Ata nº 81: junho de 1994 – Mencionadas as Irmãs Lígia e Guiomar pelas angariações de fundos para a realização das Procissões.

São ainda de registadas no ano de 1992 a despesa com a Banda Ovarense pelo acompanhamento da procissão dos Terceiros, então por 30.000\$00, bem como o valor de 10.000\$00 em despesas diversas não descritas:

- Ata nº 76: dezembro de 1992 – *"(...) reuniu o Conselho da Fraternidade Franciscana Secular de Ovar para elaborar uma acta para que fique registada a oferta de 225.000\$00 para pagamento nas obras na Casa Museu no teto do 1º andar, 30.000\$00 para pagamento à Música Velha pelos serviços prestados na Procissão dos Terceiros neste ano (...) 10.000\$00 para despesas diversas com a Procissão dos Terceiros (...) estes valores foram angariados pelos Irmãos Manuel José de Pinho, Guiomar Ribeiro e Rosa Rocha Malaquias, com a edição de duas colecções de calendários de bolso do ano de 1982."*

Já em 1985 são citadas dificuldades na aquisição de receitas para a realização da mesma, acabando a Ordem por suportar parte das despesas sozinha:

- Ata nº 50: março de 1985 – *"(...) continuou com a palavra [o irmão Ministro] falou sobre as despesas com a Procissão dos Terceiros, foi que a comissão não deve ter arranjado fundos que cubrissem as despesas, tendo ficado resolvido que o restante dessas despesas seriam suportadas pela nossa Fraternidade."*

Porém, e embora criada em 2022 a Comissão das Solenidades da Quaresma e Semana Santa de Ovar (com primeira realização prática na edição na edição de 2023 das Procissões Quaresmais), e com a qual se pretende ampliar e dinamizar a realização destas solenidades, já em 1964 é citada a hipótese de criação de uma comissão

organizadora das procissões, à parte da Ordem Terceira e da Irmandade do Senhor dos Passos, e que na altura não fora bem recebida pela Mesa da Ordem:

- Ata nº 78: setembro de 1964 – *"O revº padre Comissário fez a seguinte declaração: Há dias fui procurado pelo Sr. José Maria, funcionário do Turismo que me declarou que há uma Comissão de que faz parte para que de futuro as procissões da Ordem Terceira, fossem organizadas pela referida comissão, para evitar que indivíduos de má apresentação dessem mau aspecto ao acto religioso. Em seguida usou a palavra o irmão Tesoureiro que manifestou o seu desagrado com aquela sugestão e acrescentou que a falta de comparencia nas procissões de pessoas mais qualificadas a culpa não é da Mesa da Ordem Terceira, porque nem sequer são irmãos da Ordem Terceira e não comparecem aos nossos convites, o que não acontece com outras Fraternidades, estou de acordo acrescenta o orador que essa comissão nos auxilie com o envio de pessoas competentes para as procissões mas sem qualquer direito de se intrumeterem na orgânica da Ordem Terceira. Todos os presentes concordaram com a opinião do orador."*

Assim, e não se tendo percebido se de facto essa comissão realmente existiu face à falta de registos, certo é que a Procissão dos Terceiros, bem como a Procissão do Terro-terro e Via-sacra, não deixaram nunca a alçada da Ordem Terceira, tendo inclusive as procissões dos Passos e Enterro do Senhor, estatutariamente da responsabilidade da Irmandade dos Passos, passado a realizar pelas mãos das Mesas da Ordem, face às divergências e falta de constituição das Mesas da Irmandade dos Passos, o que permitiu que estas chegassem aos nossos dias.

Contudo, essa não seria uma situação nova, sendo que, já em 1942, é feita a seguinte menção na ata da sessão extraordinária de 25 de janeiro:

"Não fazemos as procissões dos Terceiros nem de quinta-feira santa, nem consentir, nunca, que uma comissão particular as façam."

Contudo, o Livro de Atas correspondente ao período de 1939 a 1967, embora mencionadas algumas melhorias às imagens e alfaias da procissão bem como homenagens a benfeitores da Ordem, que se multiplicam após a aquisição das imagens de Santa Clara e S. Roque, em 1956 e 1960, respetivamente:

- Ata nº 77: abril de 1964 – *"Homenagem aos Irmãos Tomé: Fui dos primeiros a saber a sua generosidade. Que alegria então senti ao saber que São Roque iria fazer parte da nossa magestosa procissão dos Terceiros. Teve sempre culto freveroso nos meus antepassados. Foram eles que mandaram edificar na sua e hoje partilhada quinta da Ilha [no lugar da Ribeira] aquele humilde oraculo em honra so nosso Santo, lá iam noutros tempos as ladainhas que antecedem a festa da Ascensão do Senhor. Meu trisavô deixa em seu testamento 5 medidas de sementeira (...) da capela ao rio velho e ao moinho de vento, como património de São Roque e com a obrigação suposta de serem celebradas as três missas do Ntal a primeira resada pelos doadores, a segunda em honra de Nossa Senhora da Boa Morte cuja imagem ofereceu à capela de Santa Catarina [no lugar da Ribeira] e a ultima cantada em honra de São Roque. Ficarão os generosos ofertantes no quadro dos beneméritos da Ordem."*

Contudo, e uma vez já mencionadas as Atas referentes às compras das imagens de Santa Clara e de S. Roque, optamos por não as repetir neste ponto.

No entanto, neste mesmo livro de atas, repetem-se as melhorias das imagens e alfaias da procissão:

- Ata nº 74: janeiro de 1963 – *"(...) por proposta pelo Ministro foi aprovado que no futuro o aluguel das lanternas passe para 20,00, cavaletes 10,00 (...)"*
- Ata nº 76: outubro de 1963 – *"(...) foi apresentada pelo irmão Ministro uma proposta para que seja pedido um orçamento para as cabeleiras para as seguintes imagens. Os dois Bem Casados, São Luiz de França, Santa Rosa de Viterbo, Rainha Santa Isabel de Portugal, Santa Isabel da Hungria e Santa Margarida de Cortona, o que ficou aprovado, ficando o secretário desta Ordem, encarregado de tratar do assunto."*
- Ata nº 64: abril de 1957 – *"Foi deliberado que, tendo esta Mesa recebido do Rev. Superior da Sacrossanta Basílica de S. Francisco de Assis, da cidade de Assis, Itália, uma relíquia contendo cinzas do nosso Pai S. Francisco, devidamente documentada, resolveu-se mandar fazer à Ourivesaria Aliança do Porto, pela quantia de dois mil escudos um relicário artístico em prata, onde será encerrada a referida relíquia, bem como o*

documento que a autentica. Mais se deliberou enviar à referida Sacrossanta Basílica a quantia de cem escudos, como esmola solicitada, para a conservação e culto da já mencionada Basílica. Mais se deliberou mandar restaurar as imagens de Cristo do andor da Ordem e de S. Francisco das Silvas, pela quantia de mil escudos, a José Gomes Fernandes, da freguesia de Sequeira, Braga."

Embora perdido o uso, esta mesma relíquia passou a figurar a partir de então no Andor da Ordem, como podemos comprovar com o vídeo da Procissão dos Terceiros de 1966, disponibilizado pela plataforma Arquivos RTP.

Questionada a zeladora deste mesmo andor Ana Mónica Santos, sobre a não utilização da relíquia na atualidade, esta revelou total desconhecimento sobre esse uso, pelo que podemos afirmar que esse uso foi fugaz.

Contudo, outras melhorias e aquisições aconteceram, destacando-se:

- Ata nº 35: fevereiro de 1949 – *"Mais disse o tesoureiro que haviam sido adquiridas os respectivos ciprestes para os andores da Rainha Santa Izabel e de Santa Margarida de Cortona."*
- Ata da Sessão Extraordinária de 13 de julho de 1941 – *"Foi tomado conhecimento da oferta feita pelo sr. Manoel Canas, da Ribeira, de uns brincos d'ouro já usados para a Nossa Senhora da Conceição, no mês de Maio."*
- Ata da Sessão Extraordinária de 27 de abril de 1941 – *"(...) pedir ao irmão Francisco da Silva Marques, para o andôr da Visão de S. Francisco, ser ampliado para o tamanho natural, como da primitiva; Entregar a cada Zeladôra dos andores, os objectos dos adornos referentes ao mesmo andor."*
- Ata da Sessão Extraordinária de 26 de janeiro de 1941 – *"Deliverou se mandar encarnar o Cristo, e pintar a Cruz, por cento e cinquenta escudos, e fazer-se a procissão, com sermão, sendo orador o Re. Pe. Manuel André Boturão."*

Porém, são sobretudo debatidas a realização ou não realização das procissões dos Terceiros e Terro-terro:

- Ata nº 71: fevereiro de 1962 – *"Em seguida foi resolvido mais uma vez fazer-se a procissão de Cinzas."*
- Ata nº 70: abril de 1961 – *"Mais se deliberou voltar a não efectuar a procissão das Cinzas, afim de que a sua não efectivação provoque no povo mais fé e respeito para a sua próxima realização. Digo, mais se deliberou voltar a não efectuar a procissão do Ecce-Homo, afim de que a sua não efectivação provoque no povo mais fé e respeito para a sua próxima realização. A procissão de Cinza realiza-se como nos anos anteriores se o tempo, digo, a procissão de Cinza não se realizou como nos anos anteriores (já no ano anterior não saiu à rua) por o tempo não o ter permitido. Porém a Mesa da Venerável Ordem Terceira, conforme contas prestadas, teve a despesa do costume, com excepção dos doces destinados aos anjinhos que deveriam ir na procissão."*
- Ata da Assembleia Geral - 2 de Fevereiro de 1960 – *"Em seguida deliberou-se voltar a efectuar a procissão de Cinzas, na qual ficará incorporado mais um andor, o de S. Roque oferta dos vareiros ausentes na Venezuela (...) Depois de se verificar os prós e contras da saída da procissão do Ecce-Homo, verificou-se ser preferível que tal procissão não deveria sair este ano, afim de evitar falta de respeito devido a tal acto, o que por vezes se verifica, visto a procissão se realizar de noite e à luz de archotes."*
- Ata nº 54: março de 1954 – *"O fim desta foi apenas declarar que a resolução de não se haver resolvido na sessão de dois de Março corrente, realizar a procissão de Cinza, encontrou viva magua e descontentamento no povo, pelo que surgiu espontaneamente ao encontro da mesa oferecendo os seus préstimos para se proceder à habitual subscrição pela vila o senhor Augusto da Costa e Pinho e também ofereceu o sr. João Rodrigues Conde uma generosa oferta para que a procissão se realizasse. Por fim a mesa resolveu aceitar os serviços do senhor Augusto Pinho e fazer-se a procissão. Codjuvaram também neste auxilio várias famílias e a Câmara Municipal. Deliberou-se mais realizar a*

Procissão do Ecce-Homo na noite de Quinta-feira santa e enerar neste auto um voto de louvor ao povo da nossa terra pelo seu manifesto interesse para tão longinqua tradição não morresse; outro voto de louvor para o sr. Augusto da Costa e Pinho e João Rodrigues Conde."

- Ata nº 52: março de 1954 – *"O Juiz, em seguida falou sobre a realização da procissão de Cinza. Resolveu-se, embora com grande mágoa de todos, que a procissão não se realiza-se este ano: 1º porque não se fez a costumada subcrisção pelo motivo da impossibilidade, por doença, dos mesários. 2.º, porque do saldo existente havia necessidade de não se estravias do fim para que havia sido obtido - a compostura e conservação dos objetos de culto. O rev. Pe. Comissário, como zeloso pároco desta freguesia, mostrou, claramente, embora não desaprovando o que se resolvera, a mágoaque sentia ao ver que tão encantadora tradição do nosso passado se deixava de realizar e disse que se houvesse alguém que se oferecesse voluntariamente a vir coadjuvar com a mesa, obtendo o necessário para a realização da procissão esta se realizaria."*

- Ata nº 49: março de 1953 – *"(...) saiu no segundo domingo da Quaresma, a Procissão de Cinza, atingindo um brilho extraordinário; nela se incorporaram as autoridades locais, bem como as agremiações da vila."*

- Ata nº 48: janeiro de 1953 – *"Assumi a presidência o rev. Pe. Comissário (...) que disse que o fim da sessão era propôr a consideração da mesa o seguinte: Levar a efeito a tradicional procissão de Cinza; depois de todos haverem concordado que se realizasse a referida procissão o irmão secretário lembrou que conforme havia sido imposto pelo Rev. Pe. Visitador aquando da ultima visita canónica, [16/11/1952] era necessário cumprir-se o imposto quanto ao proibimento do uso do hábito na mencionada procissão por pessoas que não sejam irmãos Terceiros. Ficou resolvido que as pessoas que não fossem irmãos envergavam opa nova e como a Ordem as não possuia adquirir-se-iam por aluguer."*

- Ata nº 45: abril de 1952 – *"Assumiu a presidência o rev. Pe. Comissário (...) que disse que o fim da sessão era propôr a consideração da mesa o seguinte: Levar a efeito a tradicional procissão de Cinza; depois de todos haverem concordado que se realizasse a referida procissão o irmão secretário lembrou que conforme havia sido imposto pelo Rev. Pe. Visitador aquando da ultima visita canónica, [16/11/1952] era necessário cumprir-se o imposto quanto ao proibimento do uso do hábito na mencionada procissão por pessoas que não sejam irmãos Terceiros. Ficou resolvido que as pessoas que não fossem irmãos envergavam opa nova e como a Ordem as não possuía adquirir-se-iam por aluguer."*
- Ata nº 44: fevereiro de 1952 – *"Em seguida o Ministro rev. Pe. Manuel José Ferreira Torres, declarou que o fim desta sessão era propôr à mesa a necessidade de se levar a efeito uma semana de pregação, a começar no dia dois de Março proximo e a concluir no dia da procissão de Cinza da nossa Ordem; que o rev. pregador a convidar seria o rev. Pe. Armindo de Carvalho, da O.F.M, foi bem conhecido entre nós. Todos os mesários aprovaram a proposta, resolvendo-se dar à tradicional procissão o maior brilho possível."*
- Ata da Sessão Ordinária de 25 de abril de 1943 – *"Foi lida a Ordem do dia que constava do seguinte. Deliberou-se não se efectuar a procissão do Ecce homo, ou de quinta feira Santa."*
- Ata da Sessão Extraordinária de 31 de janeiro de 1943 – *"É dado conta do estado das contas da Ordem, bem como todo o processo de empréstimos para as obras da Casa. Ainda assim "Deliverou-se fazermos a procissão de penitencia no segundo Domingo da quaresma." [lembrando que no ano anterior não havia sido feita]*

4.5 Os itinerários processionais – Permanências e alterações

Embora estando a Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar instalada na Capela de Nossa Senhora da Graça, não encontramos qualquer referência sobre a saída da Procissão dos Terceiros desse templo, pelo que, presumivelmente, esta sempre terá tido como ponto de partida e chegada a Igreja Matriz.

Nos nossos dias, saída da Igreja Matriz, segue pela Rua Ferreira de Castro, entrando na Rua Alexandre Herculano perto da Capela do Passo do Encontro; daí, parte pela Rua Eça de Queiroz e de seguida vira à esquerda, entrando na Cândido dos Reis, em direção à Praça da República (Câmara Municipal). Chegado o préstimo a este ponto, desce pela Rua Elias Garcia colmatada pela Capela de Nossa Senhora da Graça, na qual vira em direção à Igreja Matriz, pela Rua Gomes Freire, passando assim em frente à Casa da Ordem.

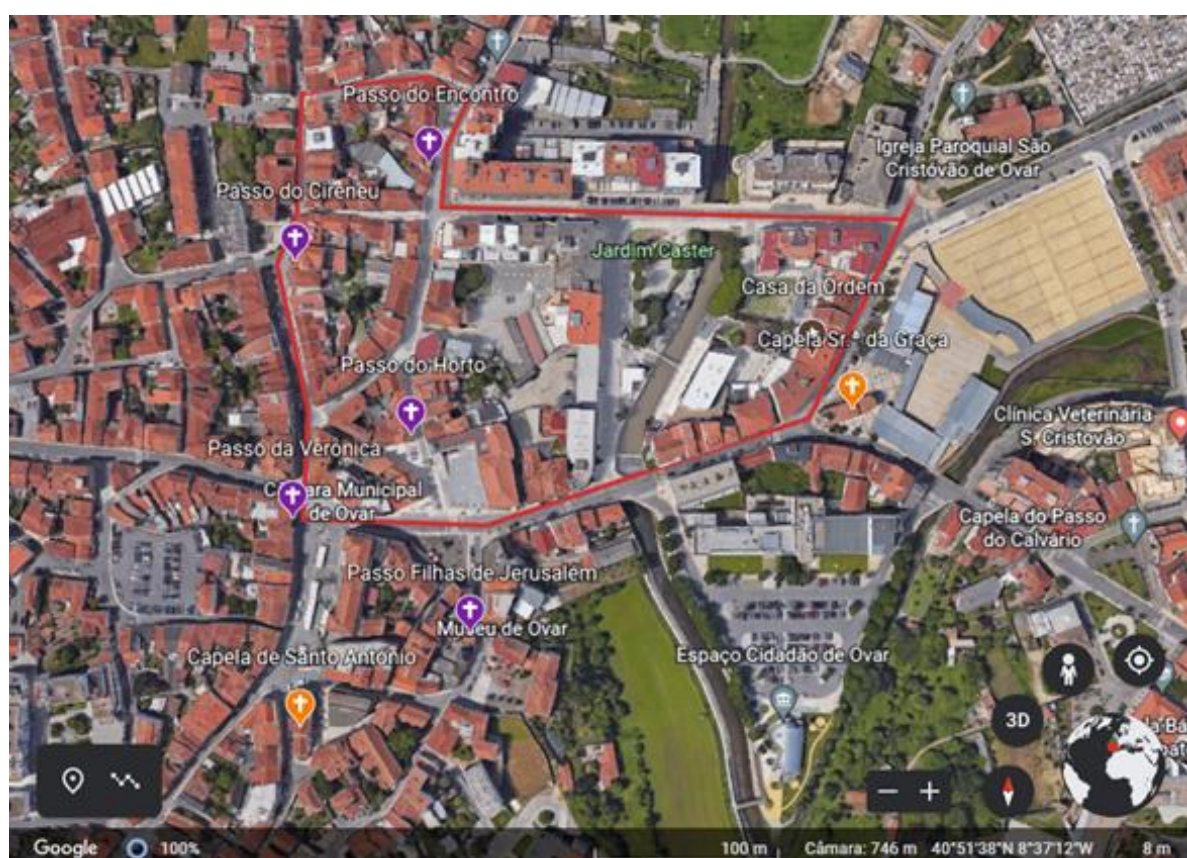


Figura 46. Trajeto da Procissão dos Terceiros na atualidade. Realizado através da plataforma Google Earth, disponível em: <https://earth.google.com>

Todavia, confrontados com fotografia antiga de meados do século XX, bem como pelos registos fílmicos da procissão no ano de 1962 e de 1966, disponibilizados pelos *Arquivos da RTP*, compreendemos que este percurso seria substancialmente diferente, uma vez que, ao invés de virar para a Rua Ferreira de Castro logo à saída da Igreja, esta dirigir-se-ia em direção à Capela de Nossa Senhora da Graça, fazendo o percurso pela Rua Elias Garcia de forma oposta à que hoje faz. Confrontados ainda com imagem de António Realeiro, na qual vemos os andores de Santo Ivo, precedido de S. Roque, no Largo Mouzinho de Albuquerque (vulgarmente denominada de Praça das Galinhas), diante da Capela do Passo das Filhas de Jerusalém, mostra-nos que obrigatoriamente a procissão passaria em frente à Câmara Municipal, virando em sentido da Rua 31 de Janeiro, na Capela de Santo António, fazendo presumivelmente novamente caminho pela Rua Elias Garcia em direção à Capela de Nossa Senhora da Graça.

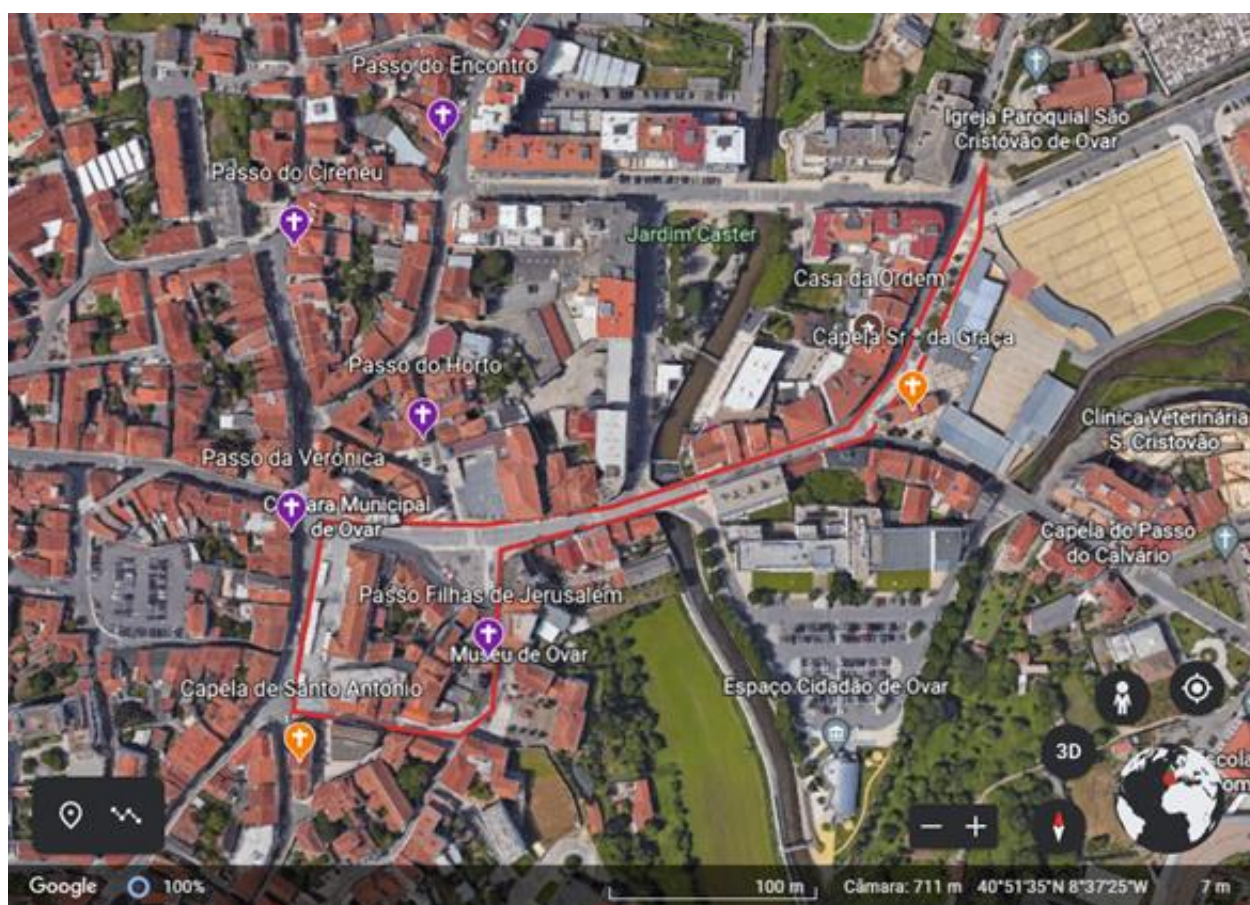


Figura 47. Trajeto da Procissão dos Terceiros em 1962. Realizado através da plataforma Google Earth, disponível em: <https://earth.google.com>

Contudo, será importante o filme de 1962, uma vez que através dele percebemos de forma inequívoca que a Procissão dos Terceiros faria então um percurso substancialmente reduzido comparativamente aos dias de hoje ou até mesmo às procissões dos Passos e Semana Santa, uma vez que o trajeto se centrava às Rua Gomes Freire, Rua Elias Garcia, Praça da República, Rua 31 de Janeiro, Rua Luís de Camões, Rua Elias Garcia, Rua Gomes Freire, e retorno à Igreja Matriz.

Assim, na ausência de dados que nos remetam a conclusões claras sobre as alterações nos percursos ou se esta corresponde à volta primitiva da mesma, concluímos que os Terceiros percorreriam parte do percurso dos Passos, sendo que a conjugação de outras vontades que não conhecemos a levaram a que começasse a percorrer uma das avenidas novas do século XX, a Ferreira de Castro, no qual vemos ser construído em meados do século o Cinema de Ovar e nas décadas seguintes grandes conjuntos edifícios habitacionais que modificaram de uma forma evidente a orgânica urbanística do centro de Ovar.



Figura 48. Procissão dos Terceiros. Fotografia: António Realeiro (década de 70 do séc. XX)

Considerações Finais

A clara necessidade de estudo da Procissão dos Terceiros de Ovar foi o nosso motor de busca para o desenvolvimento da presente investigação, com uma inevitável passagem pela Casa-Museu de Arte Sacra da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar, onde foi desenvolvido o estágio curricular.

É certo que essa noção inicial de “necessidade” de registo e investigação era uma realidade, contudo, adensou-se com a presença “in loco” e com a vivência diária do quotidiano da CMAS.

Se por um lado, a Procissão dos Terceiros foi o foco da nossa investigação, era necessário compreender toda a evolução do tecido devocional e religioso da comunidade owarens, procurando perceber de que forma e quando são instalados os principais espaços de culto e comunidades religiosas no local. Para tal, dedicamos a primeira parte deste estudo à compreensão desta realidade, permitindo assim enquadrar o aparecimento da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e da Procissão dos Terceiros na prática corrente da religiosidade owarens à época.

Contudo, fomos apercebendo da inevitabilidade de criação de um inventário das *vestes de festa* e das imagens componentes da procissão, de forma a registar uma série de práticas sociais e/ou rituais, desconhecidas, e em risco de perda, como sendo exemplo a forma de vestir dos santos. Dada a não realização da Procissão dos Terceiros nos anos de 2021 e 2022, face à evolução da pandemia COVID-19, recriamo-nos de forma a que fosse possível esse mesmo contacto com as zeladoras, tendo sido todas as imagens armadas tal como saem em procissão, excluindo-se apenas as do Andor da Ordem e Visão de S. Francisco, impossibilitadas face à dimensão e forma das mesmas.

Assim procuramos responder a uma exigência inevitável para a manutenção e compreensão de uma das mais antigas tradições de Ovar, fazendo jus ao dito popular, *Não é bom Vareiro quem não é Terceiro!*

No entanto, e não esquecendo a vivência diária da CMAS, além do acompanhamento, vigilância e organização de visitas guiadas ao espaço, foi-nos dada a possibilidade, por parte do Serviço do Património Histórico e Museus da Câmara Municipal de Ovar, na pessoa do Dr. António França, de comissariar duas exposições temporárias realizadas na

CMAS, no período do cumprimento do estágio, sendo um interessante exemplo de vivência da realidade diária de um museu.

Essas realizações permitiram o contacto com outras realidades, nomeadamente paróquias vizinhas, com forma e práticas muito distintas, mas também com a forma e formalização de pedidos de cedência de peças, preenchimento de protocolos, entre outras atividades que se revelaram uma mais valia para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Fontes e Referências

Fontes primárias

ACMAS – Estatutos e Regra da Ordem Terceira de S. Francisco da Villa de Ovar, 1672.

ACMAS – Livro de Atas (1939-1967).

ACMAS – Livro de Atas: (outubro de 2015 à atualidade).

ACMAS – Livro de Atas: (janeiro de 1985 a outubro de 2014).

ACMAS – Livro de Atas: (de 1939 a 1967).

ACMAS – Livro de despesas (de 1934 a 1936).

ACMAS – Livro de Atas: (de 1920 a 1928).

ACMAS – Livro de Atas: (de 1916 a 1920).

ACMAS – Livro de Contas: (de 1893 a 1912).

ACMAS – Livro de Conferências e Actas e Ocorrências: (de 1774 a 1883).

ACMAS – Livro de Profissões e Admissões: (de 1725 a 1774).

ACMAS – *Maias, irmãos Cidadelha Castelo da Maia...*, 8 de março de 1957.

ACMAS – *N.1 – Refere-se ao empréstimo...*, 21 de maio de 1780.

ACMAS – *N.2 – (...)*, de 15 de março de 1779.

ACMAS – *Distribuição dos Andores aos NN. CC. JJ...*, 1849.

ACMAS – *Procissão da Cinza da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco...*, 1936.

ACMAS – *(...) mapa demonstrativo das despesas com o culto...*, 1905-1910.

ACMAS – *Com os meus respeitosos cumprimentos venho acusar a recepção...*, 1956.

ACMAS – *Ex.mo Sr. José Augusto de Almeida...*, 1956.

ACMAS – *Escultura Religiosa em Portugal...*, [s/d].

ACMAS – *Escultura Religiosa em Portugal...*, 12 de abril de 1956.

ACMAS – *Rev. Madre Superiora do Convento das Clariças Negrelos...*, 13 de fevereiro de 1957.

ACMAS – *Revma. Madre Superiora do Mosteiro de S. José S. Miguel das Aves Negrelos...*, 19 de fevereiro de 1957.

ACMAS – *Revma. Madre Superiora do Mosteiro de S. José S. Miguel das Aves Negrelos...*, 19 de fevereiro de 1957.

ACMAS – *Venho a contestar a sua carta...*, 11 de fevereiro de 1957.

ACMAS – *Ao Protomonasterio de Santa Chiarra...*, 25 de fevereiro de 1957.

ACMAS – *Escultura Religiosa em Portugal...*, 29 de janeiro de 1957.

Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

Sem autor (1908, 12 de abril) Semana Santa, *A Discussão*, p. 2.

Sem autor (1900, 11 de março) Ordem Terceira, *A Discussão*, p. 3.

ACMF – *Districto de Aveiro Concelho de Ovar – Freguezia de Ovar*, junho de 1911, p. 42-57.

Bibliografia

ANBA. (1981). *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Aveiro, Zona do Norte*, Lisboa: Ministério da Cultura e Coordenação Científica; Secretaria de Estado da Cultura; Instituto Português do Património Cultural; Academia Nacional de Belas Artes.

Araújo, P. José Ribeiro de. (1952). *Poalhas da História da freguesia e Igreja de Ovar*, Cucujães: Escola Tipográfica do Seminário das Missões.

Azevedo, Carlos Moreira. (2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

Bastos, Manuel Pires. (1984). *O concelho de Ovar nas memórias paroquiais (1758)*, Ovar: Paróquia de Ovar.

Bastos, Manuel Pires. (2001). História breve da Igreja Matriz de S. Cristóvão de Ovar. In *Dunas. Temas & Perspectivas – revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Bastos, Manuel Pires. (2004). O Culto dos Santos em Ovar. In. *Santos que Curam e Protegem – registos devocionais no Concelho de Ovar*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Bastos, Manuel Pires. (2005). O Apostolado da Oração. In. *Um Coração com Rosto: a nova devoção*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Cardona, P. (2008/2009). *Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias*. [consultado a 06-03-2021]. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9410.pdf>

Chaves, D. (2014). Procissões de penitência franciscana nos séculos XVII e XVIII: religiosidade popular em Portugal durante o Antigo Regime. In Maria Marta Lobo de Araújo (coord.), *As Ordens Terceiras no mundo ibérico da Idade Moderna*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/5294/1/DNC_OrdensTerceiras_Artigo_p203-218.pdf

Clemente, Manuel. (2002). *A Fé do Povo - Compreender a Religiosidade Popular*. Paulus Editora, edição de junho de 2013.

Costa, Filipe Manuel Baptista Ribeiro. (2016). *Do material ao imaterial. Procissões, festas e romarias no Almanach de Lembranças (1851-1932)*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, Ramo de Mediação Patrimonial, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86720>

Costa, Arada e. (1967). *História Religiosa de Ovar – Algumas Achegas*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Gaspar, João Gonçalves. (1986). Formação da Ria e Povoamento da Região de Aveiro. In. *Aveiro e o seu Distrito nº 36*, Aveiro: Assembleia Distrital de Aveiro.

Jesus, António Manuel França de. (2011). *Ovar: memórias industriais de uma urbe*. Projeto de Mestrado de Património e Turismo Cultural apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18071/1/OVAR_mem%C3%B3rias%20industriais%20de%20uma%20urbe.pdf

Lamy, Alberto Sousa. (2009). *Dicionário da História de Ovar. Vol.3*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

- Lírio, P. Manuel. (1922). *Os Passos de Ovar*, Ovar: Imprensa Pátria.
- Lírio, P. Manuel. (1926). *Monumentos e Instituições Religiosas – Subsídios para a História de Ovar*, Porto: Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria.
- Lírio, P. Manuel. (1994). *Monumentos e Instituições Religiosas – Subsídios para a História de Ovar*, Ovar: Museu de Ovar.
- Mattos, R. Pinto de. (1880). *Memoria Historica e Descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto com as Vidas dos Santos cujas imagens costumam der conduzidas na sua Procissão de Cinza*. Porto: Typographia Occidental.
- Oliveira, Ernesto Veiga de. (1995). *Festividades Cíclicas de Portugal*. Lisboa: Etnográfica Press.
- Oliveira, Miguel de. (1967). *Ovar na Idade Média*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.
- Pinho, Elsa Garret. e Freitas, Inês da Cunha. (2000). *Normas Gerais de Inventário - Artes Plásticas e Artes Decorativas*. 2ª edição, Tipografia A.Coelho Dias. Instituto Português de Museus.
- Pinho, João Frederico Teixeira de. (1959). *Memórias e Datas para a História da Vila de Ovar*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.
- Projecto de Lei, nº 147/IX, de 2 de setembro de 2002. *Criação da Freguesia do Furadouro, no Concelho de Ovar, Distrito de Aveiro*. [consultado a 3 de março de 2021]. Disponível em: <https://Silo.Tips/Download/Projecto-De-Lei-N-147-Ix-Criaao-Da-Freguesia-Do-Furadouro-No-Concelho-De-Ovar-Di>.
- Santos, Cândido Augusto Dias dos. (1973). *O Censual da Mitra do Porto – Subsídios para o estudo da Diocese nas vésperas do Concílio de Trento*, Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Santos, Vagner José Rocha. (2019). É santa ou não é? O caso dos “santos cassados” e a devoção a Santa Bárbara em Salvador-BA. In. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, vol. 10, nº 1, p. 91-107.
- Santos, Zagalo dos. (2001). *Saibam Quantos...*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Secretariado Nacional Para os Bens Culturais da Igreja. (2018). *Manual de Procedimentos de Inventário dos Bens Culturais da Igreja*. 1ª edição, Terra das Ideias.

Vechina, Sofia Nunes. (2010). *A Igreja Matriz de Ovar nos séculos XVII-XIX: obras e artistas*. [consultado a 24-05-2021]. Disponível em:

<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-encomenda.-o-artista.-a-obra/a-igreja-matriz-de-ovar-nos-seculos-xvii-xix-obras-e-artistas>

Vechina, Sofia Nunes. (2011). Metodologias para uma inventariação contextualizada do património religioso: A Ordem terceira de São Francisco de Ovar na comemoração dos 350 anos – Estudo de caso. In. *Dunas. Temas & Perspectivas – revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

Vechina, Sofia Nunes. (2012). *Arquitetura religiosa de Januário Godinho em Ovar e Válega*. [consultado a 04-03-2021]. Disponível em:

<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11407.pdf>

Vechina, Sofia Nunes. (2013). *Ordem Terceira de São Francisco de Ovar. Procissão das Cinzas. Uma procissão com três séculos*. [consultado a 03-05-2021]. Disponível em:

<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/os-franciscanos-no-mundo-portugues-iii-o-legado-franciscano/ordem-terceira-de-sao-francisco-de-ovar-procissao-das-cinzas-uma-procissao-com-tres-seculos>

Vechina, Sofia Nunes. (2013). *As Capelas dos Passos e Definição da Estrutura Urbana de Ovar. Do século XVIII à atualidade*. [consultado a 05-05-2021]. Disponível em:

https://www.citcem.org/3encontro/docs/pdf/part_07/23%20-%20Sofia%20Nunes%20Vechina%20-%20TEXT0.pdf

A Procissão das Cinzas em Aveiro – Descritivo das cerimónias e andores (1955). [consultado a 13 de outubro de 2021]. Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/fariajoao/a-procisso-das-cinzas-em-aveiro-1955>

Sítios em linha consultados

Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. Capela de Santo António. [consultado a 24 de março de 2021]. Disponível em:

[Http://Www.Monumentos.Gov.Pt/Site/App_Pagesuser/Sipa.aspx?Id=10799](http://Www.Monumentos.Gov.Pt/Site/App_Pagesuser/Sipa.aspx?Id=10799),

Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela de São Miguel*. [consultado a 24 de março de 2021].

http://Www.Monumentos.Gov.Pt/Site/App_Pagesuser/Sipa.aspx?Id=10801

Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Capela das Almas*. [consultado a 24 de março de 2021].

Http://Www.Monumentos.Gov.Pt/Site/App_Pagesuser/SIPA.aspx?Id=10874.

Sipa – Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico. *Igreja do Carmo. Igreja dos Terceiros do Carmo*. [consultado a 28 de março de 2021].

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5521.

Arquivos RTP. Procissão dos Terceiros em Ovar. [consultado a 23 de maio de 2022].

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/procissao-dos-terceiros-em-ovar-3/>

Arquivos RTP. Procissão dos Terceiros em Ovar. [consultado a 23 de maio de 2022].

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/procissao-dos-terceiros-em-ovar-2/>

Arquivos RTP. Procissão dos Terceiros em Ovar. [consultado a 23 de maio de 2022].

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/procissao-dos-terceiros-em-ovar/>

Anexos

Ficha de Inventário nº 1 – Nossa Senhora da Conceição



Fotografias: Margarida Martins – 23/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vulto; Denominação: Nossa Senhora da Conceição; Título: Nossa Senhora da Conceição; Outras Denominações: Imaculada Conceição; Nº de Inventário: Nº 18 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 172, Inventário de 1975;	Trata-se do primeiro andor da procissão, e por sinal o único, que conjuntamente com as figuras alegóricas e encargos constituem o primeiro grupo da Procissão dos Terceiros (Apresentação da Penitência e Remissão do Pecado Original); <i>“Logo após o pecado de Adão e Eva, Deus promete a vinda ao mundo dum Redentor. E nessa profecia é anunciada já o mistério da Conceição Imaculada de Nossa Senhora (...) Assim como Eva, a primeira mulher arrastou consigo toda a humanidade transmitindo-lhe o pecado, assim também a Virgem Santíssima, dando à luz o seu Divino Filho, nos transmitiu Aquele que seria o princípio da vida e da graça.”¹⁹⁴</i> Representada sobre o globo terrestre, envolto em nuvens de onde surgem querubins, e a calcar um crescente, é aqui configurada a olhar o céu, com um véu e uma coroa de estrelas sobre a cabeça, com uma mão a repousar sobre o peito, em direção ao coração, e com o outro braço estendido, sustentando na mão a uma açucena de prata. <i>“A Ordem de São Francisco, sempre ardorosa em defender o privilégio da Conceição Imaculada, tem como padroeira a Santíssima Virgem, sob a invocação de tão sublime mistério.”</i>
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 155x65x46cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor e sem peanha; Peanha: 70x85x85cm (altura x largura x profundidade);	

¹⁹⁴ A Procissão das Cinzas em Aveiro – Descritivo das cerimónias e andores (1955). P. 4-5.

AUTORIA		PRODUÇÃO	
Desconhecida;		Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;	
DATAÇÃO			
A imagem foi adquirida pela Ordem Terceira nos inícios do séc. XIX, coexistindo dúvidas quanto ao ano da aquisição, alicerçando a nossa investigação pelas fontes secundárias, uma vez não encontrados os documentos avulso que mencionam essa aquisição. Arada e Costa, em 1967 ¹⁹⁵ afirma datar de 1804, já J. Campos, no Jornal O POVO DE OVAR ¹⁹⁶ , afirma que “(...) entre os papéis avulsos do mesquinho arquivo, um se encontra, que deve ser de 1809-1810, e por ele se depreende que a despesa formidável para a época – 2.127\$30 – deve referir-se á dita compra.”			
CONSERVAÇÃO		INFORMAÇÃO TÉCNICA	
Estado: Regular. Foram detetados alguns destacamentos de policromia, fissuras, humidades e sujidades acumuladas; (Data: 23/03/2022); Intervenções: Dezembro de 2004 – “O Conselho da Ordem reúne com as Zeladoras da Imaculada Conceição, de forma a que se chegue a um entendimento sobre o restauro da peanha da imagem. A mesma foi restaurada por 750 euros na Casa do Sagrado Coração de Jesus no Porto, pelos donativos dados à imagem nos últimos anos.” ¹⁹⁷		Materiais e Técnica: Imagem de madeira, de vulto inteiro, dourada e policromada;	

¹⁹⁵ Costa, 1967: 28-29.

¹⁹⁶ Campos, J (1930, 26 de fevereiro) Ordem Terceira, *O Povo de Ovar*, p. 1-2.

¹⁹⁷ Ata nº 91 - Livro de Atas (janeiro de 1985-outubro de 2014)

Numa carta enviada a 8 de março de 1957 à oficina Maías, Irmãos, de Castelo da Maia, é referida o pagamento de uma intervenção à imagem no valor de 542\$50.	
COMPONENTES	
COMPONENTES	• Açucena; • Diadema; • Coroa imperial; • Brincos; • Peanha;
Nº DE ITENS	• 6
DESCRIÇÃO	• Açucena – Objeto em prata, composto por 4 flores, 4 pontas e 11 folhas; Não foi encontrada a marca; • Diadema – Objeto em prata, composto por aro e 14 estrelas; Não foi encontrada a marca; • Coroa imperial – Objeto em prata, composto por quatro lados encimados por globo e cruz. 35cm de altura e 10cm diâmetro da boca; • Brincos – Conjunto de duas peças, em ouro, composto em duas partes (parte superior em forma de coração invertido, com flor gravada no centro, parte inferior em forma de pendente, oval, aberto ao centro, rematado com uma flor gravada ao centro, ladeada por 6 pequenas flores, das quais saem gravados dois caules com quatro ranhuras abertas em forma de folhas, duas em cada); • Peanha – Em madeira, policromada, dourada; É composto por base circular, com quatro pequenos medalhões salientes, ornamentados por centro e quatro folhas; Todo o conjunto é rematado por uma trança simulada que

	contorna a peça; a parte superior é composto por um fecho circular, decorado por folhas de acanto;
ESTADO	• Açucena – Mau: peça necessita de intervenção no curto prazo. Oxidação da prata. Fragmentada, dado que a peça se encontra quebrada; • Diadema – Regular: Peça que apresenta um razoável estado de conservação. Oxidação da prata; • Coroa imperial – Muito Mau: Peça necessita de uma intervenção urgente dado o avançado estado de degradação. Fragmentação; Oxidação da prata; • Brincos – Muito bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Peanha – Muito Mau: Peça necessita de uma intervenção urgente dado o avançado estado de degradação. Policromia em destacamento; foram detetadas fissuras e lacerações;
NOTAS	À exceção dos brincos, cuja origem foi possível averiguar (doação de uma crente), nenhum dos restantes objetos foi possível encontrar a proveniência ou datação; A coroa imperial não é colocada na imagem à várias décadas, desconhecendo-se o motivo;
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS



ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: Robert Chester Smith (década de 60 do século XX) Imagem de N. Senhor^a da Conceição, no altar-mor da Capela de N. Senhor^a da Graça; até então, não foi encontrada qualquer prova de permanência da imagem na capela, à exceção da fotografia.



Fotografia: À esquerda, Alfredo Nata, Procissão dos Terceiros de 2018. À direita, Mariano Zé, Procissão dos Terceiros de 2017.



Fotografia: À esquerda, António Mendes Pinto, reprodução de pagela encontrada na CMAS (anos 80?). À direita, Margarida Martins, 23/03/2022.

Ficha de Inventário nº 2 – Bem Casados – S. Francisco entregando a Regra a S. Lúcio e Santa Bona



Fotografias: Margarida Martins – 02/04/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA		DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA	
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, anatomizada, de vestir; Denominação: Bem Casados; Título: S. Francisco entregando a Regra a S. Lúcio e Santa Bona; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 20, 21 e 22 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionados na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 178, Inventário de 1975;		Componente do II grupo da Procissão dos Terceiros, representa o primeiro casal admitido à Ordem Terceira. Trata-se de uma representação corrente de S. Lúcio e Santa Bona ajoelhados, perante S. Francisco que lhes entrega a regra, num episódio hagiográfico da vida do santo que se repetia na generalidade das Procissões de Cinza do nosso país, tais como a do Porto, Aveiro ou Vila do Conde.	
DIMENSÕES (CM)			
S. Francisco: 177,5x88x57cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; S. Lúcio: 124,5x141x99cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; Santa Bona: 123x47x87cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor;			
AUTORIA		PRODUÇÃO	
Desconhecida;		Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;	

DATAÇÃO

Desconhecido – É já mencionada na procissão das Cinzas de 1672, contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem, tanto ao nível da conceção do corpo, como da cabeça, mãos e base, atribuímos a mesma ao século XVIII/XIX.

CONSERVAÇÃO

Estado: Regular, apresenta um razoável estado de conservação, com fissuras na madeira do corpo. Perda de policromia nas zonas expostas nas três imagens (Data: 02/04/2022);

Intervenções: Desconhecidas

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagens de madeira, anatomizadas, com pintura de carnações nas partes visíveis; Olhos pintados – S. Lúcio possui um olho de vidro;

COMPONENTES

COMPONENTES

- 3 resplendores;
- 3 cordas;
- 1 livro (regra);
- Roupa Interior (Santa Bona – túnica e saiote; S. Francisco – camisa, S. Lúcio – camisa);
- 2 cabeleiras (de S. Lúcio e Santa Bona);
- Véu;
- 2 gargantilhas;
- Laço;
- Manguitos;
- Capucho;
- 3 hábitos;
- 2 mantos;

Nº DE ITENS

- 24

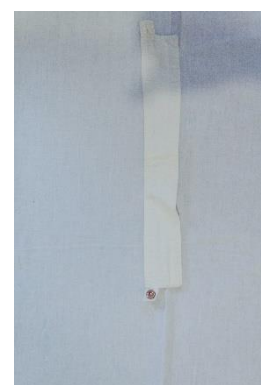
DESCRIÇÃO

- Resplendores: S. Francisco – Em Prata, dourada ao centro e com 5 pedras/vidros/gemas (?); (29x29cm, sem contar com a altura da base);

	S. Lúcio: Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (37x37cm, sem contar com a altura da base); Santa Bona: Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (36x36cm, sem contar com a altura da base); • Cordas: S. Francisco – Com 5 nós; aproximadamente 170cm (cumprimento); S. Lúcio – Com 5 nós; ao centro sai outra, mais curta (penitências?); aproximadamente 200cm (cumprimento); Santa Bona – Com 5 nós; ao centro sai outra, mais curta (penitências?); aproximadamente 175cm (cumprimento); • Regra – 19x14cm (cumprimento x largura); • Cabeleiras – Em cabelo natural (?); • Véu – Em tule branco, rendado com motivos florais, possui 135x70cm (cumprimento x largura); • Gargantilha – S. Lúcio – Lisa, (cetim?), com uma mola, possui 37x5cm (cumprimento x largura); Santa Bona – Em renda branca franzida com duas fitas de cetim nos remates. 84 cm (cumprimento); • Laço – (de S. Lúcio) – Em cetim preto, com 27cm (cumprimento); • Manguitos – (de Santa Bona) – Em fazenda castanha fina, com três botões falsos e remate a renda branca; com 23x15cm (cumprimento x largura); • Capucho – Capucho, em fazenda castanha, com 39x71cm (cumprimento x largura); • Hábitos – Todos em fazenda castanha. S. Francisco – 140x75cm (cumprimento x largura), S. Lúcio – 137x62cm (cumprimento x largura), Santa Bona – 104x62cm (cumprimento x largura); • Mantos – Os dois em fazenda castanha, tendo o de S. Lúcio uma borla preta. S. Lúcio – 240x117cm (cumprimento x largura), Santa Bona – 240x117cm (cumprimento x largura);
ESTADO	• Resplendores – Bom: Peças em bom estado de conservação; natural oxidação da prata;

	• Cordas – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Regra – Regular: Apresenta algumas lacunas no papel; • Cabeleiras – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Véu – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Gargantilha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Laço – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manguitos – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Capucho – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Hábitos – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Mantos – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação;
NOTAS	Todo o conjunto das vestes tem sido renovado ao longo dos anos ao encargo das zeladoras.
DATA	02/04/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS





ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: CMO – Procissão dos Terceiros de 2018;

Ficha de Inventário nº 3 – Santa Rosa de Viterbo



Fotografias: Margarida Martins – 21/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA		DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA	
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, anatomizada, de vestir; Denominação: Santa Rosa Título: Santa Rosa de Viterbo; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 10 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 184, Inventário de 1975;		Componente do grupo II, da Procissão dos Terceiros, trata-se de uma jovem, natural de Viterbo (Itália), que recebeu o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco por inspiração da Santíssima Virgem. <i>“Falava com grande eloquência, pregando ao povo com uma cruz na mão, convidando-o à penitência e à reforma dos costumes. Foi mandada açoitar e depois de lhe terem sido confiscados todos os seus bens por mandado de Frederico II, da Alemanha, contra quem pregara Santa Rosa por causa da guerra movida ao Papa, foi mandada para o exílio, onde viveu até à morte do imperador.”</i> Nesta escultura, é representada com o seu símbolo de pregação na mão, a cruz, bem como a caveira, símbolo da morte, na mão direita. Imagens da segunda metade do século XX, mostram que seria costume preencher toda a cruz com rosas, hábito que se perdeu.	
DIMENSÕES (CM)			
Imagem: 161x28x20cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor e cruz; Base: 30x30 (cumprimento x largura);			
AUTORIA		PRODUÇÃO	
Desconhecida;		Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;	

DATAÇÃO

Desconhecido – É já mencionada na procissão das Cinzas de 1672, contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem, tanto ao nível da conceção do corpo, como da cabeça, mãos e base, atribuímos a mesma ao século XVIII/XIX.

CONSERVAÇÃO

Estado: Regular, apresenta um razoável estado de conservação, com fissuras na madeira do corpo. Perda de policromia nas zonas expostas; (Data: 21/03/2022);

Intervenções: Desconhecidas;

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem de madeira, anatomizada, com pintura de carnações nas partes visíveis; Olhos pintados;

COMPONENTES

COMPONENTES

- Cruz;
- Caveira;
- Resplendor;
- Cabeleira;
- Véu;
- Corda;
- Manto;
- Vestido;
- Manguitos;
- Gargantilha;
- Sapatos;
- Roupas Interiores (Túnica e saia);

Nº DE ITENS

- 15

DESCRIÇÃO

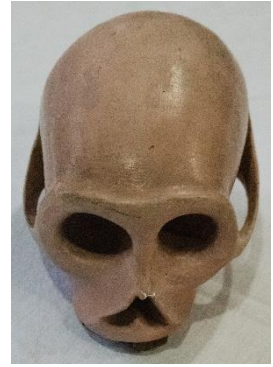
- Cruz – Objeto em madeira castanha, com 190x40cm (altura x largura), com base em ferro para encaixe no andor;

	• Caveira – Em pedra (?), pintado a cor rosa suave, com 14x15x17cm (altura x largura x profundidade); • Resplendor - Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (33x33cm, sem contar com a altura da base); • Cabeleira – Em modacrílico; • Véu – Em tule bege, rendado com motivos florais, possui 71x140cm (cumprimento x largura); • Corda – Com 5 nós e uma borla dourada no remate; Aprox. 140cm (cumprimento); • Manto – Em seda bordô simples, possui 310x340cm (cumprimento x largura); • Vestido - Em seda bordô simples, possui 130x70cm (cumprimento x largura); • Manguitos - Em seda bordô simples, com remate em renda branca num lado e molas, possui 17x30cm (cumprimento x largura); • Gargantilha – Em renda branca franzida com duas fitas de cetim nos remates. 70 cm (cumprimento); • Sapatos – Em veludo (?) castanho, possuem apenas o feitiço da frente do sapato, sendo o lado posterior composto por duas fitas. 20cm (cumprimento do sapato); • Roupa Interior, composta por túnica de linho e saíote de tule;
ESTADO	• Cruz – Bom; Peça em bom estado de conservação, com algumas marcas fruto da antiga fixação de rosas na mesma; possui 190x42cm (cumprimento x largura); • Caveira – Bom: Peça sem problemas de conservação (materiais estabilizados); denotamos marcas de intervenção recente, após a queda da peça em contexto de procissão; 12x12x21cm (cumprimento x largura x profundidade); • Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

	• Cabeleira – Regular: Peça que apresenta um razoável estado de conservação; Desgaste natural; • Véu – Muito Bom: Peça sem problemas de conservação; • Corda – Bom: Peça sem problemas de conservação; Desgaste natural; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Vestido – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manguitos – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Gargantilha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Sapatos – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Roupa Interior – Bom: Peças sem problemas de conservação;
NOTAS	O vestido e o manto foram oferecidos pela zeladora Germana Gomes, no ano de 2018, após um evento extremo de vento na Procissão dos Terceiros de 2017, que destruiu a maioria das peças de tecido; O saiote fazia parte do vestido de noiva da nora da zeladora; A cabeleira também foi alterada, face ao avançado estado de degradação da anterior.
DATA	21/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







Fotografias: Margarida Martins – 21/03/2022

ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografias: CMO – Procissão dos Terceiros 2013

Ficha de Inventário nº 4 – S. Francisco lançado às silvas



Fotografias: Margarida Martins – 25/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA		DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vulto; Denominação: São Francisco lançado às silvas; Título: São Francisco lançado às silvas; Outras Denominações: São Francisco das silvas; Nº de Inventário: Nº 15 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 183, Inventário de 1975;		Componente do grupo II, da Procissão dos Terceiros, trata-se do segundo episódio hagiográfico de São Francisco de Assis a figurar no préstito, retratando um dos seus momentos de penitência e provação, no caso, despojamento e lançamento às silvas. Iconograficamente retratado prostrado no chão, diante de uma cruz e de uma caveira, semidespido, com as disciplinas na mão, trata-se de um episódio invulgarmente retratado nas Procissões de Cinza, apenas encontrando correspondência na homóloga da Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel, nos Açores.
DIMENSÕES (CM)		
Escultura: 150x63x67cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor;		
AUTORIA		PRODUÇÃO
Desconhecida;		Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;
DATAÇÃO		
Desconhecido – É já mencionada na procissão das Cinzas de 1849, contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem, tanto ao nível da conceção do corpo, como da cabeça, mãos e base, atribuímos a mesma ao século XIX.		

CONSERVAÇÃO		INFORMAÇÃO TÉCNICA	
Estado: Bom: Apresenta um bom estado de conservação, denotando-se fissuras nos dedos das mão e pés, bem como destacamentos de policromia nas costas; (Data: 25/03/2022); Intervenções: Janeiro de 2004 - As zeladoras do andor de S. Francisco das Silvas, entre elas Vera Cruz, propõem ao Conselho da Ordem o restauro da imagem com o valor apurado nos donativos ao andor nos últimos anos. O restauro ficou por 300 euros, sendo feito por Marcos Muge.¹⁹⁸		Materiais e Técnica: Imagem de madeira, de vulto inteiro, policromada;	
COMPONENTES			
COMPONENTES		• Resplendor; • Hábito; • Corda; • Cruz; • Caveira; • Disciplinas; • Capucho;	
Nº DE ITENS		• 7	
DESCRIÇÃO		• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com 5 pedras/vidros/gemas (?), de cada lado; (29x29cm, sem contar com a altura da base); • Hábito – Em fazenda castanha, com mangas e botões na frente, preenchendo meio corpo; 113x130 (cumprimento x largura);	

¹⁹⁸ Ata nº 89 - LIVRO DE ATAS (janeiro de 1985-outubro de 2014)

	• Corda – Com 3 nós franciscanos e dois nas pontas; • Cruz – Objeto em madeira castanha, com 85x43cm (altura x largura), de encaixe no andor; • Caveira – Em pedra (?), pintado a cor bege, com 20x14cm (altura x largura x profundidade); • Disciplinas – Em madeira e arame, com pega, e 75cm de comprimento; • Capucho, em fazenda castanha, com 34x61cm (comprimento x largura);
ESTADO	• Resplendor – Bom: Peça em bom estado de conservação; natural oxidação da prata; • Hábito – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cruz – Bom: Peça em bom estado de conservação; foram encontrados alguns destacamentos de policromia; • Caveira – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Disciplinas – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Capucho – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;
NOTAS	O hábito e o capucho primitivos seriam negros. Nos últimos anos as vestes foram renovadas, feitas em fazenda castanha, sendo as antigas de “festa” utilizadas agora como “vestes de ano”.
DATA	25/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS





ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: Fernando Pinto – Procissão dos Terceiros de 2013;

Ficha de Inventário nº 5 – Santa Margarida de Cortona



Fotografias: Margarida Martins – 21/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada; Denominação: Santa Margarida; Título: Santa Margarida de Cortona; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 16 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 173, Inventário de 1975;	Componente do grupo II, da Procissão dos Terceiros, trata-se de uma mulher que levava uma vida de prazeres desregrados, até que se convertera ao arrependimento e a partir do qual toma uma dura vida de penitência. <i>“(…) passou grande parte da sua mocidade na libertinagem, até que o assassinato dum dos seus amantes, cujo cadáver em decomposição ela foi encontrar por indicações dum cão que ela muito estimava, a impressionou de tal forma que se converteu e mudou completamente de vida, entregando-se às mais auteras penitências. Mandou cortar os cabelos, pôs de parte todas as suas jóias, vestiu-se de burel e foi colocar-se às portas das igrejas, com uma corda ao pescoço, pedindo perdão de todos os escândalos que até aí tinha dado. Ao fim de três anos recebeu o hábito de terceira franciscana que sempre honrou até à morte.”</i> Iconograficamente representada com olhar sereno a olhar a cruz que possui nas mãos, é um exemplo claro da migração e aproveitamento de suportes de imagens, uma vez que inicialmente fora concebida para representar a Rainha de Portugal. Com a transformação, foram-lhe acrescentadas lágrimas no rosto, de forma a corresponder à descrição iconográfica da santa.
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 161x39x23cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; Base: 32x48 (cumprimento x largura);	
AUTORIA	PRODUÇÃO
Desconhecida;	Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;

DATAÇÃO

1804 – Foi adquirida a imagem, então com o título da Rainha Santa Isabel de Portugal;
1892 – É comprada uma nova imagem da Rainha de Portugal, deixando a antiga de ser utilizada;
1898 – É oferecida à Ordem pelo Dr. João de Oliveira Baptista, a nova imagem de Santa Margarida de Cortona, aproveitada da antiga escultura da Rainha Santa Isabel de Portugal - assinalado no livro de Atas da Ordem (1900-1908), na reunião da Mesa de maio de 1901.

CONSERVAÇÃO

Estado: Regular. Foram detetados alguns problemas nas articulações, humidades e sujidades acumuladas; (Data: 21/03/2022);

Intervenções: Desconhecidas;

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem de vulto em madeira, articulada nos ombros e cotovelos, com pintura de carnações nas partes expostas; São ainda pintados os sapatos, bem, e uma túnica azul, que cobre a totalidade da imagem; abaixo do joelho surgem pintadas as meias; Olhos de vidro;

COMPONENTES

COMPONENTES

- Resplendor;
- Véu;
- Cabeleira;
- Corda;
- Gargantilha;
- Manto;
- Vestido;
- Manguitos;
- Cruz;
- Roupa Interior;

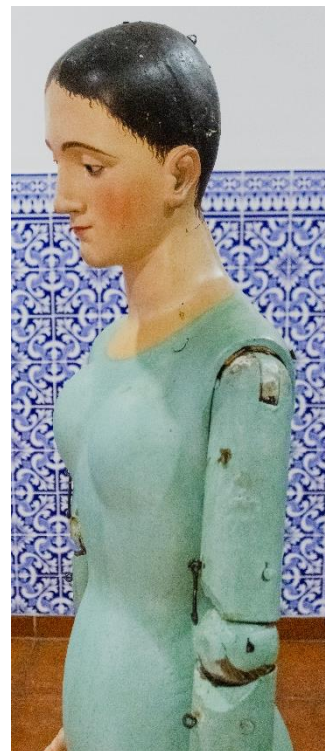
Nº DE ITENS

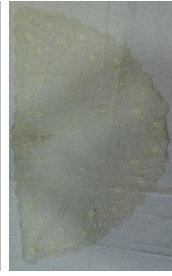
- 11

DESCRIÇÃO	• Resplendor - Em Prata, dourada ao centro com flor gravada; possui 36x36cm (cumprimento x largura); • Véu – Em tule branco, rendado com motivos florais, possui 135x81cm (cumprimento x largura); • Cabeleira – Em cabelo natural (?); • Corda – Com 5 nós; ao centro sai outra, mais curta (penitências?); aproximadamente 151cm (cumprimento); • Gargantilha – Em renda branca franzida com duas fitas de cetim nos remates. 70 cm (cumprimento); • Manto – Em fazenda castanho escuro, simples; • Vestido - Em fazenda castanho escuro, simples, com renda branca nos remates das mangas; • Manguitos - Em cetim branco forrado, rematado com renda branca em três rebordos e com molas cozidas, possui 21x16cm (cumprimento x largura); • Cruz: Em madeira pintada de preto, com 30 cm (cumprimento); A imagem do Cristo, o letreiro e o fecho são pintados de amarelo; • Roupa Interior, composta por camisa de noite branca, rematada com renda branca nas mangas e no colarinho, e saiote em lã (?), rematado a renda branca;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cabeleira – Regular: Peça que apresenta um razoável estado de conservação; Desgaste natural; • Véu – Bom: Peça sem problemas de conservação; Amarelecimento do tule; • Corda – Regular: Peça em razoável estado de conservação; Desgaste natural; • Gargantilha – Regular: Amarelecimento do tecido e marcas de humidade; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

	• Vestido – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manguitos – Bom: Denotamos o amarelecimento do cetim e algumas marcas de humidade; • Cruz - Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;
NOTAS	Não foi possível aferir a proveniência ou datação de nenhum dos objetos;
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







Fotografia: Margarida Martins – 21/03/2022

ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: Alfredo Nata – Procissão dos Terceiros de 2018

Ficha de Inventário nº 6 – Santo Ivo da Bretanha



Fotografias: Margarida Martins – 23/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de roca; Denominação: Santo Ivo; Título: Santo Ivo da Bretanha; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 9 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 185, Inventário de 1975;	Do grupo II da Procissão dos Terceiros, representa um jovem francês, nascido em 1253, que cursou com distinção Direito e Teologia. <i>“Ordenou-se e foi pároco, tendo-se sempre distinguido pela sua piedade e obras de caridade. Tomou o hábito da Ordem terceira, mas continuou sempre como sacerdote diocesano. Grande protector dos pobres e encarcerados foi chamado o advogado dos pobres.”</i> Vestido de negro, como sacerdote, leva na mão direita o anel de advogado e o barrete de clérigo. Aos pés, em cima de uma almofada, repousa a borla e o capelo de doutor, com as cores verde e branca, designando as faculdades de Direito e Teologia; ao lado, o livro da Regra franciscana.
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 162x40x22cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; Base: 28x47 (cumprimento x largura);	
AUTORIA	PRODUÇÃO
Desconhecida;	Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;

DATAÇÃO

Desconhecido – É já mencionado na procissão das Cinzas de 1672, contudo, face à ausência de registos e dadas as formas estilísticas e técnicas da imagem (roca), achamos perfeitamente plausível esta ser uma dessas primitivas representações. Existe ainda uma cabeça nas reservas da CMAS, que atribuímos a Santo Ivo, que dada a forma de encaixe e a semelhança de proporções entre as duas, achamos perfeitamente plausível que a cabeça atualmente em uso seja fruto de um melhoramento posterior (possivelmente do século XIX);

CONSERVAÇÃO

Estado: Mau: Foram encontrados graves problemas estruturais no corpo da imagem, nomeadamente na composição da zona superior. As zonas expostas, mãos e cabeça, apresentam marcas de humidade;

Intervenções: Desconhecidas;

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem de roca, em madeira, com cabeça, mãos e pernas;

COMPONENTES

COMPONENTES

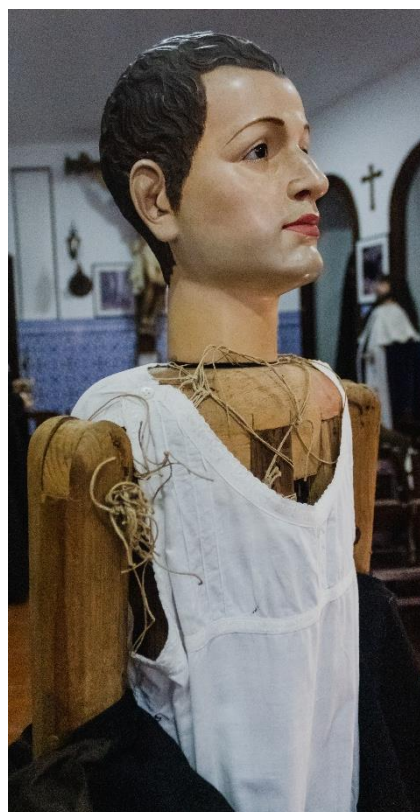
- Resplendor;
- Anel;
- Almofada;
- Regra;
- Capelo;
- Capa;
- Vestido (?);
- Corda;
- Barrete;
- Faixa;
- Punhos;
- Botões de punho;
- Túnica interior;

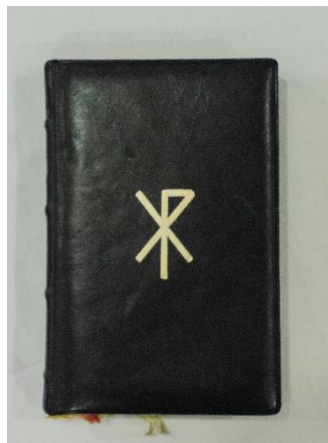
Nº DE ITENS	• 15
DESCRIÇÃO	• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?), de cada lado; (29x29cm, sem contar com a altura da base); • Anel – Em Ouro, com pedra rubi; (1,5x1,5cm); • Almofada – Com tecido estampado (?), remate em franja (dourada) e borlas nas pontas; 50x37cm (cumprimento x largura); • Regra – Livro da regra franciscana, com capa e contracapa preta e um cristograma dourado gravado na capa; • Capelo – Em lã (?), com base quadrangular em madeira, com as cores verde e branca, designando as faculdades de Direito e Teologia; • Capa – Fazenda de pano (algodão e fibra), cor preta; com 143x250cm (cumprimento x largura); • Vestido – Fazenda de pano (algodão e fibra), cor preta; de abotoar à frente em todo o comprimento; • Corda – Com 4 nós franciscanos, é rematada com corda em feitiço de borla; 190cm de comprimento; • Barrete – De formato quadrangular, de cor preta, com quatro pregas e um pompom de arminho bordado no centro; 16x16cm (cumprimento x largura); • Faixa – Em fazenda de pano (algodão e fibra), cor preta; possui duas borlas pretas a rematar os cantos e um nó a $\frac{3}{4}$ da faixa; 380 cm de comprimento, com o nó; • Punhos – Em cetim branco forrado, com 4 casas; com 21x7cm (cumprimento x largura); • Botões de punho – Em ouro, de formato circular; é composto por fundo branco e cruz ao centro, com rebordo dourado e apontamentos azuis; 3cm de comprimento; • Túnica interior – Em linho, de cor branca, de abotoar nos ombros;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

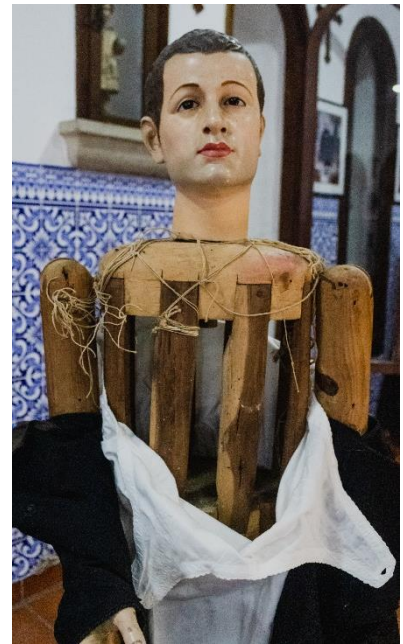
	• Capa - Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Vestido – Muito Mau: Lacerações no tecido (traça); Detioração e destacamento do forro; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Barrete – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Faixa – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Punhos – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Botões de punho – Muito Bom: Peças em perfeito estado de conservação; • Túnica interior – Mau – Lacerações, amarelecimento do tecido;
NOTAS	Cabeça primitiva, atribuída a Santo Ivo: 

	Através do JORNAL D'ÓVAR, na edição de 8 de março de 1908, sabemos da aquisição de uma estola bordada a ouro para esta imagem, desconhecendo-se atualmente o seu paradeiro. Não se conhecem registos que ilustrem esta mesma imagem com uma estola. No semanário A DISCUSSÃO, na edição de 4 de março de 1900, são mencionados melhoramentos no andor, bem como na edição seguinte do mesmo, no qual é descrita a compra dos quatro ciprestes do andor, pela zeladora de então, Rosa do Patrocínio de Almeida Valente.
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: CMO – Procissão dos Terceiros de 2019

Ficha de Inventário nº 7 – S. Roque de Montpellier



Fotografias: Margarida Martins – 22/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA		DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA	
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada Denominação: S. Roque; Título: S. Roque de Montpellier; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 7 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Nº 176, Inventário de 1975;		Componente do grupo II, da Procissão dos Terceiros, encontra-se representado segundo a mais comum caracterização, vestido de romeiro, com uma perna desnuda mostrando o bubão da peste e com o cão aos seus pés, que todos os dias lhe trazia um pedaço de pão para poder comer. <i>“Aos vinte anos, por morte de seus pais, ficou herdeiro duma grande fortuna que distribuiu inteiramente pelos pobres e tomando o hábito de peregrino dirigiu-se a Itália onde grassava uma rigorosa peste. Foi enfermeiro dos doentes e quando se viu atacado da mesma doença, retirou-se para um ermo afim de não causar incómodo a ninguém, voltando novamente a tratar dos empestados logo que se sentiu curado. Extinta a epidemia, voltou para França, mas vinha tão desfigurado que, considerando-o como malfeitor, o mandaram prender numa fortaleza onde esteve até à sua morte. Só nessa altura se descobriu quem era, tendo sido operados muitíssimos milagres por sua intercessão.”</i>	
DIMENSÕES (CM)			
Imagem: 174x44x30cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; Base: 70x64 (cumprimento x largura);			
AUTORIA		PRODUÇÃO	
Amálio Maia		Oficina/Fabricante: Maias – Irmãos; Local de Execução: Cidadelha – Castelo da Maia;	
DATAÇÃO			
1960 – século XX;			

CONSERVAÇÃO		INFORMAÇÃO TÉCNICA	
Estado: Bom. Foram detetados alguns destacamentos de policromia nas zonas expostas, bem como fissuras na base e dedos; (Data: 22/03/2022); Intervenções: A imagem nunca foi intervencionada;		Materiais e Técnica: Imagem em madeira de cedro policromado de vulto inteiro, articulada nos ombros e cotovelos;	
COMPONENTES			
COMPONENTES		• Camisa; • Resplendor; • Botões de punho; • Chapéu; • Hábito; • Manto; • Corda; • Bordão; • Capa de Ombros (?)	
Nº DE ITENS		• 10	
DESCRIÇÃO		• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (33x33cm, sem contar com a altura da base); Possui inscrição (1960); Medidas: • Botões de punho – Lisos, em formato quadrangular, em ouro; • Chapéu – Preto, com corda preta a circundar a base, do qual saem duas pequenas cordas rematadas com borlas pretas; no interior possui a inscrição da Casa Imperial; • Hábito – Em fazenda castanha, com 130x80cm (cumprimento x largura); • Manto – Em fazenda castanha, com 210x130cm (cumprimento x largura); • Corda – Com 4 nós	

	• Bordão – Em madeira, com 180cm de comprimento; no canto possui uma cabaça atada com corda, com 16cm de comprimento; • Camisa – Branca, em linho (?), com mangas, punhos, sem colarinho e com botões brancos para abotoar na frente; • Capa de ombros – Em veludo castanho, com aplicações de bordados (galão dourado) a todo o comprimento; possui dois elementos decorativos em forma de flor com fio de metal para apertar, na frente; 29x84cm (comprimento x largura);
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Botões de punho – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Chapéu – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Hábito – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Bordão – Bom: Peça com algumas marcas e riscos; • Camisa – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Capa de ombros (?) – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;
NOTAS	Na base da imagem encontra-se uma chapa em prata com o nome dos ofertantes. Na base do resplendor encontra-se gravadas as datas da aquisição (1960) e o nome S. Roque. Embora não saibamos se as vestes atuais correspondem às primitivas descritas na ata nº 73, de

	15 de abril de 1962, sabemos que os botões de punho originais terão sido perdidos em contexto de procissão, tendo sido os atuais, também em ouro, adquiridos às expensas da zeladora.
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS





ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: Paulo Homem de Melo – Procissão dos Terceiros de 2012.

Ficha de Inventário nº 8 – S. Luís Rei de França



Fotografia: Margarida Martins – 25/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada Denominação: S. Luís Rei de França; Título: S. Luís Rei de França; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 8 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 177, Inventário de 1975;	Componente do grupo II da Procissão dos Terceiros, trata-se da representação do monarca francês Luís IX, com as suas vestes reais e com os seus atributos fundamentais, a coroa de espinhos e os cravos de Cristo, bem como a coroa e o cetro real. <i>“Nasceu em 1215 e subiu ao trono em 1226, tendo assumido a regência, durante a sua menoridade, sua mãe a rainha Branca de Castela. Depois de ter tomado parte numa cruzada ao Oriente, por ele próprio organizada, voltou a França onde procurou governar o seu povo com o melhor tino político e grande espírito de justiça.</i> <i>Em 1270 organizou nova Cruzada para libertar os lugares Santos, tendo morrido nesse mesmo ano, vítima da peste que assolou todo o seu exército. O seu cadáver foi solenemente conduzido para Paris.”</i>
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 179x40x23cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; Base: 46x34 (cumprimento x largura);	
AUTORIA	PRODUÇÃO
Desconhecida;	Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;

DATAÇÃO

Desconhecido – É já mencionada na procissão das Cinzas de 1672, contudo, seria representado pela escultura de vulto do meso, em madeira, datada do séc. XVII, guardada nas reservas da CMAS. A escultura atual é posterior, possivelmente oriunda de uma das reformas da procissão realizadas no séc. XVIII/XIX.

CONSERVAÇÃO

Estado: Regular. Foram detetadas lacunas na policromia e manchas de humidade, bem como fissuras na madeira e articulações; (Data: 25/03/2022);

Intervenções: Desconhecidas – Segundo o registo oral da zeladora da imagem, o mesmo foi alvo de uma intervenção na década de 2010, face a uma infestação;

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem anatomizada, em madeira, articulada nos ombros e cotovelos, com pintura de carnações nas partes expostas; Olhos de vidro;

COMPONENTES

COMPONENTES

- Resplendor;
- Cabeleira;
- Cetro;
- Coroa real;
- Almofada;
- Coroa de espinhos com cravos;
- Roquete;
- Vestido;
- Corda;
- Cordão com pendente;
- Estola;
- Manguitos;
- Manto;
- Túnica interior;

Nº DE ITENS	• 15
DESCRIÇÃO	• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); com 40x40cm (cumprimento x largura), sem contar com a altura da base; • Cetro – Em Prata (não foi encontrada a marca), com 43cm de comprimento; • Cordão com pendente – Cordão dourado com borla na ponta, fio de ouro (?), ornamentada com pedras coloridas. Com 64cm de comprimento; • Estola – Em arminho, com 32x45cm (cumprimento x largura); • Roquete – Em linho branco (?), rematado com renda branca na base e nas mangas, com estrelas douradas bordadas e fio de ouro; Colarinho rematado com renda branca; possui 79x77cm (cumprimento x largura); • Coroa de espinhos com cravos – Em Prata (não foi encontrada a marca), com 18x18cm (cumprimento x largura); • Coroa real – Em Prata, com 13x18cm (cumprimento x largura); (não foi encontrada a marca); • Almofada – Forrada em veludo azul cetim azul, rematado com cordão azul e dourado e borlas douradas nos quatro cantos da mesma; com 44x44cm (cumprimento x largura); • Manguitos – Em veludo castanho, com remate a renda branca na zona superior, forrado a cetim e com botões castanhos em feitiço (possui molas cozidas para prender); com 21x28cm (cumprimento x largura); • Manto – Em veludo azul, é forrado a cetim amarelo; todo o comprimento do manto é rematado a arminho branco; 190x190cm (cumprimento x largura); • Vestido – Em veludo castanho, forrado a cetim castanho; possui motivos florais bordados na parte dianteira do mesmo e nos punhos; com 140x55cm (cumprimento x largura); • Corda – Com cinco nós e 150cm de comprimento, é rematada por uma borla dourada; • Cabeleira – Em cabelo natural (?);

	• Túnica interior – Em linho branco, de abotoar nas costas, em todo o comprimento da mesma;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cetro – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cordão com pendente – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Estola – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Roquete – Bom: Foi encontrada alguma sujidade e amarelecimento do tecido; • Coroa de espinhos com cravos – Bom: Natural sujidade e oxidação da prata; • Coroa real – Mau: Foram encontradas fissuras na zona superior da peça; natural sujidade e oxidação da prata; • Almofada – Regular: Manchas de humidade e natural sujidade; • Manguitos – Mau: Veludo em muito mau estado; lacerações e amarelecimento da renda; • Manto – Bom: Natural sujidade e marcas dos vincos dada a forma de guardar; • Vestido – Mau: Veludo em muito mau estado; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cabeleira – Regular: Peça apresenta um razoável estado de conservação; • Túnica interior – Bom: Amarelecimento do tecido e natural sujidade;

NOTAS	Não foi possível apurar a datação ou proveniência de nenhum dos objetos, à exceção da túnica e do roquete, presumivelmente fruto de um melhoramento tido no ano de 1900, pela zeladora de então, Maria José de Oliveira Pinto.¹⁹⁹ Através da comparação e recolha de espólio documental, foi possível apurar a falta do cordão de rei no enxoval da imagem. No semanário A DISCUSSÃO, na edição de 4 de março de 1900, são mencionados melhoramentos no andor.
DATA	25/03/2022

¹⁹⁹ Sem autor (1900, 11 de março) Ordem Terceira, *A Discussão*, p. 3.

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros);
musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: José Carlos Fonseca – Procissão dos Terceiros de 2019;

Ficha de Inventário nº 9 – Santa Isabel da Hungria



Fotografias: Margarida Martins – 23/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada; Denominação: Santa Isabel da Hungria; Título: Santa Isabel da Hungria; Outras Denominações: Santa Isabel Rainha da Hungria; Nº de Inventário: Nº 11 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 175, Inventário de 1975;	Presente no grupo II da Procissão dos Terceiros, enverga o hábito de franciscana, bem como os seus principais atributos, o saco do pão a coroa imperial e o cetro real. Filha do Rei André II e de Gertrudes de Andechs-Merano, casou aos catorze anos com Luís IV da Turíngia e teve três filhos. Teve um imenso lado missionário junto dos mais pobres, o que não era bem visto aos olhos da corte, sendo as suas práticas objeto de bênçãos divinas. Ficou viúva aos 20 anos e tomou o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco.
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 166x40x30cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor e sem peanha; Base: 48x32cm (cumprimento x largura);	
AUTORIA	PRODUÇÃO
Desconhecida;	Oficina/Fabricante: Desconhecido; Local de Execução: Desconhecido;

DATAÇÃO

Desconhecida – Não foi até então encontrada qualquer referência à aquisição desta imagem, porém, é antiga a presença de Santa Isabel da Hungria na procissão dos Terceiros, mencionada já em 1672. Quanto à imagem atual, são visíveis um conjunto de semelhanças estilísticas e técnicas entre esta e a imagem de Santa Margarida de Cortona (antiga Santa Isabel de Portugal), que indica que possamos estar perante uma aquisição de inícios do século XIX.

CONSERVAÇÃO

Estado: Regular. Foram detetadas algumas fissuras, problemas nas articulações dos ombros e cotovelos, humidades e sujidades acumuladas; (Data: 23/03/2022);

Intervenções: No semanário A DISCUSSÃO, na edição de 4 de março de 1900, é mencionada a reforma completa do andor, a expensas da zeladora de então, Thereza de Oliveira Gomes.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem de vulto em madeira, articulada nos ombros e cotovelos, com pintura de carnações nas partes expostas; São ainda pintados os sapatos, bem, e uma túnica azul, que cobre a totalidade da imagem; abaixo do joelho surgem pintadas as meias; Olhos de vidro;

COMPONENTES

COMPONENTES

- Resplendor;
- Cabeleira;
- Véu;
- Corda;
- Corda de rainha;
- Manto;
- Vestido;
- Manguitos;
- Gargantilha;
- Sapatos;
- Saco do pão;

	• Almofada; • Cetro real e Coroa Imperial; • Roupa Interior;
Nº DE ITENS	• 17
DESCRIÇÃO	• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); com 32x32cm (cumprimento x largura), sem contar com a altura da base; • Sapatos – Em veludo preto com bordado em fio dourado; com 21,5x7cm (cumprimento x largura); • Manguitos – Em fazenda castanha fina, com seis botões falsos e remate a renda branca; com 24x11cm (cumprimento x largura), tem molas cozidas para prender na imagem; • Gargantilha – Em renda branca franzida com duas camadas. 36cm (cumprimento); • Corda de Rainha – Com quatro nós, um deles grande, é feito em cordel branco com entrançado vermelho no nó maior, com 76cm (cumprimento); • Corda – Com cinco nós, possui 200cm de comprimento; é rematada por duas borlas douradas nos cantos; • Véu – Em tule bege, rendado com motivos florais, possui 70x127cm (cumprimento x largura); • Saco – Em cetim branco, com corda aplicada e franzido no remate da boca, com duas borlas douradas no remate da corda; com 85x39cm (cumprimento x largura); • Vestido – Em fazenda castanha, com bordados em fio dourado na parte dianteira e aplicação de galões no rebordo das mangas; possui 127x70cm (cumprimento x largura); • Manto – Em fazenda castanha, com aplicação de galão dourado em todo o remate do mesmo; possui 222x275cm (cumprimento x largura); • Cabeleira – Em cabelo natural (?); • Almofada – Em cetim branco, com motivos florais bordados em lilás, verde e rosa; com aplicação de cordão dourado em todo o

	rebordo; possui 50x35cm (cumprimento x largura); • Cetro real e Coroa imperial – Em prata (não foi encontrada marca); possui 50cm de comprimento (o cetro); • Roupa interior – Duas peças (saiote e túnica), em linho branco, com aplicações em renda nos rebordos da saia e no peitilho;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Sapatos – Bom: Natural sujidade; • Manguitos – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Gargantilha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda de Rainha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Véu – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Saco – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Vestido – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cabeleira – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Almofada – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cetro Real e Coroa Imperial – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

	Roupa Interior – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;
NOTAS	Á exceção das peças em prata, todos os restantes elementos foram adquiridos às expensas da zeladora Rosa da Assunção Dias da Silva, com o passar dos anos, alterando assim as vestes primitivas, guardadas nas reservas da CMAS. Embora não sejam alvo de inventariação neste, ressalvamos também a aquisição das “vestes do ano” da imagem, pela mesma zeladora; Embora não descritas de forma específica, são mencionados melhoramentos nos adornos deste andor no JORNAL D’OVAR, na edição de 8 de março de 1908.
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: Fernando Pinto – Procissão dos Terceiros de 2013;

Ficha de Inventário nº 10 – Santa Isabel de Portugal



Fotografias: Margarida Martins – 25/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada; Denominação: Santa Isabel de Portugal; Título: Santa Isabel Rainha de Portugal; Outras Denominações: Rainha de Portugal; Nº de Inventário: Nº 17 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917); Nº 174, Inventário de 1975;	Do grupo II da Procissão dos Terceiros, representa a reconhecida Rainha de Portugal, com hábito de franciscana, e com o seu atributo mais reconhecido, as rosas, fruto do milagre com o mesmo nome. “A fortuna de bens em que vivia na côrte serviu para distribuir pelos pobres, conventos, igrejas, e ainda fundar hospitais. A sua missão foi sempre cheia de caridade e amor, procurando conciliar sempre aqueles que entre si se desavinham por aquela questão. Depois de viúva recolheu-se ao Convento de Santa Clara, em Coimbra, onde continuou exercendo as suas obras de caridade para com os pobres e doentes.”
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 156x42x30cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor; A imagem não tem base;	
AUTORIA	PRODUÇÃO
A.A. Estrella (segundo inscrição na imagem);	Oficina/Fabricante: A.A. Estrella Local de Execução: Porto;

DATAÇÃO

Adquirida em finais do séc. XIX, graças a uma comissão. O novo andor foi benzido a 13 de março de 1892, na Capela da Sr.ª da Graça. C.f ARADA E COSTA, H. R. O, 29/31

CONSERVAÇÃO

Estado: Bom. Foram detetados alguns destacamentos de policromia na face da imagem. Natural sujidade; (Data: 25/03/2022);

Intervenções: Desconhecidas;

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Materiais e Técnica: Imagem de vulto em madeira, articulada nos ombros e cotovelos, com pintura de carnações nas partes expostas; Toda a imagem é coberta por uma túnica azul pintada, de tonalidade distinta nos membros inferiores; Olhos de vidro; A imagem não possui base;

COMPONENTES

COMPONENTES

- Resplendor;
- Sapatos;
- Meias;
- Manto;
- Vestido;
- Corda;
- Corda de rainha;
- Cabeleira;
- Véu;
- Gargantilha;
- Rosas;
- Almofada;
- Cetro Real e Coroa Imperial;
- Roupas Interiores;

Nº DE ITENS

- 17

DESCRIÇÃO

- Resplendor – Em Prata, rematado ao centro com pedra lilás e enquadrado com outras

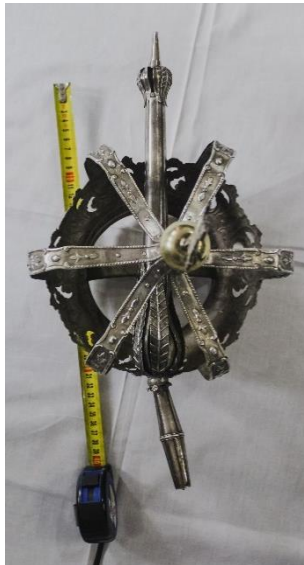
	quatro pedras da mesma cor; com 26x26cm (comprimento x largura), sem contar com a altura da base; • Sapatos – Em fazenda castanha, sem sola, com aplicação de bordado dourado; • Almofada – Em brocado roxo escuro, rematado com galão dourado em todo o rebordo, com três borlas douradas nos cantos (falta uma); com 45x30cm (comprimento x largura); • Gargantilha – Em renda branca franzida, com 36x12cm (comprimento x largura); • Vestido – Em veludo castanho, com remate a galão dourado nos rebordos do vestido, punhos e pescoço; com 124x58cm (comprimento x largura); • Manto – Em veludo castanho, forrado a cetim acastanhado, com aplicação de duas camadas de galão dourado em todo o comprimento da peça; com 210x270cm (comprimento x largura); • Corda de Rainha – Com três nós, um deles grande, é feito em cordel branco; 61cm (comprimento); • Corda – Com quatro nós, possui 184cm de comprimento; • Véu – Em tule bege, rendado com motivos florais, possui 143x77cm (comprimento x largura); • Cabeleira – Em cabelo natural (?); • Cetro Real e Coroa Imperial – Em prata (não foi encontrada marca); • Rosas – Em ramo, são trabalhadas em arame e tecido; • Meias – Em lã branca; • Roupas Interior – Camisa de noite branca, em linho (?), de abotoar em todo o comprimento das costas, com aplicação de rendas no peito, pescoço e rebordo dos punhos e saia;
ESTADO	• Resplendor – Mau: Peça necessita de uma intervenção urgente dado o avançado estado de degradação. Fragmentação; Oxidação da prata; • Sapatos – Regular: Foram encontrados fragmentos de cola e natural sujidade;

	• Meias – Mau: Lacerações no tecido; amarelecimento das peças; manchas de humidade e natural sujidade; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Vestido – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda de rainha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Cabeleira – Regular: Peça apresenta um razoável estado de conservação; • Véu – Bom: Amarelecimento do tule, natural sujidade; • Gargantilha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Rosas – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Almofada – Muito Mau: Peça necessita de uma intervenção urgente dado o avançado estado de degradação. Fragmentação; • Cetro Real e Coroa Imperial – Mau: Peça necessita de uma intervenção urgente dado o avançado estado de degradação. Fragmentação; Oxidação da prata; • Roupa Interior – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;
NOTAS	À exceção das peças em prata, rosas e corda, todos os restantes elementos foram adquiridos às expensas da atual e anterior zeladora da imagem, alterando assim as vestes primitivas, bordadas a fio de ouro, guardadas nas reservas da CMAS.

DATA	25/03/2022
-------------	------------

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS







ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: CMO – Procissão dos Terceiros de 2019;

Ficha de Inventário nº 11 – Santo António de Lisboa



Fotografias: Margarida Martins – 21/03/2022

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA		DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA	
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada; Denominação: Santo António de Lisboa; Título: Santo António de Lisboa; Outras Denominações: Santo António de Pádua; Nº de Inventário: Nº 13 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Nº 180, Inventário de 1975;		Componente do segundo grupo da Procissão dos Terceiros, é aqui representado iconograficamente com os seus atributos mais reconhecidos, o Menino Jesus, o rosário e as vestes de franciscano; Inicialmente, terá pertencido à Ordem dos Cónegos Regulares da Santa Cruz, todavia, em 1220, tornar-se-á franciscano, viajando por Portugal, Itália e França. Em 1221 fez parte do Capítulo Geral da Ordem em Assis, convocado por S. Francisco de Assis. Posteriormente fora nomeado mestre de Teologia em Bolonha, tornando-se também o primeiro Doutor da Igreja franciscano; A sua fama de santidade levou-o a ser canonizado pouco depois de falecer.	
DIMENSÕES (CM)			
Escultura: 173x43x30cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem roupa e sem resplendor; Base: 54x40cm (cumprimento x largura);			
AUTORIA		PRODUÇÃO	
Amálio Maia		Oficina/Fabricante: Maías – Irmãos; Local de Execução: Cidadelha – Castelo da Maia;	
DATAÇÃO			
1970 – século XX;			

CONSERVAÇÃO		INFORMAÇÃO TÉCNICA	
Estado: Bom; (Data: 21/03/2022); Intervenções: A imagem de Santo António nunca foi intervencionada. A do Menino Jesus foi restaurada em 2006, às expensas da zeladora do andor de então, Florbela Mendonça²⁰⁰		Materiais e Técnica: Imagem de madeira, de vulto inteiro, com pintura de carnações nas partes visíveis; Olhos de vidro;	
COMPONENTES			
COMPONENTES		• Resplendor; • Botões de Punho; • Capucho; • Corda; • Rosário; • Manto; • Hábito; • Menino Jesus; • Roupa Interior;	
Nº DE ITENS		• 10	
DESCRIÇÃO		• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (38X38cm, sem contar com a altura da base); • Botões de Punho – Em ouro, com pedra ao centro; • Corda – Com quatro nós e 110cm (cumprimento); • Rosário – Com contas pretas, em madeira; Cristo no crucifixo dourado; 112cm;	

²⁰⁰ Ata Nº 93 - Livro de Atas (janeiro de 1985-outubro de 2014)

	• Capucho – Em fazenda castanha, com 68x60cm (cumprimento x largura); • Manto – Em fazenda castanha, (120cm – altura na costura); possui um orifício aberto no peito onde é colocada a imagem do Menino Jesus; • Roupa Interior – Camisa com mangas e túnica de linho branco sem mangas; é nos punhos da camisa que são apertados os punhos de ouro; Ambas as peças possuem um orifício aberto no peito onde é colocada a imagem do Menino Jesus; • Hábito – Em fazenda castanha, (140X120cm); possui um orifício aberto no peito onde é colocada a imagem do Menino Jesus; • Menino Jesus – Em madeira policromada, com 57x40x32cm (altura x largura x profundidade); possui trave de encaixe saliente;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Botões de Punho – Regular: Oxidação do metal e natural sujidade; • Capucho – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Rosário – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

	• Hábito – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Menino Jesus – Bom: Foram detetadas algumas rachadelas na imagem; natural sujidade; • Roupa Interior – Bom: Amarelecimento do tecido e natural sujidade;
NOTAS	Através de comparação com fotografia antiga, detetamos a presença de um terço em prata que seria colocado na mão direita do santo, contíguo ao menino Jesus, bem como um cordão dourado rematado com borla pendurado no pescoço do santo. Questionada a zeladora pela falta, percebemos que o mesmo já não é colocado à algumas décadas, desconhecendo-se a razão ou o paradeiro de ambos; Face à ausência de registos, presumivelmente, as vestes atuais deverão corresponder às primitivas da imagem.
DATA	21/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS





ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: UFO – Procissão dos Terceiros de 2018;

Ficha de Inventário nº 12 – Santa Clara de Assis



Fotografias: Margarida Martins – 23/03/2022

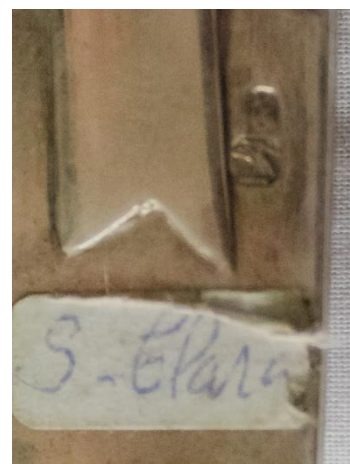
IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA	DESCRIÇÃO E ICONOGRAFIA
Instituição/Proprietário: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar; Super-categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas; Categoria: Escultura, Imaginária; Subcategoria: Imagem de Vestir, mista, articulada; Denominação: Santa Clara; Título: Santa Clara de Assis; Outras Denominações: Inexistente; Nº de Inventário: Nº 12 do Livro de Registos; Nºs de Inventário Anteriores: Mencionada na página 7 do Livro de Tombo de Bens da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da freguesia de S. Christóvão de Ovar (1917), acrescentada em 1957; Nº 179, Inventário de 1975;	Do segundo grupo da Procissão dos Terceiros, encontra-se representada com o hábito de clarissa, e com o seu principal atributo, a sagrada custódia. <i>“Nasceu, como S. Francisco, em Assis, e foi educada muito cristãmente. Tendo ouvido um dia pregar o Santo sentiu que era chamada por Deus para ser a grande auxiliar da obra começada. Recebeu o hábito das próprias mãos de S. Francisco e recolheu-se a um convento de beneditinas, tendo sempre resistido aos apelos de sua família que insistia em que voltasse para casa. Mais tarde uma sua irmã foi juntar-se-lhe no convento e ambas, sob a orientação de S. Francisco, fundaram o primeiro mosteiro da ordem das Clarissas, ramo feminino dos franciscanos.”</i>
DIMENSÕES (CM)	
Imagem: 173x42x43cm (altura x largura x profundidade) – medidas tiradas sem o resplendor e sem peanha; Base: 51x52cm (cumprimento x largura);	
AUTORIA	PRODUÇÃO
Amálio Maia;	Oficina/Fabricante: Maías – Irmãos; Local de Execução: Cidadelha – Castelo da Maia;

DATAÇÃO	
1958 – século XX;	
CONSERVAÇÃO	INFORMAÇÃO TÉCNICA
Estado: Bom. Foram detetados alguns destacamentos de policromia nas zonas expostas, bem como fissuras nos dedos; (Data: 23/03/2022); Intervenções: A imagem nunca foi intervencionada;	Materiais e Técnica: Imagem em madeira de cedro policromado de vulto inteiro, articulada nos ombros e cotovelos;
COMPONENTES	
COMPONENTES	• Resplendor; • Medalha; • Sagrada Custódia; • Hábito; • Manto; • Corda; • Rosário; • Véu; • Barrete (?); • Roupas Interiores;
Nº DE ITENS	• 11
DESCRIÇÃO	• Resplendor – Em Prata, dourada ao centro e com pedra/vidro/gema (?); (30x30cm, sem contar com a altura da base); • Medalha/Alfinete – Em Prata, com a imagem da Imaculada Conceição gravada; com 4x4cm (cumprimento x largura);

	• Aliança – Em Ouro branco, embutida no dedo anelar da mão esquerda da imagem; • Rosário – Com 115cm de comprimento, em contas pretas de madeira; • Sagrada Custódia – Em Prata, contém a relíquia de Santa Clara autenticada; com 50x16cm (comprimento x largura); • Corda – Com cinco nós e 346cm (comprimento); • Hábito – Em fazenda castanha, com 137x111cm (comprimento x largura); • Manto – Em fazenda castanha simples; • Barrete – Em linho branco, com 48x54cm (comprimento x largura); • Véu – Em linho preto (?), com rebordo branco;
ESTADO	• Resplendor – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Medalha – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Aliança – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Rosário – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Sagrada Custódia – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Corda – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Hábito – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Manto – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação; • Barrete – Bom: Foram denotadas algumas lacerações e furos na peça face à medalha que nela é presa; • Véu – Muito Bom: Peça em perfeito estado de conservação;

NOTAS	O véu foi cosido recentemente, retirando o estado original da peça presa por alfinetes pretos; Foi ainda dada a falta de um anel em ouro. Questionada a zeladora sobre a falta do anel, a mesma alegou que este terá sido perdido numa procissão (presumivelmente nos últimos cinco anos);
DATA	23/03/2022

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS





ORIGEM

Proveniência/Historial: Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar;

Função Inicial/Alterações: Função devocional, processional (Procissão dos Terceiros); musealizada;

LOCALIZAÇÃO

Casa Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de S. Francisco de Ovar

OUTRAS IMAGENS



Fotografia: José Carlos Fonseca – Procissão dos Terceiros de 2019;

